

A woman with long blonde hair, wearing a white off-the-shoulder dress with a large white flower in her hair, is looking out from a stone archway. A black crow is flying towards her. The scene is set in a forest with falling leaves.

Ariela Pereira

*A Primeira
Noite*



A PRIMEIRA

NOITE

Ariela Pereira

Copyright© 2015 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1º Edição

2015

Índice

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)

[CAPÍTULO XXVIII](#)

[CAPÍTULO BÔNUS](#)

Na noite de Natal de 1130, Rogério II, filho de Rogério de Altavila, foi nomeado rei de Sicília e duque da Apúlia e Calábria, criando assim na Itália meridional um Estado de dimensões consideráveis: o Reino normando da Sicília. Ele estendeu o domínio normando com a conquista do Ducado de Nápoles (1137) e, com Assise di Ariano (1140), conferiu ao seu Reino uma organização feudal rigidamente hierárquica e estreitamente ligada à pessoa do soberano

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Sic%C3%ADlia

CAPÍTULO I

Sicília, sul da Itália, 1141

Ferdinando.

Não consigo parar de olhar para ela, meus olhos atentos registrando cada um dos seus movimentos delicados, frágeis, femininos. Está completamente nua, preparando meu chá ao pé da plataforma de argila, sobre a qual jazem as fumegantes labaredas nas lenhas. Apesar de possuir a pele morena ainda é possível ver as marcas deixadas pelas minhas mãos nas suas nádegas durante a noite quente de sexo que tivemos. As marcas das amarras também ainda estão nos seus pulsos.

Beatrice não é uma mulher muito grande, tem cerca de um metro e sessenta de altura; vinte e dois anos de idade; longos cabelos castanhos e olhos da mesma cor. Não era a garota mais bonita do prostíbulo quando a conheci, mas quente e obediente o bastante para satisfazer meus mais exigentes desejos carnaais. Por isso comprei uma casa para ela, em Catania, a cidade mais próxima ao Feudo, e a tornei minha concubina, de forma que seu único objetivo de vida agora é servir-me sexualmente.

Estou sentado numa cadeira de fibras de palhas, vestido, pronto para sair. É madrugada e preciso chegar ao Feudo antes do raiar do dia, ou os malditos servos aldeões me verão e arranjarão uma forma de que chegue ao conhecimento do rei o fato de que visito uma concubina na cidade, traindo a confiança da sua filha, a princesa Fiorenza de Altavila, com que fiz a besteira de me casar.

Quando conheci Fiorenza, há doze anos, era muito jovem, viajava com meu pai, capitão de um navio normando que fazia o transporte de cereais da Sicília para outros países da Europa. Pretendia sucedê-lo naquele trabalho, mas, na época acreditei estar perdidamente apaixonado por ela e vice versa. Era uma paixão que rompia qualquer norma imposta pela sociedade. Porém, após o matrimônio Fiorenza passou a mostrar-se uma mulher fria, autoritária, com a saúde debilitada, incapaz de sucumbir aos meus desejos carnaais, o que me faz procurar por prazer nos braços de mulheres como Beatrice.

Um ano após o casamento, seu pai Rogério tornou-se rei da Sicília e com o objetivo de manter o poder sobre todas as cidades, apresentou suas outras quatro filhas à sociedade, arranjando-lhes casamentos com descendentes de famílias nobres, atribuindo-lhes títulos de duques das cidades em questão. Quanto a mim, que não sou de família nobre e me casei por causa do maldito amor, me fez seu vassalo, doando-me terras de um feudo no meio do nada, onde vivo isolado da sociedade, distante do mar, preso a um casamento sem amor, com uma mulher doente, incapaz sequer de me dar um filho e como se não bastasse, ainda tenho que lidar com camponeses ignorantes, descendentes dos malditos Sarracenos, de quem herdaram a preguiça e a estupidez.

Beatrice aproxima-se com o chá de hibisco numa xícara de cerâmica, os movimentos sensuais das suas curvas bem feitas arrancando-me dos meus pensamentos. Ajoelha-se aos meus pés, como um

animalzinho indefeso que precisa da minha proteção, entregando-me a xícara.

— Seu chá meu senhor. — Diz, a voz tão frágil quanto sua aparência.

Ingiro um gole do líquido marrom, fumegante, que tem gosto de despedida, pois sempre o prepara antes da minha partida nas três noites da semana em que venho visitá-la.

Matem-se ajoelhada diante de mim, a cabeça recostada na minha perna, quando então levo a mão aos seus cabelos macios, acariciando-os. Ela ergue o rosto para me encarar, umedecendo os lábios com a língua, provocantemente, enquanto seus olhos parecem suplicar. É o suficiente para que meu membro volte a enrijecer, como esteve durante quase toda a noite, penetrando todos os seus orifícios.

Não há tempo para ficar excitado, afinal a aldeia fica há duzentos quilômetros de distancia e preciso estar lá antes que os servos acordem. Todavia, nunca fui bom em controlar minha libido. Então, afasto as roupas do caminho, tirando pênis duro, sem mudar de posição. Seguro firmemente os cabelos de Beatrice, erguendo-a do chão, levando sua boca até minha ereção, fazendo-a engoli-lo, movendo sua cabeça para cima e para baixo, num ritmo acelerado.

— Engole tudo minha putinha. Você não quer acabar com meu casamento? Então pelo menos que valha à pena.

Continuo segurando seus cabelos com força, fazendo-a mover a cabeça naquele ritmo acelerado, levando meu membro até sua garganta, engasgando-a. Logo percebo que não vou conseguir gozar desta maneira.

— Fique em pé. — Ordeno, com autoridade. Ela obedece, colocando-se em pé diante de mim. — Abra as pernas. — Ela abre.

Admiro mais uma vez a beleza das suas curvas bem feitas, seu sexo coberto por uma rala camada de pelos negros, completamente à minha disposição, para que eu faça o que quiser, como quiser, quando quiser, o que me proporciona uma sensação de poder sobre ela que me excita mais que qualquer outra coisa.

Ainda sentado, levo a mão até sua intimidade, introduzindo dois dedos na sua vagina, constatando o quanto está molhada, preparada para me receber e mais uma vez sou vencido pelo desejo carnal.

— Monte-me Beatrice. — A ordem parte com a voz entrecortada pela respiração ofegante.

Obediente, ela abre mais as pernas, colocando uma de cada lado da cadeira onde estou, descendo o troco devagar, encaixando meu membro na sua entrada lubrificada, permitindo a penetração, até que eu esteja todo enterrado em nela, as paredes molhadas da sua vagina apertando-me, deliciosamente. Passa a mover-se para cima e para baixo, freneticamente, gemendo, sibilando, puxando o ar pela boca, proporcionando-me o mais intenso dos prazeres.

Tomado pela luxúria, seguro seus cabelos longos por trás, enrolando-os na minha mão, puxando-os, fazendo-a arquear as costas, quando então coloco um dos seus peitos na minha boca, sugando-o com força, lambendo o mamilo intumescido, ao passo em que ela geme mais alto. Faço o mesmo com o outro peito, extraindo dali todo o meu prazer.

Gostaria de prolongar isto por mais tempo, mas preciso voltar para casa. Então, seguro firme nos seus quadris, levando-a para cima e para baixo, bruscamente, afundando-me nela com estocadas violentas, que a levam ao êxtase.

Quando ela para de convulsionar é a minha vez de gozar. Retiro-me do seu interior, já que não quero ser pai do filho de uma meretriz e ejaculo sobre meu abdômen, masturbando-me.

Dócil como uma cadelinha, ela leva a boca até ali, lambendo todo o meu sêmen, deliciando-se.

Ajeito minhas vestes de volta no lugar, apressadamente. Deixando algumas moedas sobre o fogão

de argila, despeço-me com um demorado beijo na boca e deixo o casebre.

Do lado de fora está frio, uma nevoeiro branco oculta as ruas da cidade. Cubro minha cabeça com o capuz da minha capa preta, monto meu cavalo e parto, numa corrida veloz, esperando que haja tempo de chegar à aldeia antes de clarear.

Na floresta está ainda mais frio que na cidade. Maldito país que durante o dia faz um calor escaldante e a noite um frio tão gélido. Tenho dificuldade em desviar o animal das árvores gigantescas no caminho, por causa do denso nevoeiro, mas ainda assim continuo correndo, sem saber ao certo se ainda estou na trilha.

Está quase amanhecendo, quando me aproximo do feudo, embora ainda não enxergue quase nada por causa do nevoeiro.

De repente um outro cavalo e seu cavaleiro atravessam o meu caminho, como se surgissem do nada, ambos os cavalos assustando-se com o encontro inesperado, relinchando e atirando-se para trás derrubando-nos igualmente no chão.

Não sei quem é o outro cavaleiro, vi apenas que usa capa preta e capuz, como eu. Pode ser facilmente um inimigo da coroa. Pensando nisso, empunho minha espada rapidamente, levantando-me do chão, avançando para ele. Ao aproximar-me, fico paralisado.

Trata-se de uma garota. Ainda está no chão, o capuz caído expondo os densos cabelos louros, o rosto muito jovem. Parece machucada e quando olha-me de baixo, demonstra reconhecer meu rosto, colocando-se imediatamente de joelhos.

— Perdoe-me meu senhor, não tive a intenção de tomar-lhe a frente. — Fala, com tom de suplica.

Sua voz meiga, unida à sua postura de servilismo, despertam em mim pensamentos que preciso evitar em relação às servas do Feudo. Estas tenho o direito de possuir apenas na sua primeira noite de casadas, ocasiões em que me divirto bastante iniciando as virgens no mundo do prazer. Se cobiçasse uma delas, especialmente uma tão jovem quanto esta, sendo casado e uma autoridade, provavelmente seria excomungado pelo clérigo.

— Levante-se serva! — Ordeno.

Ela levanta-se do chão com dificuldade, pois aparentemente tem o pé machucado, colocando-se diante de mim. Estudo atentamente seu rosto, se o tivesse visto antes o reconheceria, pois é um rosto que não se esquece facilmente: tem a pele rosada e delicada; a boca bem desenhada; o nariz ligeiramente arrebitado e imensos olhos azuis, que me fitam apavorados. É ainda mais jovem que deduzi, tem cerca de dezessete anos de idade.

No entanto, ela parece me reconhecer, já que se dirigiu a mim como senhor.

— Quem é você e que faz aqui a esta hora? — Pergunto.

— Sou Annabella Gallucci, sua serva meu senhor. — Se ela não parar de me chamar de senhor, com esta voz meiga, vou acabar possuindo-a aqui mesmo. — Estava cavalgando antes da minha família acordar, pois não gostam que eu faça uso do cavalo. Moro na aldeia, sou sua serva, meu senhor.

Maldição! Uma agourenta aldeã! Se espalhar o boato de que me viu chegar ao Feudo a esta hora logo o rei saberá e deduzirá que traio sua filha.

Não compreendo como ela foi capaz de me reconhecer tão depressa em meio à escuridão, se são raras minhas saídas do castelo para a aldeia.

— Preste bem atenção, Annabella, se alguém tomar conhecimento de que você me viu aqui, a esta hora, você e sua família serão expulsos das minhas terras. Fui claro?

Vejo todo o seu corpo estremecer. Ótimo, fui persuasivo.

— Minha boca é um tumulto, senhor.

— Assim espero.

Antes de afastar-me, examino mais uma vez aquele rosto lindo, lembrando a mim mesmo que um dia ela será minha, para deflorar e espero que esse dia chegue logo.

Sem mais palavras, subo no meu cavalo e afasto-me devagar, quando então percebo que ela tenta fazer o mesmo e não consegue, devido ao machucado adquirido na queda. Por alguma razão que desconheço, quero voltar e ajudá-la, mas não posso, preciso chegar ao castelo antes que os demais da sua raça despertem.

Cavalgo mais alguns metros e não consigo prosseguir. Então volto, salto do animal, vou até ela, erguendo-a nos meus braços, montando-a no seu cavalo.

— Fico muito grata senhor.

— Me agradeça evitando deixar-me vê-la outra vez.

Volto para a minha montaria e desta vez parto numa corrida veloz através da floresta sombria, tomada pelo nevoeiro.

CAPÍTULO II

Dois anos depois.

Annabella.

Não compreendo porque gosto tanto de viver se a vida é tão injusta. É injusto que o senhor Feudal viva em um castelo enorme de pedras, enquanto nós aldeões moramos em casebres miseráveis, construídas de argila, madeira e palha e ainda tenhamos que trabalhar para sustentar toda a família dele, cujos membros não fazem nada que não nos vigiarem junto aos soldados do rei; é injusto que eu seja a filha mais velha de uma família de oito irmãos, dos quais sou obrigada a cuidar enquanto nossa mãe ajuda nosso pai na lavoura; é injusto que minha melhor amiga esteja se casando hoje, realizando o sonho que é meu, de ter meu próprio marido e filhos para cuidar, sendo que jamais o farei, devido ao fato de que meu pai tem muitas bocas para sustentar e nenhuma condição financeira de me pagar um dote.

Devia ter sonhado em ir para o convento, como certamente minhas irmãs mais jovens irão um dia. Quanto a mim, aos dezenove anos de idade, estou muito velha para isto, portando resta-me apenas continuar minha árdua tarefa de cuidar da casa e dos irmãos.

Todas as mulheres da aldeia têm receio do casamento, porque são obrigadas a passarem a primeira noite de núpcias na cama do senhor Feudal, cumprindo o direito dele da prima nocte.

Apesar de não deixar o castelo com muita frequência, atribuindo aos soldados e aos seus primos, Benito e Fabrizio, a tarefa de vigiar nosso trabalho na lavoura, corre aos sete cantos o boato de que ele é um demônio em pele de gente, o pior ser humano que já pisou na face da terra, um verdadeiro carrasco que maltratou a esposa durante tanto tempo que acabou levando-a à morte.

Não duvido nem um pouco de que tais boatos sejam verdadeiros, pois ainda me recordo das suas palavras duras, do seu olhar demoníaco, apesar do belo rosto, na ocasião em que o encontrei acidentalmente durante uma madrugada em que cavalgava às escondidas nos arredores do Feudo, há dois anos. Apesar de ter se dado ao trabalho de voltar para me ajudar a montar o cavalo, não pude deixar de notar que tinha olhos de um demônio plantados num rosto angelical. Desde então tenho evitado cruzar o caminho dele, como me ordenou, nunca mais voltei a cavalgar ou comentei com alguém o lamentável episódio.

O casamento de Gabriella, minha melhor amiga, estava marcado para daqui a sete luas, porém, com a morte da princesa Fiorenza, a esposa do senhor Feudal, ocorrida na noite anterior, enquanto dava à luz ao seu primeiro filho, o noivo pediu ao padre que realizasse a cerimônia hoje, pois talvez devido ao ocorrido o senhor se encontre indisposto a ponto de abrir mão do seu direito à prima nocte, poupando assim Gabriella de passar sua primeira noite de casada na cama dele, portanto o casamento foi realizada no início desta tarde, sendo que agora todos comemoramos reunidos numa

festa, regada a churrasco de carneiro e musica animada, realizada na parte central da aldeia, que se localiza atrás do castelo, embora os casebres se espalhem em torno de toda a gigantesca construção de pedras, rodeada por um lago de águas límpidas e mais adiante pelos mansos servis e senhoriais.

A maioria dos aldeões estão reunidos na festa, usando seus melhores trajes. As moças da minha idade são cortejadas pelos rapazes solteiros, possíveis pretendentes a maridos. Para mim, ninguém olha, pois além de estar sempre carregando meu irmãozinho caçula com dez meses de idade nos braços, estão todos cientes de que meu pai não dispõe de um dote para mim, preço a ser pago ao noivo para que a união seja concretizada.

Inclusive Maurizio Floriani está presente na festa, o rapaz mais bonito da aldeia, por quem não me importaria nem um pouco em ser cortejada.

— Anna, deixa que seguro o bebê enquanto você dança um pouco. — Gabriella declara, deixando a dança ao lado do marido, ainda ofegante pelos movimentos.

— Não precisa, não quero dar trabalho.

— Imagina se você vai sair da minha festa sem dançar um pouco. — Ela toma o pequeno Candido das minhas mãos, empurrando-me para o aglomerado de pessoas que agitam-se freneticamente a sabor da melodia tocada pelo flautista e pelo percussionista.

Meus irmãos maiores correm para perto dos nossos pais, enquanto arrisco alguns passos tímidos, afinal dançar nunca foi o meu forte, já que durante as comemorações estou sempre envolvida com o cuidado das crianças.

Quando Maurizio Floriani, segura minha mão, sorrindo para mim, solto-me um pouco mais, incentivada pela sua atenção a mim dirigida e passo a mover-me mais à vontade no embalo da agitada melodia.

Dançamos em um grande circulo, jogando os pés para a frente e para trás, como se tivéssemos ensaiado os passos antecipadamente.

Maurizio não sai mais do meu lado. Quando a dança exige que se aproxime o suficiente para que sua voz se sobressaia ao som da musica, diz:

— Você está muito bonita hoje.

Ah, minha nossa senhora! Ele está me cortejando! Finalmente aconteceu. Eu sabia que não sou um caso perdido.

Maurizio é um ótimo pretendente a marido, afinal é filho único, trabalhador, católico fiel às normas da igreja, filho obediente e ainda por cima é bonito: tem mais ou menos um metro e setenta de altura; cabelos castanhos lisos; pele mais clara que o normal, já que trabalha no castelo e não é vítima do sol escaldante da lavoura e belos olhos verdes meio puxadinhos.

— Obrigada. Você também está bem. — Falo, quando chegamos perto o suficiente novamente, recordando-me de que uso minha melhor roupa: um vestido verde claro e uma sobreveste de um verde mais escuro por cima, não é a roupa mais elegante do mundo, mas me empresta um ar mais sofisticado. Os cabelos, como sempre, deixo soltos, com apenas duas pequenas tranças partindo da frente, presas uma à outra atrás da cabeça.

Gebriella é a mais bem vestida da festa, usa um vestido branco, ornamentado com fios dourados que imitam o ouro. Tem um ramo de flores e um pequeno véu na cabeça. Está linda e visivelmente feliz. O que não é para menos, pois além de estar se casando com um dos melhores partidos da aldeia, ainda escapará de passar a noite com o senhor feudal, o que nenhuma outra conseguiu antes, todas que se casaram passaram a primeira noite com ele, quando deixaram o castelo na manhã

seguinte, tinham marcas pelo corpo, principalmente nos pulsos e recusaram-se a falar sobre o assunto, a revelar como ele as machucou. Vem acontecendo com todas, desde que me entendo por gente.

A música termina para iniciar outra com o mesmo ritmo animado. Maurizio aproveita o intervalo para convidar-me a sentarmos na longa mesa tosca de madeira dos noivos, colocada ao ar livre, sob a sombra de uma árvore, rodeada de pessoas. Sentamo-nos lado a lado, servindo-nos da succulenta carne de carneiro.

Gabriella, que se encontra na cabeceira da mesa, ao lado do marido, ainda segurando meu irmãozinho caçula, lança-me uma piscadela de olho, ciente do meu contentamento por estar ao lado de Maurizio.

— Tenho reparado o quanto você cuida bem dos seus irmãos e da casa. Tem algo contra o trabalho na lavoura? — Maurizio pergunta.

Nossa! Ele tem reparado em mim?!

— Não se trata de ter algo contra a lavoura. Na verdade é falta de escolha. Meus pais me delegaram tais tarefas desde que tinha quinze anos de idade. Mas um dia estarei cuidando da minha própria casa e dos meus filhos. — Espero que ele tenha entendido a indireta.

— Você é diferente das outras garotas que conheço, Annabella. As demais sonham em ir para o convento, aprenderem a ler e escrever, enquanto você quer apenas cumprir aquilo que Deus determinou para as mulheres.

E isso é ruim?

— O convento nunca foi uma opção, pois além de não ter nenhuma vocação, desde pequena estou incumbida de cuidar dos meus irmãos. Mas certamente será o destino das minhas irmãs, já que nosso pai não tem recursos financeiros para nos pagar o dote.

Acredito que ele se afastará depois da minha declaração de pobreza, mas não acontece.

— Acho que o dote seja desnecessário quando há amor. — Ele está fitando-me fixamente quando pronuncia as palavras e sinto minha face corar.

— Como é o trabalho no castelo? — Pergunto, com o objetivo de disfarçar meu total embaraço ao ouvir suas palavras bonitas.

— É tranquilo, melhor que a lavoura.

— O que exatamente você faz lá?

— De tudo um pouco. Na maior parte do tempo estou ajudando Glória com a limpeza. A parte pesada do processo.

— Tem muitas pessoas vivendo lá? — Agora estou curiosa de verdade.

— Sim. Ao todo somos cinco servos. Os primos do senhor Benito e Fabrizio; as esposas deles Giuliana e Clemenzia e os filhos deles.

Me recordo bem de Fabrizio e Benito, pois sempre vêm à aldeia acompanhados dos soldados, vigiar-nos, mas não me lembro de já ter visto suas esposas.

— É verdade que o senhor do Feudo maltratava a esposa até que ela morreu? — A pergunta parece escapar da minha boca.

Maurizio sorri sem jeito.

— Sinto muito Annabella, mas não posso falar da vida particular do senhor. É contra as normas. Espero que me entenda.

— É, entendo. — Falo, desapontada.

Gabriella entrega o bebê à minha mãe e levanta-se para mais uma dança, convidando-nos a acompanhá-los.

Nos colocamos entre os demais e passamos a nos mover no ritmo da música lírica animada. Agora sim estou me divertindo, pela primeira vez em uma festa, já que durante as outras comemorações estava sempre cuidando dos meus irmãos. Sem falar que os outros casamentos tinham um certo aspecto de velório, devido à obrigação da noiva em cumprir a prima noite, o que certamente não acontecerá com Gabriella.

Ela e seu marido dançam bem próximos a mim e Maurizio, posso ver nos olhos dela o quanto está feliz e isso me contagia, me levando a ansiar, com mais entusiasmo, a chegada do meu próprio casamento, com Maurizio, quem sabe.

Dançamos, comemos, sorrimos e conversamos durante o transcorrer das horas seguintes, está quase anoitecendo quando o terror invade a festa, na forma de um grupo de soldados do castelo, vestidos com armaduras de metal, montados em seus cavalos, nos observando com um arrogante ar de superioridade.

A música cessa, todos ficamos imóveis, silenciando-nos, cientes do que eles querem, embora seja difícil de acreditar.

— Viemos buscar a noiva para que tenha sua prima noite com o senhor feudal. — Declara um dos soldados.

É inevitável, Gabriella grita, dando início a um pranto irrefreável, carregado de desespero, ao mesmo tempo em que o noivo tenta avançar para os soldados, enfurecido, precisando de vários camponeses para segurá-lo no lugar, antes que cometa uma tolice irreparável.

A cena é de cortar o coração, corro para minha amiga em prantos, tomando-a dos braços da sua mãe, estreitando-a nos meus, tentando transmitir-lhe um pouco de segurança, embora isso seja impossível diante do que a espera.

— Seja forte amiga. Você é uma das pessoas mais corajosas que já conheci, vai superar isso. É por uma noite apenas. — Falo.

— Oh, Anna, estou com tanto medo...

Não há tempo para mais palavras. Um outro soldado salta do seu cavalo, arrancando-a do meu abraço, jogando-a sobre o animal, montando atrás dela, retornando para o castelo, junto com os demais.

Todos ficamos chocados, sem voz, sem reação. Ninguém esperava por isso, afinal que espécie de monstro colocaria outra mulher na sua cama um dia depois da morte da esposa? O monstro ao qual pertencemos pelo simples fato de ocuparmos suas terras.

A festa termina ali. Todos voltamos para casa, desolados, com a sensação de que não pertencemos a nós mesmos e a certeza de que o mundo é um poço de injustiças está ainda mais viva em mim.

CAPÍTULO III

Ferdinando.

Da mais alta torre do castelo, observo a movimentação dos servos em meio aos seus casebres lá embaixo. Trata-se de uma festa de casamento. Não se importam que sua senhora e princesa tenha falecido na noite anterior, ou talvez estejam fazendo uso desse subterfúgio para me privar do meu direito de passar a primeira noite com a noiva. Acreditam que eu seja sensível o bastante para me negar a colocar outra mulher na cama da minha falecida. Como são tolos e ignorantes! Embora esteja dilacerado pela dor, não por ter perdido minha esposa doente e insuportável, mas por ter perdido a única mulher que um dia acreditei ter amado, jamais deixaria passar a oportunidade de deflorar uma virgem, pois não há nada mais prazeroso para um homem que levar uma mulher a conhecer os prazeres da carne, de forma que nenhum outro homem voltará a satisfazer, nem mesmo o marido.

Vejo um soldado jogar a garota sobre sua montaria. É morena, esguia e parece bastante jovem. Fico desapontado que não seja a loura de olhos azuis com quem esbarrei na floresta durante a madrugada há dois anos, de quem tenho o rosto, assim como sua postura submissa, dócil, gravados na minha memória. Mas um dia será ela, se eu ainda estiver aqui quando se casar.

O ultimo pensamento me leva de volta ao bebê a quem Fiorenza deu à luz antes de falecer, devia tê-lo levado consigo. O que farei com um filho a essa altura da minha vida? Se o abandonar certamente serei excomungado pela igreja, banido das terras sicilianas para sempre.

Desde que Fiorenza adoeceu a ponto de deixar claro que logo partiria, passei a fazer planos de voltar para o mar, tornar-me capitão do navio que pertenceu ao meu pai, o qual herdei, já que sou filho único e viver livremente pelo mundo afora, em uma cidade diferente a cada semana, navegando a mar aberto. Porém, agora tenho um maldito filho para cuidar, tão importante por ser neto do rei, que não pode ser deixado aos cuidados das freiras do convento. Portanto me resta apenas conformar-me com minha sina de ser um maldito senhor feudal e encontrar outra mulher nobre para substituir Fiorenza, afinal um senhor de terras não pode desposar qualquer uma.

Mas isso não será tarefa difícil, pois a Sicília está repleta de duquesas e descendentes de famílias nobres em busca de um marido. Difícil será encontrar uma mulher capaz de me fazer feliz, de saciar meus mais exigentes desejos carnaís, como fazem as concubinas.

Por falar em desejos carnaís, o soldado acaba de atravessar a ponte de pedras que liga a aldeia ao castelo, por sobre as águas do lago. Está chegando com a virgem. Preciso me preparar.

Com tais pensamentos, dirijo-me para a adega no porão do castelo, escolhendo uma garrafa de vinho da melhor safra, afinal não é todo dia que uma estúpida aldeã se casa. Depois, troco os trajes formais por algo mais confortável, que me deixe à vontade e sigo para o quarto que reservei especificamente para este fim, no calabouço, o qual é decorado por um arca de madeira trabalhada, onde guardo alguns brinquedinhos adquiridos em Paris, a terra da luxúria, outros fabricados exclusivamente para mim, aqui mesmo na Sicília. Há também uma cadeira de balanço, uma mesa e

uma grande cama de casal, com suas cordas de fibras dos dois lados da cabeceira. Apago uma das três tochas, deixando o ambiente quase que totalmente tomado pela penumbra, mas não a ponto de não enxergar as coisas, ainda posso ver tudo à minha volta, assim como pretendo ver o corpo nu da virgem.

Logo há uma batida na porta. Abro-a devagar, dando passagem ao soldado que escolta a moça pelo braço. Deixa-a no aposento, fazendo-me reverencia antes de sair.

Observo-a atentamente, não é tão bonita quanto a loura que vi na floresta há dois anos, mas é jovem o bastante para me deixar excitado. Tem a pele morena, cabelos e olhos castanhos escuros e todo o seu corpo treme descontroladamente. Isso tudo é medo de mim? Não passa pela sua cabeça que possa vir a gostar do que acontecerá entre nós, como todas as demais gostaram? Elas não falam umas com as outras sobre isso?

— Por favor, meu senhor, eu te imploro que me deixes ir. Prometo que trabalharei nas suas terras noite e dia, incessantemente. — Ela fala, o pavor evidente no seu tom de voz.

— Ajoelhe-se ao se dirigir a mim, serva! — Falo, com rispidez, sua atitude desafiadora irritando-me.

Ela ajoelha-se rapidamente, desviando seu olhar para o chão.

Sento-me na cadeira de balanço, calmamente, enquanto a observo. Não há nada mais glorioso que ver uma mulher ajoelhada, dócil, submissa, completamente à minha disposição.

— O que você dizia?

— Que o senhor me poupe, por favor. — Desta vez não ergue o olhar para mim. Ótimo, está aprendendo.

— Qual o seu nome?

— Gabiella.

— Não fique nervosa Gabriella, não machucarei você, desde que me ouça com atenção e não deixe de me obedecer. Tudo o que acontecerá entre nós, será agradável para ambos. — Vou até a mesa, abrindo a garrafa de vinho, enchendo dois cálices. — Agora pode ficar de pé. — Ela levanta-se, ainda tremula, para minha satisfação, mantém-se cabisbaixa. Entrego-lhe um dos copos de vinho. — Beba. — Com mão tremula, ela leva o cálice à boca, ingerindo um gole do liquido, fazendo uma careta. — Beba mais. — Ela obedece, ingerindo mais alguns goles. — Boa menina, isso vai te ajudar a relaxar, já que não pode evitar o inevitável.

Volto a sentar-me na cadeira, bebendo meu vinho em grandes e esporádicos goles, sem deixar de observá-la.

O vinho parece ter um efeito rápido nela, pois já não está tão trêmula.

— Tire seu véu e seu vestido, devagar. — Ordeno.

Ela me encara com olhos de suplica. Tenta abrir a boca para implorar, mas a interrompo.

— Agora! E não me faça manda outra vez, ou serei obrigado a castigá-la.

Seus olhos castanhos se arregalam de pavor. Logo obedece, abandonando o cálice no chão, tirando o véu, em seguida o vestido, ficando apenas com o chemise marrom, de tecido grotesco.

— Tire todo o resto.

Ela hesita, mas obedece, tirando a chemise, ficando completamente nua, com os ombros encolhidos, o olhar no chão, as duas mãos sobre o sexo.

Tem os seios pequenos, firmes, o corpo é esguio demais, desprovido de curvas, mas a pele jovem, intocada, obstrui qualquer defeito.

Apesar de não possuir uma exuberante beleza física, sua nudez me excita, intensamente e logo estou ereto, pronto para possuí-la.

Bebo mais um gole de vinho, antes de ordenar:

— Afaste as mãos daí.

Ela afasta, sem erguer o olhar para mim, revelando o tufo de pelos negros que lhe ocultam o sexo.

Malditas camponesas que não aprendem a apararem os pelos. São todas assim.

— Deite-se na cama.

Ela o faz, seus tremores voltando. Provavelmente acredita que pularei sobre ela e saciar-me-ei com seu corpo. Mas pretendo ir mais longe.

Abandonando o cálice de vinho, vou até ela, erguendo seus braços acima da cabeça, amarrando seus pulsos com as cordas presas à cabeceira da cama, firmemente, um de cada lado.

— Já disse que não vou te machucar. Tente relaxar um pouco. — Seu pavor é irritante.

Vou até a arca, de onde tiro um pote com óleo de baleia e uma navalha afiada, abro as pernas dela, espalhando o óleo sobre sua mais secreta intimidade, raspando cuidadosamente seus pelos. Aos poucos sua vulva aparece, e estou diante do mais fascinante espetáculo da natureza

Colocando-me em pé, dispo-me de todos os meus trajes, ficando completamente nu, diante dos olhos arregalados dela. Volto à arca, de onde tiro uma venda negra.

— Vou vender seus olhos, Gabriella, mas não quero que tenha medo. Relaxe seus músculos e não sinta nada que não seja o meu toque, entendeu?

— Sim, senhor.

Vendo seus olhos, em seguida examino mais uma vez seu corpo nu, ainda trêmulo, estendido sobre a cama, completamente à minha disposição, para fazer o que quiser, como quiser e isso me excita mais que qualquer coisa.

Começo percorrendo as mãos através da sua pele macia, experimentando seu calor gostoso, em seguida, abocanho um dos seus peitos, fazendo o mamilo pequeno dançar sob os movimentos ávidos da minha língua. Chupo-o com força, deixando-o mais duro.

Finalmente Gabriella pára de tremer, agora sibila, puxando o ar pela boca.

É estupendo descobrir que há desejo dentro dela, esperando por uma carícia para ser exteriorizado.

Parto para o outro peito, lambendo o mamilo, mordiscando e chupando-o. Ela ofega, se contorce, cruza uma perna na outra e as aperta, certamente tentando reprimir o calor que se faz entre elas.

Vou até o copo de vinho, enchendo-o, voltando para perto da cama.

— Gabriella, vou derramar algo em você. Não se assuste, é apenas vinho.

— Sim, senhor. — Ela tem a voz entrecortada pela respiração ofegante.

Derramo o vinho sobre sua pele, em pequenas quantidades, começando pelos seios, descendo pela barriga, até o meio das suas pernas, o líquido vermelho escorrendo pelas laterais do seu corpo, manchando os lençóis brancos.

Deixando o copo de lado, coloco-me sobre ela, sem tocá-la, apoiando o peso do meu corpo nas mãos e nos joelhos. Desço a boca até seus peitos, sugando o vinho, lambendo até o último vestígio, escorregando a boca pelo trajeto da bebida sobre sua pele delicada, vendo-a estremecer a cada toque meu.

Estou entre suas pernas agora, meu rosto a poucos centímetros de distância do seu sexo, que exala um enlouquecedor cheiro de fêmea. Lambo-a devagar, levando minha língua da entrada pequena da

sua vagina até seu clitóris, refazendo o percurso, provocando-a.

Ela geme, arqueja, se contorce, sem fazer idéia do quanto sua excitação mexe comigo.

Continuo lambendo sua boceta pequena, intocada, movendo minha língua, incessantemente, sobre seu clitóris inchado, até que o corpo dela se contrai, prestes a explodir num orgasmo.

Toco a entrada da sua vagina molhada e quente, onde uma barreira impede meu dedo de entrar, então apenas massajeio ali, enquanto ela começa a convulsionar, gozando, gritando, proferindo um punhado de palavras desconexas.

Acredito que não haja satisfação maior para um homem que presenciar um espetáculo destes, principalmente sabendo que é o primeiro a tocá-la, a fazê-la mulher.

Quando ela fica imóvel, relaxada, levo minha boca até a sua, percorrendo a língua através do contorno dos seus lábios, antes de introduzi-la na sua boca, movendo-a lá dentro, sendo recompensado quando ela faz o mesmo, movendo a sua de encontro à minha, numa dança sensual.

— Está sentindo, Gabriela? Este é o gosto da sua boceta, da luxúria que há em você. Gosta? —
Sussurro, de encontro aos seus lábios.

— Sim, meu senhor. — Sua voz é um sussurro rouco.

— Como está se sentindo agora?

— Como uma pecadora.

— Ótimo. É o que somos.

Sem separar minha boca da sua, abro suas pernas com as minhas, encaixando meus quadris entre elas, encostando a cabeça do meu membro na entrada da sua vagina. Com um movimento brusco e rápido, a penetro, sua vagina quente, apertando-me.

Ela grita, fica tensa, mas logo volta a relaxar, sibilando, arquejando, movendo os quadris de encontro a mim à medida que me movo dentro dela, num incessante vai vem, cada vez mais depressa, meu membro indo cada vez mais fundo, dilatando suas paredes escorregadias.

Ergo-me para observá-la, não há espetáculo mais fascinante na terra. Ela não pode me ver, pois tem os olhos vendados e é toda sensações agora, posso ver isso pela forma como mantém a boca aberta, com dificuldade para puxar o ar, em como aperta as cordas com as mãos delicadas, em como arqueia as costas, tentando esfregar os mamilos intumescidos em mim, buscando intensificar seu prazer, algo inédito para ela, que duvido que volte a se repetir com seu marido camponês ignorante, que certamente não entende nada sobre os prazeres carnavais.

Todo o corpo dela se contrai sob mim, sei que vai gozar. Então acelero os movimentos, em estocadas violentas, até que ela mergulha no êxtase, se contorcendo, gritando, convulsionando, meus olhos atentos registrando tudo. Quando ela relaxa, é a minha vez. Retiro-me do seu interior, ao mesmo tempo em que arranco a venda dos seus olhos, levando meu membro inchado, molhado de sangue e dos líquidos do seu gozo, até sua boca, fazendo-a abocanhá-lo, enchendo-a com meu sêmen. Está tão extasiada que engole tudo sem hesitar, enquanto seguro seus cabelos, forçando-a a olhar nos meus olhos.

CAPÍTULO IV

Ferdinando.

Estendo-me no colchão ao lado de Gabriella. Por alguns instantes considero-me um sujeito de muita sorte por ter o privilégio de deflorar uma mulher, iniciá-la no mundo dos prazeres carnavais, ciente de que esta noite ficará gravada na sua memória por muito tempo, que pensará nela mesmo quando estiver nos braços do seu marido, mas a sensação dura pouco. Logo me dou conta de que não precisarei ter pressa para voltar ao meu quarto pela manhã, pois ele está vazio, desprovido da constante presença de Fiorenza. Embora não a amasse mais, sua perda me dói, como se mil facas perfurassem meu peito, afinal foi minha companheira de vida durante doze longos anos.

Faço uma incursão mental, tentando recordar-me exatamente de quando comecei a odiá-la, então os momentos me voltam à memória: seu ar de superioridade diante de mim por pertencer a uma família nobre; sua frieza na cama; sua tentativa de exercer alguma autoridade sobre mim. Antes de agir assim tivemos momentos felizes, quando acreditávamos estar apaixonados. Eu era jovem demais para distinguir prazer de amor. Com o tempo nem para me proporcionar prazer ela servia mais, tornou-se fria, tinha a saúde debilitada. Quando passei a procurar satisfação nos braços das meretrizes, começamos a nos odiar. Ela a mim por minhas traições, eu a ela pela forma autocrática como agia em relação ao nosso casamento.

Quando passou a ter a saúde cada vez mais deteriorada, soube que logo a perderia, afinal não temos um médico com formação decente no fim de mundo onde vivemos, só não esperava que, depois de tanto tempo, me daria um filho, que me priva da minha liberdade agora.

Maldita! Mesmo depois de morta não deixa de me fazer infeliz.

Sendo pai do neto do rei da Sicília, tenho meu título de senhor feudal garantido, embora preferisse ir para o mar, tornar-me capitão do navio que pertenceu ao meu pai, mas não posso levar o infante nas viagens, tampouco abandoná-lo, pois isso acarretaria a pior sina que um homem pode ter: a excomunhão pelo clérigo. Portanto resta-me apenas procurar outra nobre e torná-la minha esposa, como mandam as leis dos homens e de Deus. Só espero encontrar uma boa de cama desta vez.

— Senhor, sinto frio. — A voz melancólica de Gabriella arranca-me dos pensamentos. Estava tão quieta que quase me esqueci da sua presença ali, da noite longa que teremos.

Deito-me de lado, apoiando a cabeça no cotovelo, observando seu rosto e seu corpo. Está cercada por manchas vermelhas, nas laterais do corpo pelo vinho derramado, no meio das pernas pelo sangue da sua virtude perdida.

— Acho que posso dar um jeito nisso. — Falo, percorrendo meu dedo da sua testa até a ponta do seu nariz, a certeza de que posso fazer o que quiser com seu corpo, excitando-me. — Vamos nos divertir um pouco.

Levanto-me, libertando-a das cordas e da venda, fazendo-a ficar em pé. Desmancho a trança que prende seus cabelos negros, deixando-os soltos, caindo pelos ombros. Percebo que ela me olha com

devoção, certamente constatando que aquilo que a fiz sentir, seu marido será incapaz de fazer. Mas ainda estamos apenas começando.

Guio-a até a cadeira de balanço, fazendo-a sentar-se, vou até a arca, de onde tiro um rolo de cordas de fibras, diante do seu olhar apavorado.

— Não fique assustada, Gabriella, eu disse que não vou machucar você e não o farei. — Falo, tentando acalmá-la. — Você gostou de tudo o que fizemos até agora?

O rosto dela cora, concomitantemente, desvia o olhar para o chão.

— Sim senhor. — Responde, num fio de voz.

Vou até ela, forçando-a a me encarar.

— Não precisa se envergonhar do prazer. Ele foi feito não apenas para os animais, mas para nós seres humanos.

— Mas é pecado senhor, pois sou uma mulher casada.

— Então seria menos pecado se eu tivesse te pegado à força e sentido prazer sozinho?

Ela volta a corar.

— O que fizemos não é certo. A boca não foi feita para certas coisas.

Ela está falando do sexo oral e não resisto, deixo escapar uma sonora gargalhada.

— Preste atenção. Nós vivemos de acordo com as leis de Deus, certo?

— Sim, senhor.

— E onde você viu nas escrituras sagradas que não devemos colocar a boca em certos lugares?

Ela pensa por um momento antes de responder.

— Não está nas escrituras sagradas, mas ainda estamos cometendo o pecado do adultério. Eu sou uma mulher casada e o senhor acaba de perder sua esposa.

Agora ela foi longe, está falando demais, mexendo em feridas abertas.

— Você quer parar? — Pergunto, com seriedade, não que pretenda parar se ela disser que quer.

Seu rosto cora mais uma vez, agora fica da cor de um pimentão maduro. O que há de errado com ela?

— Não senhor, quero continuar. — É sua resposta.

— Ótimo, então coloque os pés e as mãos para trás.

Ela obedece, colocando os braços e os tornozelos atrás da cadeira. Puxo-os um pouco mais, para que fique bem arreganhada e amarro seus pulsos atrás do encosto do assento, fazendo o mesmo com seus tornozelos, de modo que seu corpo fique ligeiramente arqueado para trás.

Coloco-me diante dela, admirando a beleza na sua forma mais esplendorosa. Ela está completamente à minha disposição, sem chance de defesa, os peitos apontados para a frente, a vulva escancarada, expondo o clitóris pequeno. É inevitável, meu pau fica duro de imediato.

— Você não tem idéia do quanto fica linda nessa posição. — Falo, aproximando-me mais.

Seguro com firmeza seus cabelos, aproximando seu rosto do meu membro, enterrando-o inteiro na sua boca, movendo sua cabeça para a frente e para trás, aceleradamente, fodendo-a assim.

Não há palavras que possam descrever o quanto isto é bom, estar dentro de uma mulher, da forma que desejo.

Inclino-me um pouco, levando a mão livre até sua boceta quente, molhada, macia, massageando seu clitóris com um dedo, sentindo-o inchar sob meu toque.

Gabriella geme no meu pau, tenta se contorcer, mas está imobilizada pelas cordas, o que deixa tudo mais excitante.

Introduzo um dedo na sua vagina quente, apertada, escorregadia, movendo-o lá dentro, levando mais gemidos aos seus lábios, fazendo-a sugar meu pênis com mais força, como se estivesse ensandecida.

Estou quase gozando quando a faço parar, ajoelhando-me diante da cadeira, observando seu sexo escancarado diante de mim. Ainda há manchas de sangue no ápice das suas coxas e na sua vulva, mas não me importo, tudo o que vem dela representa uma luxúria capaz de exteriorizar toda a minha selvageria. Então levo minha boca até sua intimidade, lambendo seu clitóris inchado, com movimentos circulares e ritmados da minha língua, fazendo-a gritar de prazer, quase a ponto de romper as cordas para se contorcer.

Logo seu corpo se contrai, ansiando por uma alívio, mas não a deixo gozar ainda, pois quero obter o seu prazer de outra forma. Então coloco-me em pé, inclinando a cadeira pra trás, quase deitando-a no chão, de modo que sua boceta esteja ao meu alcance, deliciosamente arreganhada. Inclino um pouco os joelhos, enterrando meu pau na sua vagina lubrificada, com força, brutalidade, para que me sinta com mais intensidade. Movo-me dentro dela com estocadas bruscas, indo cada vez mais fundo, mais depressa, ao mesmo tempo em que uso as duas mãos para não deixar a cadeira cair para trás.

Gabriella grita, geme, ergue seu rosto para mim. Aceito o convite e desço minha boca de encontro à sua, chupando sua língua com força, deixando que chupe a minha. Já não parece a menina pura e virtuosa que entrou no meu quarto há algumas horas, mas uma puta experiente, sequiosa de prazer, como jamais voltará a se comportar, devido à normas morais impostas pela sua cultura.

Ela não demora muito, logo está retesada, pronta para gozar. Movo-me com mais rapidez, em estocada profundas, deixando-a mergulhar no êxtase, que a faz gritar com mais vigor, lambuzando meu pau com seu gozo.

Quando para e fica imóvel, é a minha vez. Retirando-me da sua vagina, levo meu pênis até sua boca, enchendo-a com meu esperma, observando, satisfeito, como o saboreia com agrado antes de engoli-lo.

Gabriella passa a maior parte da noite amarrada com cordas, em diferentes lugares, proporcionando-me prazer, recebendo prazer, agindo por instinto, como dois animais no cio. Está quase amanhecendo quando adormecemos, exaustos, porém saciados.

Quanto a ela, tenho certeza de que passará pelo menos três dias sem conseguir sentar-se normalmente, o que me deixa ainda mais satisfeito, por saber que em tais momentos se recordará desta noite.

Acordo com uma batida abrupta na porta.

— Vá embora, ainda estou dormindo. — Grito, irritado, despertando Gabriella sem querer.

— Ferdinando, abra essa porta imediatamente. Seu filho precisa de você. — É a voz da insuportável Clemenzia, esposa de Fabrizio. O choro do bebê ecoa na mesma altura.

— Entregue ele para uma serva. — Mas que inferno, com tantas mulheres no castelo querem que eu tome conta do maldito bebê.

— Todas as servas estão ocupadas. Agora abra essa porta.

Aff! Odeio mulheres autoritárias. Não entendo porque Fabrizio a suporta. Está certo que Fiorenza possuía o mesmo temperamento e fiquei casado com ela durante doze anos, mas tinha um compromisso com meu suserano.

Relutantemente, levanto-me, enrolo meu corpo com um lençol e abro a porta. Ela me encara com seu olhar repreensivo, seus olhos meio vesgos, antes de me entregar o bebê, em prantos, e afastar-se

com passos apressados.

A criança é muito pequena, parece um embrulho de panos, sequer desconfio como segurá-lo sem deixá-lo cair. Tento fazê-lo parar de chorar, ninando-o, mas parece estar dando efeito contrario, pois quanto mais o sacudo, mais ele chora.

Que mulheres infernais as que vivem nesse castelo!

Gabriella levanta-se e vem ao meu auxilio, tirando a criança dos meus braços, deitando-o mais confortavelmente nos seus. Coloca o dedo mindinho próximo à sua boquinha e este o chupa com veemência.

— Pobrezinho, está morrendo de fome. — Diz ela.

— Como você sabe?

— Os bebês se alimentam assim, é o instinto deles.

Observo a cena por algum tempo e chego à conclusão de que ela é a pessoa certa para tomar conta do bebê, afinal parece entender sobre ele, nem imagino como, pois tenho certeza absoluta de que nunca teve um.

— Estou nomeando você, oficialmente, a partir desse momento, preceptora desse bebê.

Ela me encara com olhos arregalados, espavoridos.

— Eu não posso meu senhor. Não entendo nada de crianças, nunca cuidei de uma, sequer tenho irmão, sem falar que tenho meu marido para cuidar. — Reflete por um instante antes de continuar. — Mas conheço a pessoa certa para o trabalho, minha amiga Annabella, ela criou todos os sete irmãos, tem muita experiência.

Além de quente Gabriella é muito esperta, colocou a amiga no fogo para se livrar da incumbência.

— E essa Annabella também não tem um marido para cuidar?

— Não senhor, ela é solteira.

— Então está decidido, Annabella será a preceptora do bebê. Os soldados a trarão quando forem levar você.

— Por que o chama tanto de bebê? Ele não tem um nome?

Ainda não tinha pensado nisso, a coisinha precisa de um nome.

— Não, não tem.

— Mas que triste, existir e não ter um nome. — Seu rosto assume um ar pensativo e acho que estamos conversando demais. Está na hora de ela partir para os braços do marido. — Você quer comer alguma coisa antes de partir?

— Então já posso ir? — Ela não parece tão animada. Terá sido seu casamento arranjado contra a sua vontade? Não estou interessado em saber, só quero me livrar dela e do pequeno monte de pele.

— Sinta-se à vontade.

Ela me devolve o chorão e veste suas roupas, devagar, com dificuldade para se mover, o que me leva a crer que está mais dolorida do que eu pensava. Ótimo, assim se lembrará dos nossos momentos por mais tempo.

Quando está pronta, observa-me em silencio.

— Pode ir. Os soldados a estão esperando do lado de fora. Mostre a eles quem é a preceptora e diga-lhes que ordenei que a tragam aqui imediatamente.

— Sim senhor. — Lança-me um ultimo olhar, repleto de devoção antes de deixar o aposento.

Provavelmente estava esperando um beijo de despedida, não compreende que a enxerguei apenas durante minha luxuria.

Deixo o bebê, que não para de chorar, sobre os lençóis manchados de sangue e de vinho, imaginando que seja bom para ele aprender a apreciar os prazeres da vida desde cedo, mas é apenas enquanto me visto, logo o seguro novamente, partindo para a cozinha em busca de algum alimento que o faça calar-se.

CAPÍTULO V

Annabella.

O dia amanheceu há algum tempo e Gabriella ainda não retornou do castelo. Estou preocupada que o monstro possa tê-la matado, por se negar a ele. É uma possibilidade que não pode ser descartada, afinal ela é perdidamente apaixonada pelo marido, não se entregaria facilmente a outro homem.

Estou na companhia dos meus irmãos mais jovens em casa: Angelo, de dez meses de idade; Dionisia de três anos; Ladislau de cinco anos e Ludovica de sete, todos os demais encontram-se na lavoura. Tento preparar o almoço, mas me interrompo a todo instante para olhar na direção da suntuosa construção de pedras, tentando avistar minha amiga, saindo de lá. Na milésima tentativa, finalmente a vejo atravessando a ponte de pedras sobre o pequeno lago, montando um cavalo, escoltada por três soldados uniformizados.

Muitas pessoas saem dos seus casebres para olhar para ela, com visível piedade. Inesperadamente, passa direto pela casa dos seus pais, dirigindo-se até onde estou, saltando do animal, gesticulando na minha direção.

Vejo as marcas arroxeadas nos seus pulsos.

— Essa é a preceptora. — Diz, olhando para os soldados.

— O quê? — Estou confusa.

Gabriella aproxima-se mais, colocando-se diante de mim, quando então posso ver as grandes olheiras em torno dos seus olhos, certamente por ter passado a noite em claro.

— Amiga, o senhor precisa de uma preceptora para seu unigênito, então indiquei você, primeiro porque entende tudo de crianças, segundo porque assim poderá passar mais tempo com Maurizio. Não é maravilhoso? — Seus lábios se curvam num sorriso visivelmente forçado.

Não posso acreditar no que acabei de ouvir, ela está me atirando na toca do leão. Está certo que passar as horas perto de Maurizio me aproximará dele, mas o senhor deixou claro, há dois anos, que eu não voltasse a cruzar seu caminho.

— Gabriella, me diga que você não fez isso.

— O que há de mais? Por que está tão pálida? Você apenas continuará fazendo o que sempre fez: cuidar de crianças. Pelo menos agora será apenas uma.

— Vamos embora. O senhor está esperando. — Um soldado fala, rispidamente.

— Não posso sair assim. Não posso deixar meus irmãos sozinhos.

— Pode ir tranqüila. Tomo conta deles até seus pais voltarem.

Ela está prestativa demais para com o homem que a machucou durante toda a noite, o que me deixa ainda mais curiosa a respeito do que fizeram.

— Posso pelo menos pegar minhas coisas? — Pergunto ao soldado, que se mantém altivo sobre

sua montaria.

Eles se entreolham, antes de um deles assentir afirmativamente para mim.

Seguro Gabriella pelo braço, puxando-a para o interior da moradia tosca, para o canto onde estão amontoadas minhas poucas peças de roupas. Começo a arrumar uma trouxa, quando falo:

— Vamos, Gabriella, me conte o que aconteceu entre você e o senhor. Como ele machucou seus pulsos?

O rosto dela cora, ficando mais vermelho que um tomate.

— Não tenho coragem de falar sobre isso, é vergonhoso demais. — Ela olha para os próprios pulsos, como se só então se desse conta dos hematomas.

— Poxa, sou sua melhor amiga. Você pode me contar tudo. — Minha curiosidade é crescente.

Ela senta-se na antiga cadeira de madeira. Pensa por um momento, sua face ainda muito vermelha, então fala:

— Ele me amarrou.

Fito-a perplexa, interrompendo a tarefa de arrumar a trouxa de roupas.

— Como assim? Ele te machucou?

— Não. Na verdade eu gostei.

Agora estou ainda mais confusa. Quero perguntar mais, mas não há tempo, logo seu marido entra no casebre, tomando-a nos seus braços, emocionado, quase em prantos. Quando se afasta, percorre seu olhar através dela, em busca de marcas que evidenciem violência, logo vê os hematomas roxos em torno dos pulsos.

— Aquele miserável te machucou? — Pergunta, indignado.

Há! Para ele eu duvido que ela confesse que gostou.

— Isso é passado, meu querido. Vamos esquecer tudo e seguir nossas vidas em paz. — São as palavras de Gabriella.

Ele volta abraçá-la.

— Vamos embora daqui. Nossa nova casa está nos esperando. — Diz.

— Preciso ficar com os irmãos de Annabella até seus pais chegarem para o almoço. Ela vai trabalhar no castelo.

Ela continua explicando a ele a função que assumirei daqui em diante, enquanto despeço-me dos meus irmãos com o coração partido. Gostaria que meus pais estivessem aqui, pois não sei quando poderei voltar à aldeia para vê-los. Os servos do castelo não saem muito de lá, não sei se por sua vontade e por proibição do senhor.

Após abraçar e beijar os pequenos, a quem amo como filhos, penduro a trouxa de roupas no ombro e deixo o casebre, todos me seguindo. Do lado de fora, despeço-me de Gabriella com um abraço e monto o cavalo selado, acompanhando os soldados rumo à moradia dos nobres, meus irmãos correndo atrás de mim, em prantos, a população observando a cena.

Gabriela e seu marido conseguem alcançar as crianças, segurando-as enquanto me afasto rapidamente, o animal num trote apressado, um soldado de cada lado de mim, o terceiro logo atrás.

Fazemos uma fila indiana para atravessarmos a ponte de pedras construída sobre o lago que cerca o castelo, a suntuosa muralha se revelando gigantesca diante de nós, sobre a qual muitos soldados se mantêm concentrados no horizonte diante deles.

Nasci e cresci nesta aldeia, mas nunca estive aqui antes, embora sempre tive curiosidade em saber como é por dentro, dizem que existe inclusive banheiras gigantescas para o asseio dos nobres e

aposentos separados para cada um deles, mobiliados com camas macias. Enquanto nós camponeses somos obrigados a dormirmos amontoados em molambos espalhados no chão, no único cômodo da casa.

Após a ponte, atravessamos um jardim muito bem cuidado, alcançando os portões de madeira que são imediatamente abertos por dentro. Afinal não é tão vantajoso assim ser um nobre, quando se tem que viver trancado desta forma.

Após o portão há outro jardim onde jaz uma fonte de águas transparentes e por fim a entrada da moradia, que atravessamos, tendo acesso a um salão imenso, iluminado apenas pela pouca claridade que atravessa as janelas ovais, onde jazem milhares de sacas de cereais, os impostos que somos obrigados a pagar por ocuparmos as terras. Há também uma pequena capela e uma escadaria de pedras, que subimos, alcançando outro grande salão, maior que toda a minha casa. Ali há móveis de madeira sofisticados, trabalhados, como jamais vi antes. Há uma lareira, cortinas nas janelas, estofados nos assentos, tudo muito ostensivo e luxuoso.

Duas mulheres estão sentadas nos assentos, vestidas como rainhas, suas roupas adornadas com rendas e fios de ouro, os vestidos com mangas compridas, largas nas pontas, não são justos como os nossos, as saias são rodadas, como se houvessem varias camadas delas, usam pedras preciosas em torno do pescoço e nas orelhas, seus cabelos bem cuidados estão presos com varias tranças. Uma delas é morena, com cabelos e olhos castanhos, a outra ruiva de olhos verdes. Não possuem grande beleza física, mas os trajes as deixam lindas.

— E você, quem é? — Pergunta a morena, dirigindo-se a mim.

Não me sinto encorajada a falar rodeada por tanto luxo, deixando que o soldado que me escolta responda no meu lugar.

— É a nova preceptora do bebê, senhora.

— Nossa! Mais uma camponesa! Daqui a pouco só haverá espaço para essa gente no castelo. — A ruiva fala, com desdém.

— Pode levá-la. Ferdinando está na cozinha com o infante. — A morena diz.

O soldado volta a segurar-me o braço, sem delicadeza alguma, arrastando-me castelo a dentro.

A cada passo que dou fico mais impressionada com a suntuosidade, a imensidão do lugar. Imagino que muitos homens tenham sido necessários para construí-lo, os pobres sarracenos, a quem pertenciam as terras e a nós antes da chegada dos normandos.

Deixamos a construção, descendo uma escadaria que dá acesso a um quintal repleto de aves engaioladas para o abate. A alguns metros dali está a cozinha, numa construção separada. Logo adentramos o cômodo com maior numero de pessoas presentes, onde há um grande forno na parede, de pedra, como sequer imaginei existir. Ali, duas camponesas preparam a refeição, assando carne em espetos de ferro, enquanto uma terceira segura o bebê muito pequeno e frágil, alimentando-o com uma protomamadeira de chifre de boi. Sentado em uma cadeira ao pé da mesa madeira ao centro do cômodo, de costas para nós, está o senhor, sei que é ele porque sua postura ativa irradia todo o ambiente. Tem os cabelos negros, crescidos até abaixo da nuca, bastantes emaranhados.

— Senhor, trouxe a preceptora. — Anuncia o soldado, quando só então o senhor parece se dar conta da nossa presença, colocando-se em pé, virando-se para nós.

Olhando de perto, sob a claridade do dia, percebe-se que é muito mais alto do que parecia naquela noite na floresta; tem o rosto mais belo do que eu me recordava: apesar dos seus trinta e poucos anos, não tem uma ruga sequer; a pele é branca; os olhos de um azul claro; o nariz pontudo; no

queixo másculo há um furinho que lhe empresta aquele ar angelical do qual me lembrava. Desta vez seu olhar não está demoníaco, mas tomado por uma angustia tão profunda que sinto vontade de tocá-lo, de consolá-lo. Não importam os comentários, sei que ele sofre pela morte da esposa, posso ver no fundo dos seus olhos.

Usa uma túnica de tecido fino marrom que o deixa irresistivelmente elegante. Nem de longe parece ser o monstro que todos temem na aldeia.

Ele parece encontrar algo no meu rosto, pois observa-me em silencio por um longo momento. Estará me reconhecendo? Se estiver logo me expulsará.

— Você tem experiência com crianças? — Pergunta, a voz tão máscula quanto sua aparência.

Desvio o olhar para o chão antes de responder:

— Sim senhor. Criei todos os meus sete irmãos.

— Ótimo. Entreguem o infante a ela. — Ordena, sem virar-se para a mulher que tem o bebê nos braços.

Jogo minha trouxa de roupas no chão, antes de receber o pequeno dos braços dela, junto com a protomamadeira. É tão pequeno, frágil, lindo, que se torna impossível não sentir afeição por ele. Está enrolado em uma confortável manta de lã branca, tem os olhinhos abertos, azuis claros como os do pai, fitando o infinito enquanto suga o alimento com sofreguidão.

— Qual o seu nome, preceptora? — O senhor pergunta, desviando minha atenção do pequenino.

— Annabella, senhor. — Respondo, meu olhar fixo no chão.

— Então Annabella, estou, nesse momento, nomeando você cuidadora permanente do meu filho. A partir de hoje, passará a residir no castelo, tendo direito a visitar sua família na aldeia uma vez por semana. Pode fazer uso de um de nossos aposentos, onde dormirá com o infante. Serena lhe mostrará onde é. — Gesticula para a mulher que segurava o bebê antes. Uma morena de meia idade, corpulenta. Observa-me por mais algum tempo, em silencio, depois deixa a cozinha com passos pesados, seguido pelo soldado.

— Qual o nome dele? — Pergunto, referindo-me ao bebê, sentindo-me um pouco mais relaxada com a ausência do senhor.

— O pobrezinho ainda não tem nome. — Serena responde, sussurrando. — Ninguém aqui liga pra ele, principalmente o pai.

Olho para seu rostinho minúsculo, satisfeito, repudiando a protomamadeira, a piedade quase me fazendo amá-lo. Quem rejeitaria um ser humano tão indefeso?

— Você é filha dos Gallucci, não é? — A outra mulher pergunta, enquanto seca uma vasilha de metal com um tecido branco. É mais jovem que Serena, muito esguia e baixinha.

— Sim, sou. — Respondo sorrindo.

— Meus pais moram perto da sua casa. São os Angeloni.

— Os conheço bem. Me lembro de você também. Como veio parar aqui?

— Meus pais não tinham condições de me pagar um casamento, não quis ir para o convento, então pediram à princesa que me dessem a vaga aqui.

Falando em dote e casamento, lembro-me de Maurizio. Onde estará? Se perguntar agora, ficará evidente meu interesse nele, o que seria constrangedor, melhor ficar calada.

O bebê adormece nos meus braços.

Quando serena se convence de que a carne está bem assada, coloca-a sobre a mesa, pega minha trouxa do chão, gesticulando para que a siga. Retornamos pelo quintal de volta para o castelo,

subindo as escadas, atravessando o salão onde estão as nobres, subindo outra gigantesca escadaria, onde podemos ouvir o som dos nossos passos ecoando sobre as pedras. Há vários aposentos no andar seguinte, certamente um para cada residente. Ainda não é minha parada, subimos outro lance de escadas, estamos numa torre agora, onde ela abre a porta do ultimo quarto.

Este é mobiliado por uma pequena cama de madeira, forrada por tiras de couro e um colchão de penas, com um cortinado por cima. Nunca dormi numa cama antes. Toda a minha família, assim como os demais camponeses, sempre dormiu no chão. Há ali também uma arca de madeira trabalhada.

— Você é uma garota de sorte, Annabella, dormirá numa cama e terá seu próprio aposento. — Serena diz. — Nós continuamos dormindo no chão, no salão principal. As arrumadeiras dormiam no chão quarto do senhor, mas agora que está viúvo isso não é mais permitido.

— O senhor disse que posso ficar aqui?

— É onde todas as crianças ficam durante os primeiros anos de vida, para que o choro não incomode os nobres. As preceptoras ficam junto. Foi assim com os filhos dos primos do senhor.

— Eles têm quantos filhos?

— Um cada. Mas estão crescidos. Um deles tem dez anos outro oito. Agora preciso voltar ao trabalho, pois logo servirei o almoço. Você pode ficar no salão principal durante a refeição, com a criança, mas não pode sentar-se a mesa. Desça quando ouvir as trombetas, elas informam o início da refeição. Até mais. — Deixa minhas roupas sobre a arca e sai do quarto.

Deito o pequeno sobre o leito, estendendo-me ao lado, experimentando a magnífica maciez do colchão. É maravilhoso. Levanto-me, indo até a pequena janela, impressionando-me com a vista que tenho. De onde estou posso ver toda a aldeia e parte dos mansos servis e senhoriais, num magnífico espetáculo. Tento distinguir meu casebre entre os demais, mas isso é impossível, devido à altura da torre onde estou.

CAPÍTULO VI

Annabella.

Encontro-me confortavelmente deitada sobre o leito, ao lado do bebê que dorme profundamente, quando ouço sons de trombetas, certamente anunciando a horário do almoço, como Serena disse que aconteceria. Sinto cólicas no estomago só por imaginar que estarei em meio a toda aquela gente sofisticada, que vestem roupas adornadas com fios de ouro, enquanto uso trapos. Mas estão acostumados com a aparência dos camponeses, não hão de reparar em mim.

Levanto-me, ajeitando os cabelos como posso, desamarrotando o vestido longo, desbotado, com as mãos, seguro o bebê e desço os dois lances de escadas, alcançando o salão principal, onde todos os nobres já se encontram, sentados em torno da imensa mesa de madeira forrada com um tecido aveludado, sobre a qual as servas colocam diferentes tipos de comidas, entre assados, verduras, cereais e frutas.

Quanta mordomia tem essa gente!

Quando ouvem meus passos adentrando o salão, todos olham na minha direção, me deixando paralisada de constrangimento, sem saber onde me colocar, nem como me portar, então fico parada a meio caminho da mesa.

— Procure uma cadeira e acomode-se, serva. — O senhor fala.

Está sentado na cabeceira da mesa, glorioso, usando uma túnica de tecido fino vermelha, que lhe confere um ar sofisticado e elegante; os cabelos, agora presos atrás da cabeça, revelam seu rosto ainda mais bonito, com aquele furinho no queixo, embora os olhos continuem tristes.

Do lado esquerdo da mesa estão seus primos Fabrizio e Benito, a quem costumava ver na aldeia cobrando os impostos dos camponeses. Do lado direito, estão as esposas deles, os dois meninos, um homem muito magro que nunca vi antes e o padre que realiza as missas na capela da aldeia.

Completamente sem jeito, encontro uma cadeira a um canto e sento-me, observando-os servirem-se na mesa farta, bebendo vinho e jogando conversa fora.

De repente um grupo de três malabaristas entra no salão, um deles tocando animadamente uma flauta, enquanto os demais manuseiam bolas de borrachas e bambolês. Entre eles reconheço Maurizio.

Num impulso, corro ao encontro dele, sentindo-me eufórica por finalmente ver um rosto conhecido.

— Mauruzio. — Falo, exultante, quase me esquecendo do bebê nos meus braços.

Ao virar-se para mim, ele se atrapalha com as bolinhas que faz girar no ar, deixando-as cair no chão, quando então o flautista se silencia e todos olham na minha direção.

Oh, oh, acho que cometi uma garfe.

— Tudo bem, Annabella? — Maurizio pergunta sem graça, quebrando o silencio tenso que se instala no ar.

— Mas o que significa isso?! — O senhor grita, abruptamente. — Dois servos fornicando debaixo do meu teto, na hora do meu almoço?! Não têm mais respeito pela realeza?!

Não sei o que é pior, o constrangimento ou a raiva que suas palavras me despertam. Não estou fornicando com Maurizio, não seria pecadora a tal ponto, apenas o cumprimentei. O senhor, embora sendo nosso dono, não tem o direito de nos fazer esta acusação, falsa e grave.

Gostaria de poder abrir a boca para me defender, fazê-lo se desculpar por sua acusação descabida, mas no mundo em que vivemos não se pode confrontar um senhor.

Portanto, encolho os ombros, desvio meu olhar para o chão e retorno para meu assento, meu corpo tremulo de raiva e vergonha, as lágrimas prestes a escorrer dos meus olhos. Agora sei que todos tinham razão ao afirmarem que ele é um monstro. Certamente levou a esposa à morte com sua maldade.

O flautista volta a tocar, os malabaristas a fazer os malabares, os nobres à refeição, agora cochicham, olhando-me de rabo de olho, como se falassem de mim.

Hipócritas! Roubam nosso alimento, exploram nosso trabalho e ainda se atrevem a me julgar por cumprimentar um amigo.

Maurizio continua realizando os truques com as bolinhas junto com seus companheiros, para distração dos nobres, eu suponho, embora ninguém pareça reparar neles. Estão todos entretidos com as conversas paralelas, com exceção do senhor, que não fala, ou parece ouvir nada, mantendo seu olhar perdido no vazio à sua frente. Apesar da crueldade das suas palavras, não suporto olhar para ele sem desejar afagá-lo, acariciar-lhe os cabelos crescidos e dizer-lhe que tudo ficará bem, que perdeu a esposa, mas ainda resta-lhe o filho e os primos para amar, que logo encontrará outra mulher que lhe fará feliz. Sua dor é tão evidente que quase posso senti-la, não compreendo como foi capaz de passar a noite com Gabriella sentindo-se desta forma.

O bebê acorda nos meus braços e chora alto, provavelmente com fome. Procuro a saída para a cozinha, mas não me recordo onde está, afinal tudo é tão grande e estranho por ali, as paredes parecem todas iguais. Coloco-me em pé, ninando o pequeno, com a esperança de que ele se cale enquanto alguém vem ao meu auxílio, mas não acontece, ele continua chorando, seus gritinhos agudos ecoando pelo imenso salão.

— Será que você é retardada?! Me diz que criou os irmãos, mas é incapaz de fazer esse saco de peles se calar! — O senhor esbraveja, fuzilando-me com olhos furiosos.

Sou invadida por um misto de raiva, vergonha e indignação. Não posso acreditar que há dois minutos estava com pena da sua dor. Provavelmente estou equivocada, uma pessoa grossa como ele não pode ter sentimentos.

— Ele está com fome senhor, a protomamadeira está na cozinha, não sei mais onde fica. — Consigo dizer, a voz trêmula, os olhos fixos no chão.

— Você estava na cozinha há menos de uma hora, como pode ter se esquecido onde fica? — Ele volta a esbravejar. Embora mantenha-se sério, todos a sua volta sorriem, fazendo-me sentir humilhada, principalmente estando na presença de Maurizio, que certamente agora acredita que sou uma tonta. — Alguém mostre a essa criatura onde fica a cozinha! — Completa.

Serena, que até então se mantinha imóvel, em pé, próxima à grande mesa, se mexe, gesticulando para que a siga, conduzindo-me para o fundo do salão, atravessando uma porta oval que dá acesso a outro cômodo enorme, onde fica a porta de saída para a cozinha. Deixa-me ali, retornando ao seu posto.

Ao atravessar o quintal repleto de animais enjaulados para o abate, as lágrimas brotam dos meus olhos, involuntariamente, tamanhas são a raiva e a humilhação que aquele monstro me fez sentir. Queria mais que qualquer coisa poder voltar para a aldeia, para perto dos meus pais e dos meus irmãos, onde estarei realmente segura e acima de tudo respeitada.

— O que há com você, por que está chorando? — Pergunta Glória, a cozinheira baixinha.

— Aquele monstro me humilhou. — Entrego-lhe o bebê, enchendo a mamadeira com leite aquecido.

— Quem, o senhor?

— Esse imbecil mesmo.

— Shhh, não fala isso em voz alta, as paredes têm ouvidos aqui.

— Eu não ligo se ele ouvir, assim me devolve para minha casa.

— Ou pode te torturar por insubordinação.

— Isso é possível?

— Claro. Por que você acha que toleramos as humilhações dele?

Sento-me, pegando o bebê, alimentando-o com o leite.

— Então ele não é assim só comigo?

— Hunf, aquilo é uma peste. É grosseiro com todo mundo que cruza o caminho dele.

— É verdade que a princesa morreu por causa das maldades dele?

Ela olha pra as duas portas antes de responder:

— Que ninguém me ouça, mas ele tem concubinas na cidade. Pensa que ninguém sabe, mas sempre sai à noite e volta de madrugada. Maurizio o viu uma vez entrando na casa de uma ex meretriz. Provavelmente deu a casa pra ela em troca de servidão sexual. A princesa também sabia, esse era o motivo do desgosto dela. Viviam brigando. Não sei como conseguiram fazer esse bebê.

Agora entendo porque ele exigiu que eu não revelasse a ninguém que o vi na floresta durante a madrugada, há dois anos, estava retornando da visita à sua concubina.

— Então ele não amava a princesa?

— Acho que ele não tem coração e alguém assim é incapaz de amar.

E pensar que há pouco eu acreditei que ele está sofrendo. Como pude me enganar tanto?

Neste momento Maurizio e os demais malabaristas adentram a cozinha, seguidos por Serena que carrega uma pilha de pratos sujos.

— Annabella, como é bom ver você aqui. — Fala ele, sorrindo, aproximando-se de mim. — Vai ser a cuidadora do bebê?

— Infelizmente sim.

Ele fica serio.

— Por que infelizmente? Não gostou de idéia de nos vermos todos os dias?

— Isso sim, eu gostei. Mas não gosto das humilhações do senhor.

— Não liga praquele babaca. É só fazer de conta que ele não existe.

— Olha como fala Maurizio. — Serena alerta. — Se algum dos nobres te ouve, você irá direto para a masmorra. — Vira-se para Glória. — Vamos me ajudar a tirar os pratos, eles terminaram depressa hoje, pois o senhor está mais azedo que de costume. Vocês podem ir almoçando. — Refere-se a mim e aos três malabaristas.

Pouso o bebê sobre meu ombro, desferindo-lhe tapinhas nas costas até que arrote. Em seguida não sei onde deixá-lo para fazer a refeição.

— Acho que posso ajudar. — Maurizio fala, deixando a cozinha para retornar logo em seguida com uma cesta de palha nas mãos. — Será que ele cabe aqui?

— Cabe sim. — Respondo, forrando a cesta com a manta do pequeno, deitando-o confortavelmente lá dentro.

Em seguida todos sentamos a mesa da cozinha, servindo-nos dos restos da comida que as duas mulheres trazem do salão principal.

Após o almoço, Maurizio e os dois outros rapazes, que têm mais ou menos a nossa idade, empenham-se na limpeza do castelo, Serena e Glória ficam com os afazeres da cozinha, os nobres parecem ter se recolhido aos seus aposentos, pois desaparecem todos, quanto a mim, não tenho o que fazer, portanto decido explorar a imensa construção de pedras e conhecê-la melhor, por curiosidade e para evitar que o incidente ocorrido durante o almoço volte a se repetir. Carrego a cesta de palha com o pequeno dorminhoco e uma protomamadeira abastecida com leite para impedir que chore quando acordar.

Descubro que ali há muitos outros salões tão imensos quanto aquele onde são feitas as refeições dos nobres; muitas outras torres escondem quartos isolados; a igreja é maior e mais rica por dentro que por fora, aberta também aos servos e há um andar subterrâneo, tão escuro e sombrio que não tenho coragem de descer para conhecer.

Detenho-me em um salão especial, rodeado por imensas prateleiras lotadas de pergaminhos de rolos de papiros e livros de papel, mobiliado ainda por uma mesa de madeira ao centro e uma lareira com duas cadeiras estofadas, uma de cada lado, sem falar na velha escada de madeira.

Deixo a cesta com o bebê sobre uma das cadeiras, escolho o livro mais colorido que encontro e abro. Há apenas um punhado de letras incompreensíveis, sem nenhuma figura. Gostaria de saber o que elas dizem, mas nós camponeses nunca aprendemos a ler como as pessoas da realeza. Então procuro outro livro, este também não tem figuras, mas sei que elas existem. Evito os pergaminhos, pois simplesmente acho os livros mais interessantes. Abro outro e mais outro, até que por fim abro um com a capa marrom onde há várias gravuras de navios em alto mar. É lindo! Sento-me na cadeira diante do pequeno e olho todas as páginas, fascinada com aquele mundo tão diferente que se revela diante de mim: o mar! Sei que estamos perto dele, embora jamais o tenha visto. Quando me casar com Maurizio talvez o peça para me levar lá.

Procuro outro livro semelhante, mas há apenas nas prateleiras mais altas onde não consigo alcançar, então arrasto a velha escada de madeira para perto daquele que quero e subo, cuidadosamente. Estou quase alcançando-o, quando a voz abrupta parte das minhas costas.

— O que significa isso!? — Posso reconhecer a voz do senhor, me assustando a tal ponto que perco o equilíbrio sobre a escada, escorregando o pé, caindo para trás, carregando junto o pesado objeto de madeira.

Só não me estatelo no chão porque o senhor coloca-se entre mim e ele, aparando-me, rolando comigo para fora do caminho da escada, que se espedaça sobre o piso de pedras, ao nosso lado.

Vamos parar quase debaixo da mesa, o senhor em cima de mim. Tenho meu coração acelerado de medo, meu corpo trêmulo pelo susto. Olho para os pedaços de madeira ao meu lado e imagino que por pouco estaria assim.

— Você está bem? — Ele pergunta, já não mais com a aspereza de antes, pelo contrário, tem a voz gentil e ao mesmo tempo máscula.

— Estou. — Falo.

Pouco a pouco, vou tomando consciência do contato do seu corpo com meu, o calor gostoso que emana dele e um turbilhão de sensações indefiníveis, jamais antes experimentadas, toma conta de mim, deixando-me quente de luxúria, como se minhas veias de repente estivessem em chamas.

Volto minha face para cima, meus olhos encontrando os seus, há calidez expressa nos seus olhos azuis claros, o que intensifica a febre que se alastra por todo o meu corpo, se tornando mais intensa no meio das minhas pernas.

Seguindo a um instinto, levo meu olhar até seus lábios, desejando ardentemente experimentar seu sabor. Quando então me recordo das palavras de Gabriella, de que ele a amarrou e quero, com todas as minhas forças, que faça o mesmo comigo.

Mas ele não se move, apenas me encara em silêncio, com aquele brilho cálido expresso no olhar, capaz de me fazer querer beijá-lo e nunca mais parar.

Seus cabelos crescidos caem nas laterais do seu rosto, acariciando minha face, suavemente. Fecho os olhos, inalando seu cheiro gostoso, todo o meu corpo vibrando, quando então posso sentir sua excitação, rija, como a de um animal, pressionada de encontro ao meu ventre, me fazendo ferver por dentro.

Agora sei que ele sente o mesmo que eu, que me quer tanto quanto o quero. Mas por que não faz nada? Por que não me beija?

Enquanto tento compreender ele simplesmente levanta-se, abandonando-me em chamas no chão, deixando um vazio devastador no seu lugar.

Coloca-se de costas, permanecendo imóvel, em silêncio por um longo momento. Então vira-se, dizendo:

— O que estava fazendo com esses livros se é uma ignorante e não sabe ler? — O tom é abrupto.

Todo o calor que me despertou dá lugar à raiva dentro de mim. Desta vez não me calarei, se me castigar será melhor, pois talvez assim me mande de volta para casa, para fora do alcance da sua tirania.

— Não saber ler não faz de mim uma ignorante senhor, apenas prova a desigualdade de direitos entre os seres humanos.

A surpresa se expressa no seu olhar. Obviamente não esperava que eu respondesse.

— Ainda assim gostaria de saber o que queria com os livros se não entende uma palavra que há neles. — Sua voz está mais branda, inacreditavelmente.

— Gosto de olhar as imagens.

Ele pensa antes de declarar.

— Neste caso está autorizada a usá-los, mas evite a escada, pois não temos um médico decente no feudo.

— Sim senhor.

Observa-me em silêncio por um momento.

— Vai ficar deitada aí o dia todo?

Sinto minha face enrubescer de constrangimento. Estou tão concentrada na presença dele que me esqueci de ficar em pé. Que mancada!

Levanto-me rapidamente, ajeitando as roupas amarrotadas com as mãos, lançando um olhar para o bebê, certificando-me de que ainda dorme.

— Senhor, precisa escolher um nome para seu filho. — Falo, sem pensar.

Ele cerra os olhos, fitando-me com uma carranca tão assustadora que me faz recuar um passo.

Tenho quase certeza de que está pensando: “*E quem você pensa que é, sua serva ignorante para me dizer o que tenho que fazer?*” É isso o que ele pensa de mim, que sou uma ignorante, por isso não me beijou, mesmo estando excitado por minha causa.

— Que nome você sugere? — Pergunta, com voz gentil, surpreendendo-me.

Não preciso pensar antes de responder, pois já tinha cogitado um nome para ele.

— Ferdinando II não seria nada mal. Será como o nosso rei Rogério II.

O que parecia impossível acontece: ele sorri. Não é aquele sorriso largo, mas seus lábios se curvam ligeiramente, deixando-o ainda mais charmoso.

— Se você acha que Ferdinando é um bom nome, pois que seja. Logo o padre realizará o batizado com esse nome.

Sorrio de volta, ampliando meus lábios. Mas parece que o irritei novamente, pois seu semblante volta a se contrair enquanto observa meu gesto, para em seguida, deixar a biblioteca em silêncio.

Pelo menos agora o pequeno tem um nome, um tão lindo quanto o seu dono.

CAPÍTULO VII

Ferdinando.

Não tenho noção de por quanto tempo estou perambulando pelos inúmeros salões desertos do castelo quando entro na capela e sento-me diante da imagem da cruz. Não encontro forças para voltar aos meus aposentos e deitar-me na cama estranhamente grande e vazia, desprovida da presença de Fiorenza. Está certo que nos últimos anos ela tornou-se o mais insuportável dos seres humanos, mostrando-se arrogante, egoísta, autoritária. Mas foi minha companheira durante doze longos anos, não é tão fácil quanto eu gostaria descartar sua existência da minha memória assim da noite para o dia. Talvez com tempo a apague da minha mente, não apenas o inferno de intrigas no qual vivemos mergulhados nos últimos tempos, mas também os momentos bons que tivemos ao nos conhecermos, quando acreditei estar perdidamente apaixonado por ela.

Jamais me deixarei dominar por tais sentimentos outra vez, ir do paraíso ao inferno por causa de uma mulher. Logo que a família real sair do luto e voltar a dar suas grandes festas, passarei a freqüentá-las e encontrarei uma boa nobre para fazer de esposa, agradando assim ao rei, enquanto isso continuarei usando as concubinas e as virgens recém casadas para meu prazer carnal, que está à flor da pele por causa da nova preceptora do bebê.

Esperei dois longos anos para rever aqueles olhos azuis escuros da cor do mar, aquela pele que se torna mais rosada, delicada e atraente sob a claridade do dia, aqueles longos cabelos dourados capazes de despertar em qualquer homem os mais pecaminosos pensamentos, como despertou em mim há pouco na biblioteca, quando precisei de um esforço sobre humano para não rasgar suas vestes desbotadas e torná-la minha ali mesmo no chão.

Todavia esperava encontrá-la no meu quarto, recém casada, pronta para ser deflorada e não trabalhando no castelo, como uma maldita preceptora, de forma que não posso tocá-la sem ser condenado pela igreja e por toda a realeza por desencaminhar uma serva dos caminhos do Senhor.

Por mais que deseje tocá-la, amarrá-la na cama e fazê-la minha; por mais que o calor do seu corpo frágil ainda esteja impregnado em mim e o fogo no seu olhar gravado na minha memória, preciso manter distancia, fazer jus ao título que o rei me confiou, por mais que o odeie. Um dia ela será minha, por pelo menos por uma noite, ao se casar, e quando esse dia chegar a farei pagar por me fazer desejá-la a ponto de cogitar, por um breve momento, esquecer todos os meus princípios e possuí-la no chão da biblioteca, como fazem os animais.

Por enquanto, para minha satisfação tenho Beatrice, a quem precisarei visitar esta noite, embora não estivesse nos meus planos, graças à luxúria cega que a irresistível camponesa me despertou.

No início da noite, lavo-me nos meus aposentos, visto roupas casuais: uma túnica bege larga por sobre o greguesco, o pelote e o saio da mesma cor; sapatos pretos e desço para o jantar.

Os meus primos, suas intragáveis esposas, o padre as crianças e seu preceptor já estão reunidos à mesa, embora não os enxergue realmente. São como fantasmas que perambulam pela moradia aos

quais me mantenho alheio.

A preceptora está sentada a um canto, segurando o bebê nos braços, cabisbaixa, apática, os ombros encolhidos numa postura de submissão que me atrai como um ímã, embora saiba que ela não é tão submissa assim, deixou isso claro ao responder-me com altivez hoje na biblioteca. Não me importaria nem um pouco em domá-la com minhas cordas, transformando-a na mais mansa e obediente das amantes.

O pensamento eleva minha temperatura corporal, afasto-o antes de sentar-me no meu lugar, sendo servido de sopa de galinha, indiferente às conversas vazias entre as pessoas presentes, minha atenção concentrada na preceptora, embora olhe para ela discretamente, com o canto do olho, para que ninguém perceba meu indesejável interesse.

Desta vez está preparada, quando o infante desperta do seu sono, enfia-lhe a protomamadeira com leite na boca, silenciando-o, lançando um olhar na minha direção, certamente em busca de reconhecimento, o qual não lhe dirijo, afinal não está fazendo mais que sua obrigação.

Após a refeição, mantenho-me trancado nos meus aposentos até ter certeza de que todos se recolheram, para então vestir-me da minha capa preta com capuz, preparado para deixar o castelo e ir até Catania ao encontro de Beatrice, porém, ao atravessar os salões envolvidos pela mais negra penumbra, uma pequena chama, partida da biblioteca, atrai-me a atenção. Olho apreensivo naquela direção, pois pode facilmente se tratar de um inimigo da coroa, já que nenhum dos moradores têm o hábito de ficar acordado até uma hora destas.

Empunho minha espada, aproximando-me, cautelosamente, do local. Ao adentrar o cômodo, não posso acreditar no que meus olhos vêem: a preceptora está tranqüilamente sentada em uma das cadeiras diante da lareira acesa, segurando um pergaminho aberto como se fosse capaz de compreender seu conteúdo; usa um vestido rosa claro, quase do mesmo tom da sua pele, que se cola no seu corpo até a altura dos seus quadris, terminando numa longa saia rodada e tem mangas compridas largas; as chamas da lareira iluminam as linhas da sua silhueta que se revela perfeitamente desenhada, assim como os traços delicados do seu rosto e o dourado dos seus cabelos longos, de modo que se parece com uma miragem da qual não consigo desviar os olhos, como se estivesse sob algum tipo de hipnose.

— Por favor não me fira senhor! Sou eu a cuidadora do seu filho! — Ela fala ao se dar conta da minha presença, colocando-se em pé, deixando o pergaminho cair no chão, fitando-me com olhos apavorados.

Só então percebo que ainda seguro a espada em posição de ataque e que o bebê dorme confortavelmente num cesto de palha no chão ao lado da cadeira que ela ocupa.

— O que faz aqui a uma hora dessas?! — Esbravejo, abaixando a espada, tão áspero que ela recua um passo assustada, tão bela, suave e delicada que me faz lembrar como imagino serem os anjos descritos nos livros que tanto gosta.

— Estou olhando as gravuras, senhor, como me disse que estou autorizada a fazer. — Sua voz é meiga e me deixa mais inebriado.

Guardo a espada na bainha da minha cinta, aproximando-me de onde ela está, pegando o pergaminho do chão, realmente curioso em relação ao que tanto lhe agrada naquelas paginas. Abro-o e fico surpreso: são imagens de navios em alto mar, mostrando diferentes momentos de uma longa navegação. Há o mar calmo, agitado, uma tempestade, os tripulantes das grandes embarcações.

— Você gosta do mar, serve? — Pergunto.

— Não o conheço senhor. Mas sonho em um dia conhecê-lo.

Que ótimo, um anjo sonhador.

— O mar é como um vício, quem navega por ele dificilmente será feliz ao deixá-lo.

— Como sabes, meu senhor? Já navegou pelas águas salgadas?

— Meu pai era capitão de um navio que fazia transporte de cargas para diversos países do norte.

Cresci no mar. — E nunca consegui ser feliz depois que saí dele, completo mentalmente.

— Então não és feliz? — A expressão que seus olhos assumem é um misto de piedade e ternura, tão encantador que simplesmente não consigo parar de olhar para ela. Gostaria que fosse minha por pelo menos uma noite, para amarrá-la na minha cama e roubar sua inocência, explorar a pele delicada do seu corpo, com as mãos e com a língua, até fazê-la exteriorizar a amante ferosa que certamente é.

— Era, quando estava no mar.

— Então por que o deixou, meu senhor? Não compreendo.

As lembranças daquela época voltam-me à mente, o quanto fui estúpido ao acreditar que estava apaixonado por Fiorenza e que o amor seria o suficiente para me fazer feliz.

— Deixei por amor, mas já não acredito nele.

Os olhos de anjo dela se arregalam de incredulidade.

— Mas o amor é o sentimento mais lindo que existe. Jamais devemos duvidar da existência dele.

— Como você sabe? Já amou alguém? — Ela pisca confusa. — Aquele rapaz malabarista, o Maurizio, você o ama?

Sua face enrubesce, subitamente, deixando-a ainda mais irresistível.

— Ainda não, mal o conheço. Mas certamente depois que nos casarmos o amarei.

Então ela tem intenções de se casar. Não poderia ter recebido notícia melhor. Será minha para deflorar.

Mas esta não é a única necessidade que sinto quando olho para ela, há uma vontade urgente, incompreensível, de protegê-la, cuidar dela. Seu jeito meigo, inocente, assim como sua crença descabida no amor me fascina. Ao mesmo tempo em que quero roubar sua inocência, sinto essa necessidade de preservá-la. Algo tão novo para mim quanto o fato de estar abrindo meu coração, falando sobre meu passado, meus sonhos, meus sentimentos para uma estranha.

Talvez ela seja mesmo um anjo, como se parece.

— O amor não vem com o tempo, como acreditam os tolos. Ou você ama à primeira vista, ou não ama. — Mas que asneiras estou dizendo?

De repente lembro-me de que estava de saída, mas prefiro ficar aqui falando bobagens com a preceptora que atravessar a floresta para fazer sexo selvagem com Beatrice, o que jamais esperaria de mim mesmo.

— Não tenho argumentos para discutir isso com o senhor, afinal ainda não conheci o amor.

— Um dia você o conhecerá, então terá seus argumentos.

Ele aproxima-se, colocando-se há poucos centímetros de distância de mim, de modo que posso sentir seu irresistível cheiro de fêmea. Será que não tem noção do perigo? Não sabe que sou capaz de rasgar suas vestes e fazê-la minha no chão da biblioteca?

— Então mostre-me, senhor, ensine-me o que é o amor. — Fala, fitando-me com expressão de súplica.

Tento, a todo custo, me conter, mas sou incapaz, sua inocência me deixa louco. Então, com um

gesto muito rápido agarro-a com pela cintura, com um braço, enquanto que com o outro seguro firmemente seus cabelos na altura da nuca, para que não tenha a chance de escapar se decidir voltar atrás e levo meus lábios até os seus, fazendo-a abrir a boca para receber minha língua que a penetra sequiosa, explorando-a avidamente.

Ela retribui, enlaçando seus braços em torno do meu pescoço, movendo sua língua de encontro à minha, pressionando seu corpo frágil contra meu, o que é a minha perdição, logo estou invadido pela mais insana luxúria, minha ereção se fazendo de encontro ao seu ventre.

Afrouxo minha mão dos seus cabelos, descendo- pelo seu comprimento, acariciando suas costas, por sobre as roupas, até alcançar suas nádegas, apertando-as, empurrando-as de encontro à mim, aumentando a pressão do seu ventre contra o meu pênis.

Sua resposta vem em forma de um arquejo e todo o seu corpo estremece, para minha total satisfação.

Ainda sem interromper o beijo, levo a mão ao decote bem comportado do seu vestido, rasgando o tecido grotesco, desnudando seus seios pequenos, firmes, com mamilos rosados. Levo minha boca até um deles, sugando-o com força, lambendo, mordiscando, enquanto ela geme, incentivando-me a repetir a carícia com o outro mamilo.

Quero, com todas as minhas forças rasgar o restante do seu vestido, levá-la para meu quarto, amarrá-la na minha cama e fazê-la minha, mas não posso, não vou me casar com ela e desvirginá-la assim me acarretaria muitos problemas.

Apegando-me aos últimos vestígios da minha sensatez, afasto-me.

— Não posso te dar amor, anjo, não o tenho dentro de mim. — Falo, a respiração ofegante.

Ela me encara com evidente confusão e constrangimento.

— Então me dê o que o senhor tem. Amarre-me na sua cama como fez com Gabriella.

É a minha vez de ficar surpreso. Ela sabe disso e ainda assim me quer.

— Não faça isso consigo mesma, não estrague seu futuro por causa de alguém como eu. Fique longe.

— Não me importo com meu futuro, mas apenas com o que sinto.

— Não devia sentir tais desejos por um homem que não vai se casar com você.

Ela recua, cobrindo os peitos com os trapos do vestido, os olhos se tornando vermelhos, embora as lágrimas não escorram dali. Certamente está pensando que desdenho da sua pessoa por ser uma camponesa. Em outra situação explicaria a ela que preciso me casar com uma nobre para manter meu título, mas é melhor que ela pense o pior de mim, assim fica longe, evitando nos fazer cair numa tentação que levaria ambos à desgraça.

— Boa noite, anjo. — Despeço-me com relutância, retornando para meu aposento.

CAPÍTULO VIII

Ferdinando.

Rolo de um lado para o outro do leito, sem conseguir adormecer. Penso em Annabella, o anjo de cabelos dourados, sozinha na torre, vulnerável, sequiosa por sexo. Poderia esquecer todos os empecilhos, subir até lá e fazê-la minha. Roubar sua inocência, desvirginando-a, afinal é o que ela quer e o que eu quero. Todavia as conseqüências seriam muito graves, principalmente para ela, quanto a mim poderia inventar que fui tentado e todos acreditariam, já que seria a palavra do senhor contra a de uma camponesa. Faria isso com qualquer outra garota que se atirasse nos meus braços como ela fez, mas com ela sou incapaz, pois despertou um lado meu que eu mesmo desconhecia, talvez o que há de melhor em mim, essa necessidade urgente de protegê-la, de cuidar dela. Mesmo durante a primeira vez que a vi, há dois anos, ela foi capaz de me fazer voltar para ajudá-la a montar o cavalo quando estava machucada, não faria isso por outra pessoa, o que prova que ela é especial. Além de tudo foi capaz de me fazer abrir meu coração, falando sobre meu passado, como jamais falei com alguém antes.

Se esquecesse as proibições do rei e da igreja, a faria minha essa noite, deixando que se tornasse uma meretriz depois, mas simplesmente não posso estragar sua vida desta forma.

Cansado de rolar sobre a cama, deixo-a, indo até a imensa janela em formato colonial, observando a mansidão das águas do lago lá em baixo, onde se reflete a luz do luar. Além dos poucos soldados que se mantêm sobre as muralhas, sob a claridade de tochas, não é possível enxergar mais que a silhueta tênue dos barracos toscos dos servos, tudo o mais é escuridão e silêncio.

A nostalgia que o cenário à minha frente me desperta, me faz lembrar Fiorenza em seus últimos dias de vida, o quão se mostrava amarga, infeliz, culpando-me pela sua desgraça. Jamais devia ter me casado com ela, foi feita para um nobre com modos sofisticados, submisso, desinteressado nos prazeres da carne e não para o filho grosseiro de um capitão de navio, nascido e criado no mar, escravo dos mais vis prazeres carnavais. Apenas uma meretriz seria feliz na minha companhia.

Afasto os pensamentos, lembrando o momento em que tive Annabella nos meus braços, volto para a cama e continuo pensando nela, na fragilidade do seu corpo, em como ficaria linda amarrada, nua, na minha cama, à minha disposição, para fazer o que quiser. Um dia a terei assim, afinal ela acredita no amor a tem sonhos de se casar, só espero que não demore muito para esse dia chegar.

Na manhã seguinte, após me lavar e vestir-me com os trajes desconfortáveis, sou obrigado a sentar-me à mesa do café com as pessoas insuportáveis que residem no castelo. Sequer as enxergo, tenho olhos apenas para Annabella, que está no seu canto, segurando a criança nos braços.

Os malabaristas adentram o salão realizando suas proezas ridículas com os objetos, enquanto um deles toca a flauta animadamente.

Percebo que o rosto de Annabella muda com a presença deles, já não mantém os olhos fixos no chão, mas no tal de Maurizio, que também não tira os olhos dela. Uma onda de raiva atravessa meu

corpo ao presenciar aquilo, mal posso acreditar que ela me pediu amor na noite anterior e agora tem olhos para outro homem, mas logo algo me ocorre, uma idéia que poderá propiciar meus momentos de prazer ao lado dela: fazendo-a casar-se com Maurício, para passar a primeira noite de esposa comigo. Essa é a resposta para todos os meus questionamentos. Por um bom dote ele não recusará a proposta, aliás o dote não precisa nem ser tão grande assim, pois ele olha para ela com evidente cobiça.

Ao terminarmos a refeição, antes que eles deixem o salão, aproximo-me discretamente de Maurizio, ordenando-lhe que me encontre para uma conversa particular na capela.

Não deixo de reparar que Annabella percebe quando falo com ele. Espero que o meu envolvimento no seu suposto casamento não chegue ao seu conhecimento, isso estragaria nossa noite juntos.

Mais tarde, quando entro na capela, para minha satisfação, Maurício já se encontra à minha espera, como não podia deixar de ser, já que esses malditos camponeses fazem de tudo para se livrarem do trabalho.

Certifico-me de que estamos sozinhos, antes de fechar as portas e sentar-me no banco de madeira ao seu lado.

— Então Maurício, você tem algum interesse na preceptora do meu filho? — Pergunto.

Ele pensa antes de responder. Percebo que não é tão burro quanto parece quando está girando as bolinhas no ar durante as refeições, pois está tentando discernir qual a intenção da minha pergunta.

— Quero me casar com ela senhor. — Sua resposta me irrita e ao mesmo tempo me agrada.

— E por que ainda não pediu a mão dela?

— Porque estou juntando as moedas que ganho me apresentando na cidade, para comprar uma casa para nós, já que o pai dela não tem condições de lhe pagar o dote.

Não é tão inteligente assim, no seu lugar já a teria pedido e solicitado que esperasse, antes que outro entrasse na frente.

— E se eu te disser que estou disposto a pagar o dote no lugar do pai dela para que vocês se casem o quanto antes?

Ele encara-me com evidentes desconfiança e espanto. Terá compreendido qual a minha intenção?

— Me perdoe senhor, mas por que faria isso?

A raiva toma conta de mim. Ele percebeu o que realmente quero, ainda assim ousa a me desafiar a falar.

— Isso não é da sua conta! — Esbravejo. — Vai aceitar minha proposta ou não?

— Claro que sim, meu senhor. Me perdoe por ter perguntado.

— Então peça a mão dela ainda hoje, marque a data para o quanto antes e se alguém souber que estou pagando o dote, ou que tenho algo a ver com isso, acredite, o farei arrepender-se por ter nascido, fui claro?

— Claríssimo meu senhor. — Ele está a ponto de borrar o saio.

— Ótimo! Agora volte ao trabalho.

Ele deixa a capela, com seu rosto pálido. Me admira que tenha conseguido coordenar os passos estando em tamanho estado de nervosismo. Pobre Annabella, tão inteligente, determinada e quente, precisará conviver com um covarde.

Espero o covarde afastar-se e deixo a capela, atravessando o castelo em direção à escadaria que leva aos meus aposentos. Já que meus primos fazem questão de vigiar o trabalho dos servos junto aos

soldados na lavoura e cobrar os impostos, não merresta nada a fazer que não dormir e pensar, nos dias bons e nos dias ruins que se passaram.

Ao atravessar a entrada da biblioteca, avisto Annabella, sentada na cadeira estofada, segurando um pergaminho. O cestinho de palha com o bebê está ao seu lado. Não resisto, dirijo-me até ela, como se atraído por um ímã.

— Olá. — Digo, sentando-me na outra cadeira diante da lareira apagada.

A face dela enrubesce ao encarar-me, certamente está relembrando a noite anterior, quando eu poderia tê-la feito minha. Se tivesse feito, a essa altura já teria sido expulsa do feudo, pelo padre, e estaria em algum prostíbulo da cidade.

— Olá senhor. Teve uma boa noite de sono?

Até sua forma de pronunciar as palavras é sedutora. Quero agarrá-la outra vez, ir até o fim agora. Mas me seguro firme no lugar.

— Pra falar a verdade não dormi muito a noite.

— O que tirou seu sono?

— As lembranças do passado.

— Minha avó costumava dizer que somos o reflexo daquilo que pensamos. Se tiver pensamentos positivos atrairá coisas boas, assim como atrairá coisas ruins se tiver pensamentos negativos.

— Sua avó é uma mulher sábia.

— Era senhor, ela já faleceu.

Olho curioso o pergaminho que ela segura.

— O que está olhando nesse pergaminho?

— Veja. — Ela entrega-me o velho rolo.

São imagens de mulheres seminuas, em diferentes lugares e posições. Não faço idéia de onde saiu isso, conheço bem o acervo que possuímos, a maioria foi adquirido por Fiorenza durante suas viagens pela Europa, não acredito que ela tenha comprado algo assim. Certamente pertence a um dos meus primos.

— Gosta do que vê, Annabella?

A face dela enrubesce novamente.

— Sim senhor. — Responde, num fio de voz.

— Gostaria que alguém a pintasse assim?

Ela olha no fundo dos meus olhos antes de responder.

— Depende de quem seria esse alguém.

Santo Deus! Essa garota é um furacão. Onde aprendeu a ser tão sedutora? Na verdade ela é naturalmente assim: um misto de sensualidade e inocência, que parte do seu interior.

Estou tentando conter a ereção que começa a se formar sob minhas vestes quando o bebê acorda, seu balbucio ecoando pelo salão. Me admira que não tenha acordado chorando.

Annabella o pega do cesto, segurando-o cuidadosamente.

— Ong... você acordou meu amor? Veja quem está aqui, o papai. — Faz uma pausa, olhando o rostinho do infante. — Ele sorriu meu senhor.

— Como? — Não sabia que crianças nessa idade sorriam.

Ela vem até mim, ajoelhando-se aos meus pés, colocando o pequenino sobre minhas pernas. É uma proximidade muito perigosa, posso facilmente perder o controle e atacá-la a qualquer momento.

— Veja, ele está sorrindo para o senhor.

Olho para o rosto do bebê e é como se o visse pela primeira vez. Sua boquinha miúda está amplamente curvada num sorriso, expondo as gengivas rosadas, enquanto seus olhinhos azuis parecem fitar o vazio à sua frente.

— Ele se parece com o senhor.

— Você acha?

— Sim.

Seguro-o nos meus braços, olhando-o mais de perto, inalando seu cheiro peculiar. Ela está certa, o pequeno tem os meus olhos e pela primeira vez sinto algum tipo de afeição por ele.

— O que você acha que ele pode ser quando crescer?

— Um senhor de terras, como o pai.

— Ou quem sabe o rei da Sicília, se casar-se com a pessoa certa.

As feições de Annabella se contraem. É impressionante como ainda assim continua bonita.

— Disse algo que a aborreceu?

— Não senhor. — Ela responde, num fio de voz, não me convencendo.

— Diga-me o que há com você. Por que fez essa cara emburrada.

— Pelo que o senhor falou, dá a impressão de que casou-se com a filha do rei para tornar-se dono das terras.

Não posso acreditar no que acabo de ouvir. É isso que ela pensa de mim? Eu sabia que não podia dar confiança para essa gente ignorante!

— Como se atreve a dizer uma coisa dessas?! — Esbravejo, a raiva correndo nas minhas veias.

— M-me p-perdoe m-me s-senhor. — Ela se engasga com as palavras, enquanto seu rosto se torna muito pálido.

Se ela fosse uma escrava e não uma serva, a deitaria sobre minhas pernas, ergueria suas saias e lhe daria umas boas palmadas no traseiro, depois apagaria todo o seu fogo enterrando meu pau duro nas suas entranhas até que estivesse dolorida a ponto de me implorar para parar e ainda assim não pararia.

Os pensamentos despertam o que há de pior em mim, a luxúria vil, da qual sou escravo. Essa garota só pode ser uma feiticeira, para me levar da raiva ao desejo em questão de instantes, para me fazer desejá-la mesmo depois de me insultar gravemente.

— Eu não devia dar confiança a pessoas como você. — Falo, devolvendo-lhe o bebê, vendo seu rosto se tornar mais pálido, os olhos refletindo indignação. — Volte ao seu trabalho e não mais me dirija a palavra! — Finalizo, a raiva e o desejo conflitando-se dentro de mim.

Antes que diga-lhe algo de que possa me arrepender depois, deixo a biblioteca, subindo para meus aposentos, onde volto a mergulhar nos pensamentos do passado, agora para esquecer a lasciva tentadora do presente.

CAPÍTULO IX

Annabella.

Finalmente posso respirar um pouco de ar puro, deixando o interior sufocante do castelo, sentando-me às margens da fonte de pedras no jardim, ao lado do pequenino, sob a vigília dos guardas.

É fim de tarde e o calor está insuportável. Gostaria de poder voltar para casa, tomar banho nas águas do riacho, como fazia todos os dias. Aqui a água é escassa, somos obrigados a nos lavarmos com uma quantidade limitada em uma bacia, no lavabo no quarto. Um sacrilégio. Jamais me acostumarei a viver assim.

Se os soldados não estivessem vigiando, refrescaria pelo menos o bebê ali mesmo nas águas da fonte, mas isso não é permitido, já fui avisada por Serena.

Consternada, volto o meu pensamento para onde ele esteve durante todo o dia: no senhor Ferdinando. Não compreendo como sou capaz de desejar, ardentemente, um homem arrogante e insensível como ele, mas o fato é que os momentos que passei nos seus braços estão gravados na minha mente, a intensidade da luxúria que me despertou, a ponto de me fazer esquecer todos os princípios religiosos que aprendi durante minha vida, para oferecer-me a ele e ser rejeitada. Estou tão cega de desejo que seria capaz de deixar tudo para trás e tornar-me sua concubina se ele me quisesse, mas acontece que ele não quer e preciso aceitar isso.

Embora suas atitudes demonstrem o oposto, deixou claro, com suas palavras, que não se relacionaria com uma camponesa ignorante como eu, a quem considera inferior. Foi ainda mais enfático na sua rejeição durante o início desta tarde quando me ordenou a não mais lhe dirigir a palavra. Portanto resta-me apenas esquecer tudo o que sinto por ele.

A sombra de um homem obstrui os raios fracos de sol que me alcançam, aproximando-se de mim. Viro-me naquela direção e fico desapontada ao ver Maurizio.

— Olá Annabella. Podemos conversar um instante? — Diz ele, com um amplo sorriso, seus olhos verdes brilhantes fixos no meu rosto.

— Claro. — Respondo, observando-o sentar-se na mureta da fonte ao meu lado.

— Você está muito bonita hoje. — Ele parece sem jeito, sua face branca mais rubra que o normal.

— Obrigada. Mas não acredito que você atravessou todo o castelo apenas para me dizer isso.

— Na verdade não. Eu queria... bem eu quero... quer dizer...

— Fala logo Maurício. — Interrompo-a impaciente.

Subitamente tenho a impressão de estar sendo observada não apenas pelos guardas e um calafrio percorre-me a espinha. Seguindo a um impulso, lanço um olhar para o andar mais alto do castelo e lá está ele, o senhor Ferdinando nos observando da janela do seu quarto. Ou estaria apenas olhando para o infinito horizonte enquanto pensa na sua falecida esposa?

— Quero pedir sua mão em casamento, você aceita? — Maurizio desembucha.

— Hã?

— Quero me casar com você, Annabella. Estou apaixonado.

Fito-o surpresa.

— Você sabe que meu pai não tem condições de pagar um dote, não sabe?

— Isso não tem a menor importância. Posso alguns dinares que consegui me apresentando na cidade é o suficiente para começarmos nossa vida juntos.

Olho mais uma vez para o senhor, que tem o semblante cerrado, embora não saiba para onde olha realmente devido à distancia. Se tivesse um fio de esperança de que um dia ele me faria sua, rejeitaria o pedido de Maurizio, pois não é dele que gosto, no entanto, esse parece ser meu destino se desvelando diante de mim.

— Aceito sim, Maurizio. Mas você sabe que ainda tem que falar com meus pais.

O sorriso dele volta a se alargar nos seus lábios.

— Falarei com seus pais ainda hoje e depois marcaremos a data. Quanto antes melhor.

Por alguma razão que desconheço, sinto vontade de chorar. Talvez seja saudades da minha família.

— A data que você marcar está bom pra mim.

— Você não me parece muito animada.

— Estou sim. Esse é meu jeito.

— Sei que está preocupada em passar a primeira noite com o senhor, mas se todas as outras suportaram você também suportará.

Meu coração dispara no peito. Tinha me esquecido desse detalhe. Serei de Ferdinando pelo menos na primeira noite. Ele foi o primeiro homem a me beijar, será também o primeiro a me possuir. Difícil será esquecer ele depois de tudo.

— Marque a data, Maurizio. — Para o quanto antes, completo mentalmente.

Os olhos dele ganham um novo brilho.

— Como é bom saber que você também tem pressa. — Fica sem jeito mais uma vez. — Posso te pedir uma coisa?

— Pode.

— Agora que estamos noivos, posso te dar um beijo? Você não imagina o quanto esperei por isso.

O pequenino podia acordar chorando agora, mas não acontece, portanto só me resta atender ao pedido dele.

— Pode, mas não sei como fazer. — Pelo menos não sei com quem não sinto nada.

— Apenas feche os olhos.

Lanço mais um olhar para Ferdinando, agora tendo certeza de que ele olha para nós e fecho os olhos, invadida por uma vontade bizarra de mostrar-lhe que alguém gosta de mim.

Logo os lábios de Maurizio encontram os meus, macios demais, lentos demais, infantis, insuportáveis. Fico tensa deixando que ele mova sua boca sobre a minha, invadia pela repulsa, por um anseio insano de mandá-lo parar, mas é o único amor que a vida me dá, portanto preciso suportar.

— Que indecência é essa perto do meu filho?!

A voz de Ferdinando nos alcança como uma trovada num dia de tempestade, está bem ao nosso lado, como se tivesse descido do castelo voando.

— Perdoe-nos senhor, mas acabo de pedir a mão dela em casamento, como o senhor ordenou. — Maurício fala.

Meus olhos passeiam do rosto de um para o outro. Estou chocada, aturdida, não posso acreditar

no que acabei de ouvir.

— O que você disse Maurício? — Pergunto, perplexa.

Ambos se entreolham, antes de olharem para mim. Não gostaria de estar no lugar de Maurício diante do olhar que o senhor lhe lançou.

— Isso mesmo que você ouviu. Eu ordenei que ele te pedisse em casamento. — Ferdinando declara, com rispidez. — Não é interessante para as esposas dos meus primos que tenhamos uma mocinha solteira perambulando pelo castelo. Mas não quero essa imoralidade perto do meu filho. Depois de se casarem vocês podem fornicar a vontade, bem longe de Ferdinando II.

Se eu não estivesse tão furiosa acharia lindo ele falar, pela primeira vez, o nome do filho, o nome que ajudei a escolher. Mas estou com os nervos à flor da pele, por saber que ele ordenou Maurício a casar-se comigo, com o objetivo único de livrar-se de mim. Depois do que aconteceu entre nós na biblioteca, certamente está acreditando que sou uma oferecida. Quer livrar a si mesmo da tentação que represento, do perigo que corre de pecar contra Deus possuindo-me sem ser meu marido. Não quer proteger aos primos como afirma.

Se não tivesse me proibido de lhe dirigir a palavra, diria a ele que não se preocupasse comigo, que passaria longe dele dali em diante, mas se quer que me case, então casarei.

Sem pensar, deixo-os, adentrando o castelo, passando pela cozinha, onde lavo a protomamadeira, abastecendo-a com leite fresco, ignorando as perguntas de Serena sobre meu estado, subindo para a torre, onde permaneço isolada até a hora do jantar.

Quando as trombetas tocam e desço as escadarias, a cena de todos os dias se repete durante a refeição: os nobres se reúnem em torno da mesa fartamente abastecida pelas servas; Ferdinando senta-se na cabeceira, olhando-me de rabo de olho, acreditando que não percebo; Maurício e seus amigos entram fazendo malabarismos e tocando a flauta para distrair os ricos. Este me lança olhares sedutores, mas já não mais retribuo, devido ao fato de que pedi minha mão apenas por ordem do senhor e ainda teve o descaramento de me beijar, mostrando-se falso. Me casarei com ele, como mandam as leis dos homens e de Deus, mas jamais o amarei realmente. Agora tenho certeza disso.

— Amigos, tenho um pronunciamento a fazer. — Maurício declara, quando todos os servos estão reunidos à mesa da cozinha, comendo as sobras dos nobres. — Eu e Annabella vamos nos casar.

Todos aplaudem animados. Serena e Glória abraçam-me. Os rapazes abraçam Maurício.

— E onde vocês farão as núpcias se ela tem que ficar dia e noite com o infante? — É Rafael, um dos malabaristas, quem pergunta.

Maurício desfere-lhe um tapinha na parte de trás da cabeça.

— Deixa de ser indiscreto. — Retruca. — Nós teremos nossa casa na aldeia. Ficaremos juntos durante nossas folgas.

— Mas a folga é só uma vez por semana. Isso não vai dar certo. — Agora é Glória quem fala e sinto minha face enrubescer.

— Parem com esse assunto, não vêem que estão deixando Annabella constrangida? — Serena vem ao meu socorro.

— Eu sabia que isso acabaria acontecendo. — Jorge, o outro malabarista completa. — Vejo a forma como vocês se olham na hora das refeições.

E não vê como o senhor me olha? Seu senso perceptivo não está muito aguçado. Ou talvez perceba e apenas ignore.

A lembrança de Ferdinando causa-me um mal estar repentino.

— Vou para o quarto. Estou me sentindo cansada. — Declaro.

— Você é a noiva mais apática que já vi, Annabella. — Glória tem que falar.

— Talvez ela esteja com medo da prima nocte. — Jorge fala sorrindo, enquanto joga uma laranja no ar, aparando-a. Talvez não seja tão cego assim.

— Boa noite. — Falo, pegando a cesta com o bebê, deixando a cozinha, irritada. Maurício revelou que me pediu em casamento, mas não disse que foi por ordem de Ferdinando. Duvido que todos ficassem nessa euforia se soubessem a verdade.

No quarto da torre, asseio a pequenino, refrescando-o do calor intenso, troco-lhe os cueiros, dou-lhe leite e ele dorme satisfeito. Deito-me ao seu lado na cama, esperando o sono, mas este não vem. Então espero que seja tarde o suficiente para que os nobres não estejam mais acordados, coloco o dorminhoco de volta na cesta e desço a escadaria, rumo à biblioteca, carregando uma tocha acesa.

Chegando lá, não resisto, acendo a lareira, para que a claridade seja maior, escolho um livro no qual sei que há pinturas e sento-me na cadeira estofada, o cesto no chão ao meu lado.

Neste livro há pinturas de pessoas nobres que aparentemente vivem nas cidades. Há muitas pessoas, praticando diferentes atividades, embora anhumas trabalhe na lavoura. Vejo uma consecução de construções de pedras, ruas pavimentadas, moradias de pedras menores que o castelo, mobiliadas com moveis diferentes, mais modernos e passo a sonhar em um dia conhecer a cidade.

Maurício afirmou apresentar-se lá, pois então será meu presente de casamento, levar-me para conhecer a metrópole.

Subitamente ouço passos sorrateiros adentrando a biblioteca, logo a silhueta de Ferdinando é iluminada pelas labaredas da lareira. Lindo! Exalando charme por cada um dos poros com sua estatura alta; sua postura altiva; seus cabelos crescidos; aquele furinho no queixo que me deixa sem chão. Usa sua capa preta, como se estivesse preparado para sair.

Aproxima-se, sentando-se na cadeira diante de mim.

Fico tensa, sem saber como agir perto dele, afinal não posso falar nada pois tenho ordens de não lhe dirigir a palavra.

Em silencio, fecho o livro, guardo-o, seguro o cesto e tento me retirar, quando então ele fala:

— Onde pensa que vai serva?! — Seu tom é abrupto.

— Acredito que não queria minha presença, senhor.

— Como não, se mais uma vez me detive na tentativa de ir até a cidade ver uma meretriz por sua causa?! — Não apenas o tom com que são pronunciadas, mas também suas palavras me chocam. — Sente-se aí, quero olhar para você! — Ordena, com autoridade.

Obedeço, sentando-me.

CAPÍTULO X

Annabella.

Não consigo parar de olhar para ele, a claridade das labaredas do fogo parecem realçar o azul claro dos seus olhos; a forma despojada como se senta irradia uma masculinidade crua, que me fascina.

— Por que quer olhar para mim, senhor? Se ordenou à Maurício que me pedisse em casamento para se livrar de mim?

Seus lábios se alargam num amplo sorriso, que seria lindo se seus olhos acompanhassem o gesto.

— Então é isso que você pensa? Que quero me livrar de você? — Ele gargalha, os olhos ainda inexpressivos. — Você realmente não sabe ou finge não saber?

— Saber o que, meu senhor? Eu não entendo.

— Você parece um anjo, mas também uma feiticeira que não me deixa sair para foder loucamente, que me faz pagar um homem para se casar com você simplesmente para tê-la nos meus braços por pelo menos uma noite.

Então é isso, ele quer ter a prima noite comigo! Estou tão feliz em saber que meu desejo insano é correspondido que não dou importância à descoberta de que ele pagou Maurício.

Por outro lado sei que é estupidez me sentir feliz com isso, pois só prova que ele me julga inadequada a ser sua de uma forma mais definitiva, como esposa ou mesmo como concubina.

— Eu não me importaria em ser sua de outra forma. Seria sua concubina se o quisesse.

— Não diga tolices. Uma concubina vive marginalizada, apedrejada pela população. É isso que quer para sua vida?

— Se é para ser sua, sim eu quero. — Por alguma razão que desconheço, uma lágrima solitária escorre do canto do meu olho, deslizando através da minha face.

Sem que eu espere, ele vem até mim, segurando-me a mão, fazendo-me levantar. Afasta a lágrima com seu polegar, seu toque quente despertando-me uma onda de calor.

— Não diga isso anjo. Você não merece um futuro desses.

— Nunca escolhi nada para a minha vida, acredito que pelo menos meu futuro posso escolher.

Outra lágrima desce pelo canto do meu olho. Maldição! O que há de errado comigo?

Dessa vez ele a afasta com os lábios, deslizando-os sobre minha pele, causando uma temporal de sensações no meu interior.

— Se é meu amor que você quer, então vou te mostrar meu jeito de amar. — Sussurra, seu hálito perfumado acariciando minha face.

Escorrega sua boca para a minha, tomando-a, com sofreguidão, quase com violência, sua língua invadindo minha boca, movendo-se lá dentro, avidamente, atritando-se com a minha, ao mesmo tempo em que seus braços fortes circundam minha cintura, puxando-me para si, pressionando seu corpo sólido de encontro ao meu, intensificando o desejo intenso que toma conta de mim.

Acredito que ele procurará o caminho dos meus peitos, como fez da outra vez, mas age diferente, afastando-se, deixando um vazio solitário no lugar do seu corpo.

— Alguma chance do bebê acordar? — Pergunta, a voz entrecortada pela respiração ofegante.

— Nenhuma. — Apresso-me em responder.

— Então tire sua roupa. Toda ela.

Sinto minha face enrubescer, jamais antes fiquei nua diante de outra pessoa que não minha mãe e minhas irmãs. Mas eu o quero, mais que tudo na vida, então farei o que me ordenar.

Devagar, tiro o vestido longo, passando-o pelos pés, jogando-o sobre a cadeira onde há pouco estava sentada, enquanto ele registra, com olhos atentos, cada um dos meus movimentos. Em seguida, tiro a chemise, escorregando-a pelos ombros, depois pela cintura, passando pelos pés. Estou completamente nua diante do seu olhar atento.

Constrangida, cubro minha intimidade com as mãos, imaginando que ele certamente está acostumado a ver as curvas femininas mais bem esculpidas do mundo, nas meretrizes da cidade.

— Tire suas mãos daí. Quero te ver toda. Não tens noção do quanto és bela?

Ele não estaria falando com deboche num momento desses.

Aproxima-se novamente, suas mãos pesadas percorrendo minha pele, primeiro nos ombros, depois no colo, passando pelos meus peitos, onde uma fica, acariciando meus mamilos, incendiando-me mais, a outra detém-se entre minhas pernas.

— Abra mais as pernas. — Ele ordena com autoridade.

Obedeço.

Começa a massagear-me ali, onde sou mais sensível, com a ponta dos dedos, a sensação que me invade é enlouquecedora, uma total entrega, como se não pertencesse mais a mim mesma e sim a ele. Quero gemer, gritar, chorar, mas me contenho.

Num gesto muito rápido, ele ergue-me nos seus braços, carregando-me até e grande mesa estendendo-me sobre ela, com as pernas para fora, os quadris na borda. Abandona-me ali, indo até a cadeira, de onde ouço o som de tecido sendo rasgado. Quando retorna, venda meus olhos com um retalho do meu chemise branco.

— Confia em mim Anjo?

— Sim, meu senhor.

— Então não pense, apenas sinta.

— Sim, senhor.

Outro pedaço de tecido é rasgado e logo meus pulsos são amarrados acima da cabaça, presos ao encosto de uma cadeira pesada que está do outro lado da mesa, em seguida, suas mãos fortes levam meus dois pés até a borda da mesa, apoiando-os ali, de modo que fico completamente exposta, arreganhada diante dele e isso é maravilhoso, libertador.

A ansiedade me toma, quase numa agonia quando sinto seus lábios sobre os meus, sua língua explorando minha boca, para logo escorregar através da minha pele, alcançando meus peitos, sugando-os com força, lambendo o mamilo duro, escorrega pra a minha barriga, deixando seu rastro de fogo por onde passa e logo está sobre minha boceta, lambendo-me ali, demoradamente, levando a língua do anus até a outra extremidade.

Tento conter o gemido, mas não posso, o fogo do desejo é intenso demais, sinto como se todo o meu corpo estivesse em chamas e quero mais disso.

As mãos dele abrem minhas nádegas, para que sua língua quente e úmida se enterre mais no meu

anus, para logo refazer aquele percurso enlouquecedor, indo até minha extremidade, onde sou toda sensações.

Passa a lambar-me apenas ali, com movimentos circulares, rápidos da sua língua deliciosa. Enterra um dedo no meu anus, enquanto massageia a minha entrada intocada com o outro, levando gemidos insanos aos meus lábios.

Quero, com todas as minhas forças, tocá-lo também, mas sequer posso mover meus braços presos, então apenas sinto, tudo muito intenso, enlouquecedor.

Pouco a pouco todos os músculos do meu corpo se contraem, numa doce tortura e logo mergulho num êxtase tão profundo que já não consigo conter os gritos que escapam da minha garganta junto com um punhado de palavras desconexas. Arqueio as costas, convulsionando, todo o meu corpo ondulando, involuntariamente.

Não tenho certeza se perco a consciência durante esse processo, mas quando volto a mim, os lábios dele estão cobrindo os meus, sua língua, mais salgada agora, entrando e saindo da minha boca, num gesto de pura luxúria, que mexe com meus instintos mais primitivos.

Quero perguntar-lhe o que houve comigo, mas não encontro minha voz.

Ele afasta-se do beijo, ao mesmo tempo em que tira-me a venda, para depois desamarrar os meus pulsos.

Sento-me na borda da mesa, ansiando por ter seu corpo nu de encontro ao meu, porém ele está completamente vestido.

— Dispa-se, meu senhor, deixe-me lhe dar prazer também. — Consigo falar, minha voz ainda rouca pelos gritos.

Ele observa-me sorrindo. É o sorriso mais raro e lindo da face da terra.

— Entenda Anjo, eu gosto de decidir todas as coisas que acontecem, se decidi que você não me tocará hoje, isso não acontecerá. Ademais quero preservar sua virtude e se eu tirasse minhas roupas, acredite, você deixaria de ser virgem.

— Mas o que fizemos foi sexo. Não sou mais virgem.

— Sim você é. Não rompi o seu hímen, isso acontecerá apenas durante nossa prima noite. Você se casará virgem, como mandam as leis.

Merda! Ele tinha que lembrar desse maldito casamento. Mas se essa é a trajetória para tê-lo completamente, mesmo que por apenas uma noite, então que aconteça.

— Me casarei apenas porque essa é a sua vontade, não a minha.

O sorriso se desfaz dos seus lábios, ao passo em que uma ruga se forma na sua testa.

— Não repita isso. O casamento é a realização de toda mulher. Eu não posso me casar com você, mas aquele infeliz pode e só Deus sabe o quanto o invejo por isso. Porém, até lá, não quero vocês dois se tocando, em hipótese alguma, entendeu?

— Entendi, senhor.

— Ótimo. Agora vista-se e suba para seus aposentos.

Quero perguntar se ele ainda sairá esta noite, se estará nos braços da concubina, se ela dará a ele o prazer que não pude dar, mas não consigo formular as perguntas, pois temo as respostas.

Coloco-me em pé, caminhando até minhas vestes, completamente à vontade com minha nudez agora, pois lá no fundo, sinto que pertencço a ele, embora saiba que verdadeiramente não seja assim, teremos apenas nossos momentos passageiros.

Após examinar-me atentamente, registrando cada um dos meus movimentos enquanto me visto, ele

segura a cesta com o bebê, olhando o filho de perto, inalando seu cheiro, acariciando seus poucos fios de cabelos. Fico feliz que esteja se afeiçoando ao seu unigênito, embora também um tanto enciumada.

— Ele será um grande homem senhor.

— Como você pose afirmar isso, se não passa de um saco de peles?

É a minha vez de sorrir, gargalhando amplamente.

— Ele é maior que todos os meus irmãos eram quando nasceram e suga a mamadeira com força.

Certamente será forte como o pai.

— Você acha mesmo?

— Eu tenho certeza.

Ele coloca o cesto de volta no chão, aproximando-se de mim, fitando-me diretamente nos olhos, com aquela calidez que faz meu sangue ferver nas veias.

— Linda, pura, ingênua e ao mesmo tempo sábia, como um anjo. — Beija-me os lábios muito suavemente, me deixando com gosto de quero mais. — Agora vá dormir, está tarde.

— O senhor ainda sairá esta noite? — A pergunta escapa antes que eu possa segurar.

Ele franze a testa, mostrando-se contrariado.

— Isso não é da sua conta. — É sua resposta, seca e grossa.

Sem mais palavras, pego o bebê e deixo a biblioteca, subindo para o isolamento do quarto onde durmo. Chegando lá, coloco-me diante da janela, observando o portão de saída, satisfeita por não ver Ferdinando deixar a moradia.

A rotina no castelo começa cedo. Quando o galo canta já estou de pé, animada, disposta a não mais ficar chorando pelos cantos, pelo trágico destino de gostar de um homem e ter que me casar com outro, que seja feita a vontade de Deus na minha vida.

Hoje explorarei mais o exterior do castelo. Ouvi dizer que há um pomar na parte dos fundos, estou decidida a ir conhecer, quem sabe até pedir autorização para sair um pouco, ir visitar meus pais, levando o infante comigo, é claro.

Após me lavar e vestir roupas limpas, lavo o pequenino, trocando seus cueiros, partindo para a cozinha, onde encontro Gloria e Serena preparando cornettos açucarados para desjejum.

Depois de cumprimentá-las, lavo a protomamadeira, abastecendo-a com leite de cabra, alimentando Ferdinando II, enquanto ouço as conversas das duas mulheres sobre meu casamento, oferecendo-me conselhos e informações a respeito do matrimônio, tiradas não seu de onde, já que as duas jamais se casaram.

Quando a refeição é servida aos nobres no salão principal, tiro o bebê do cesto, segurando-o nos meus braços, sentando-me no canto de sempre. Logo Ferdinando aparece, lindo, altivo, charmoso. Lança-me um olhar repleto de malícia antes de sentar-se a cabeceira da mesa e basta este pequeno gesto para que todo o meu corpo es quente de desejo, um formigamento se formando na altura do meu ventre.

As conversas paralelas começam concomitantemente ao início da refeição.

— Acredito que meu filho também tenha o direito de estar entre nós na mesa. — Ferdinando declara, com voz alta, silenciando a todos. — Sente-se à mesa com o meu filho, serve.

— Você só pode estar brincando, Ferdinando, vai deixar essa camponesa suja e molambenta sentar-se entre nós? — Protesta a mulher de cabelos vermelhos, esposa de Benito.

Fico tão sem graça com o comentário dela, que sequer consigo me mover, que dirá sentar-me à

mesa.

— Ela está certa Ferdinando, não devemos comer na mesma mesa que essa gente. — Concorde a morena, esposa do outro primo.

— Você tem razão, Giuliana. — Diz Ferdinando. — Ela não está vestida apropriadamente. Ao terminarmos a refeição, quero que dê alguns dos seus vestidos a ela, os melhores, acredito que servirão. — Ignora a expressão furiosa com que a mulher o fuzila, virando-se para mim. — O que está esperando Annabella? Sente à mesa.

Apresso-me em obedecer, sentando-me sem jeito em uma das dez cadeiras vazias, ao lado de Benito.

Com a minha indesejável presença, as conversas cessam, todos passando a comer em silêncio.

Permaneço cabisbaixa, sem saber se devo tocar na comida, embora esteja faminta.

— Você já fez seu desjejum, Annabella? — Ferdinando pergunta.

— Não senhor.

— Então o que está esperando? Coma!

O protesto das nobres partem em forma de balbucios quase inaudíveis.

Seguro o bebê com um dos braços, fazendo a refeição com a outra mão, saboreando os deliciosos conrnettos com chá de ervas, sob os olhares furiosos dos nobres e aturdidos dos demais servos.

CAPITULO XI

Ferdinando.

Não consigo parar de olhar para ela sentada à mesa, mastigando a comida, linda como um anjo, sensual como uma meretriz, mais sofisticada que as esposas dos meus primos sonharam um dia ser. Ainda tenho seu gosto na boca, seu cheiro está impregnado em mim. Há anos uma mulher não mexia tanto comigo quanto ela mexe, é como estar enfeitiçado. Espero que isso acabe após termos nossa noite juntos, pois mandá-la sentar-se à mesa foi apenas o primeiro passo rumo a uma desgraça maior. Se continuar assim, acabarei levando-a para meus aposentos, destruindo nossas vidas.

Preciso lembrar a Maurízio para marcar a data do casamento para o quanto antes.

Ao terminarmos a silenciosa refeição, vejo Giuliana convidando-a a segui-la até seu quarto, certamente para entregar-lhe os vestidos que ordenei.

— Veja o que você tem lá que possa servir nela também. — Ordeno à Clemenzia, esposa de Fabrízio, sob olhar reprovador do marido.

Não sei exatamente o que estou fazendo, mas de uma hora para a outra acho injusto que as esposas dos meus primos tenham roupas bordadas a ouro enquanto Annabella, com todo o seu encanto, vista trapos. Sei apenas que todos parecem desconfiados da minha atitude, o que me faz desistir de levá-la a uma costureira na cidade, como pretendia inicialmente.

Mais tarde, encontro-me no pátio central do castelo, instruindo os soldados a evitarem os religiosos fanáticos por cruzadas que estão surgindo nas cidades, quando Annabella me interrompe, adentrando o pátio com o cesto numa mão.

Está usando um dos vestidos de Giuliana, que por sinal ficou meio apertado no seu corpo, colando-se até seus quadris, onde há uma fita de cetim, terminando na saia longa e folgada; o decote é oval, amplo, deixando à mostra parte do seu colo; a sobreveste, ornamentada com pedras preciosas, tem mangas curtas, começando de abaixo dos seus seios firmes, indo até os quadris, moldando sua silhueta bem feita, exibindo a firmeza dos seus peitos.

Todos os soldados detêm seus olhos sobre ela, sei o que estão pensando e sentindo e um ciúme devastador toma conta de mim.

— O que faz aqui? Não sabe que é um lugar para homes? — Esbravejo, colocando-me entre ela e os soldados.

— Me perdoe meu senhor, não sabia que os soldados também estavam aqui. — Faz menção de se retirar.

Como pode ser tão ingênua e ao mesmo tempo tão sedutora?

— Agora que está aqui diga o que quer antes de ir embora.

— Será que posso levar o bebê para passear no pomar que há nos domínios do castelo? Ele precisa de ar puro e do sol da manhã.

— Claro que pode. Agora vá e não volte a me incomodar. — Sou o mais áspero possível.

Ela se afasta cabisbaixa, os ombros encolhidos, alheia aos olhares maliciosos dos soldados.

Não consigo mais me concentrar no que dizia antes, Annabella deve ter jogado algum tipo de feitiço sobre mim, consigo pensar apenas naqueles seios delicados, empinados, os mamilos rosados e em como os homens do castelo se comportarão perto dela. Maldita hora em que tive a idéia de ordenar a Giovana que lhe desse roupas.

Agindo como um alucinado, deixando que minhas emoções tomem conta de mim, como aconteceu há doze anos quando me casei com Fiorenza, deixo os soldados, subindo para a torre mais alta do castelo, de onde posso avistar todo o pomar. Lá de cima, em pouco tempo a vejo, adentrando o terreno repleto de árvores frutíferas, carregando meu filho nos braços, desaparecendo de quando em quando sob as folhagens das árvores. Caminha por algum tempo, aspirando profundamente o ar, o que não é de estranhar, já que certamente cresceu freqüentando livremente a floresta, como estava quando a conheci. Tem sede de ar puro e provavelmente de liberdade. Posso imaginar o quanto deve estar se sentindo infeliz aqui no castelo.

Por fim, senta-se sobre o tronco de uma árvore caído no chão, visivelmente tensa naquele vestido apertado, Forra o lugar ao seu lado com a manta do bebê, deitando-o ali, sob o sol fraco da manhã. Então, subitamente seu semblante parece ficar triste, com ar pensativo. O que se passa na sua cabeça agora? Gostaria de saber.

Tenho diversos outros afazeres, mas simplesmente não consigo parar de olhar para ela, como se estivesse sob algum tipo de hipnose. Quero, com todas as forças do meu ser, senti-la novamente, seu cheiro, seu gosto, sua pele, sua total entrada ao desejo selvagem que parece consumi-la tanto quanto a mim.

Estou tão concentrado nela, que quando percebo Maurício está sentando-se ao seu lado. O que ele quer? Sei que é seu noivo, mas proibi a ambos de se tocarem antes do casamento.

Eles conversam por um momento, Annabella sorri, quero descer lá e matá-lo por arrancar aquele sorriso dela. É inconcebível o sentimento de posse que toma conta de mim.

Quando ele leva a mão ao rosto dela, acariciando-lhe a pele, todas as fibras do meu corpo se contraem numa raiva cega que me domina. Espero para ver o que acontecerá e ele leva seus lábios até os dela, embora ela o repudie, ele a beija na boca, segurando-a firmemente no lugar, quando então perco o controle e desço as escadas correndo, ignorando Benito que tenta me dizer algo no momento em que passo por um dos salões.

Estou quase fora de mim quando atravesso o pomar em direção ao local onde eles estão, quando os alcanço ainda estão se beijando, o que só tem explicação no fato de que Annabella se rendeu ao toque dele.

— Essa indecência perto do meu filho outra vez! — Grito, vendo-os colocarem-se em pé, assustados. — Já não disse que não quero que isso se repita na minha casa! Se querem se agarrar, esperem estar na casa de vocês.

— P-perdão m-meu s-senhor...

— Cale-se, seu moleque. — Interrompo Maurício na sua fracassada tentativa de se desculpar. — Saia daqui antes que eu arranque seus olhos.

Ele lança um olhar rápido na direção de Annabella antes de sair correndo. Covarde! A deixou sozinha à mercê da minha fúria.

Ela faz menção de se afastar também, quando grito:

— Você fica!

— Me perdoe senhor. Ele me beijou de repente, tentei evitar, mas foi impossível. — Ela fala, seus olhos fixos no chão.

— Estou achando que seu destino é mesmo ser uma meretriz. Passou a noite gozando na minha boca e agora está nos braços de outro homem! Como se atreve?!

Ela me encara, os olhos furiosos.

— Me perdoe senhor, mas ele é meu noivo, isso pela sua vontade.

Não sei o que atíça mais meu ódio, se o fato de ela estar certa ou por se atrever a me desafiar.

— Abaixei os olhos quando falar comigo, prostituta!

Ela arregala mais os olhos, mantendo-os cravados no meu rosto.

— Se sou uma prostituta é porque me fizeste assim.

É a gota d'água, sua atitude desafiadora desperta o animal que há em mim. Movido pelo ódio cego, tomo-a pela cintura, sentando-me sobre o tronco da árvore, deitando-a de bruços sobre minhas pernas, erguendo suas saias, desnudando seu traseiro branco, onde passo a desferir palmadas da minha mão forte, deixando-o mais vermelho a cada golpe.

Ela não grita, não tenta fugir ou sequer se libertar, mas sei que está chorando, abundantemente, pois seu corpo ondula a cada soluço que solta.

Suas nádegas começam a ficar roxas, quando paro, ainda estou cego de ódio, mas sei que preciso parar, ou vou matá-la. Quando a liberto das minhas mãos, ela cai deitada no chão, antes de levantar-se rapidamente, fitando-me com ódio no olhar.

Observo seu rosto banhando de lágrimas, a fisionomia contraída de fúria e medo. Parece tão indefesa, frágil, machucada, que minha consciência pesa, irreversivelmente.

— Se ajuda em alguma coisa, saiba que não estou me sentindo melhor com isso. — Falo.

Ela soluça alto antes de falar:

— O senhor é um demônio! Não posso acreditar que o deixei me tocar, que me preocupei com sua dor por ter perdido a esposa. Pobre dela! Deve ter morrido por sua causa como todos dizem. — Solta outro soluço, as lágrimas descendo abundantemente. — Deve ter ficado feliz ao morrer, por se livrar do senhor! Monstro!

O ódio cede lugar ao arrependimento e à dor dentro de mim, por tê-la machucado, por ser alvo do seu ódio, o que me dói mais que feridas físicas.

Num impulso, coloco-me de pé, tomando-a nos meus braços, afundando meu rosto nos seus cabelos sedosos.

— Me perdoe anjo, eu não queria te machucar, estava tão cego de ciúmes que não vi o que fazia. Pelo amor de Deus, diga que me perdoa.

Ela não se move tentando se libertar, porém não me abraça também.

— Não vê que não há perdão para o que fez? — Ela diz, entre um soluço e outro. — Solte-me. Nunca mais o deixarei me tocar!

Solto-a devagar, suas palavras devastadoras me machucando, porém não tanto quanto a machuquei fisicamente.

Ainda chorando abundantemente, pega o bebê. Antes de afastar-se, fala:

— Se eu tiver que passar uma noite na sua cama, me matarei antes. — E retorna para o castelo correndo.

Volto a ver Annabella apenas na hora do almoço, quando senta-se à mesa, quieta, silenciosa, cabisbaixa. Ainda usa as vestes de Giovana e tem os olhos inchados pelo pranto. Não lança sequer

um olhar na minha direção e essa indiferença me machuca mais que qualquer coisa já me machucou, me dói mais que doeu a morte de Fiorenza. Em contrapartida, sei que o que fiz ela foi a coisa mais terrível que já lhe aconteceu, assim como para mim também foi a primeira vez. A primeira vez que encosto a mão em uma mulher para machucar a tal ponto. Já tinha batido antes, durante o sexo, em nome da luxúria, mas jamais por ódio, para machucar como a machuquei. Jamais antes estive tão descontrolado como naquele momento, dominado pelas minhas emoções, mas esse é o efeito que Annabella tem sobre meu ser: o de me fazer perder completamente o controle sobre mim mesmo, o que torna perigoso o convívio com ela sob o mesmo teto.

O dia transcorre-se sem nenhuma novidade, com exceção do fato de que Annabella não está em parte alguma, pelo menos não que eu veja, certamente está me evitando. Quando a noite cai, espero que todos estejam recolhidos e me preparo para ir à cidade ver Beatrice, porém, ao atravessar a entrada da biblioteca, detenho-me, entrando na escuridão do salão vazio, desprovido da presença do meu anjo de cabelos dourados. Os acontecimentos da noite anterior voltam nítidos à minha mente, me desencorajando a sair, a desejar qualquer outra mulher que não seja ela.

Nos dias que se seguem, tudo se repete: Annabella não olha para mim, não desce mais para a sala de leitura à noite e permanece no quarto a maior parte do tempo, descendo apenas nas horas das refeições. Durante a noite, preciso de um esforço inumano para conter ao impulso de ir bater na porta do seu quarto na torre e fazê-la minha, mesmo que contra a sua vontade. Por fim chego à conclusão de que não é possível viver assim, se continuar vou acabar enlouquecendo, então, certa manhã, tomo uma das decisões mais difíceis da minha vida: apressarei o casamento entre ela e Maurício, comprarei uma casa para ambos viverem na aldeia, de forma que a esquecerei definitivamente e arranjaréi outra preceptora pra meu filho. Desta vez uma idosa, que além de entender de crianças, passe despercebida aos meus instintos carniais.

Desta forma matarei dois coelhos com a mesma cajadada: a terei nos meus braços uma última vez e depois poderei esquecê-la.

No final do dia, chamo Maurício para uma conversa particular.

— Já marcou a data do casamento, moleque? — Pergunto, ao encontrá-lo aguardando-me na capela, da forma como ordenei há alguns instantes durante o almoço.

— Ainda não, meu senhor. — Ele responde sem levantar o olhar para mim.

— E o que está esperando se já faz quase uma semana que pediu a mão dela?

— Ainda não tenho dinares para comprar uma casa senhor.

— Isto não será mais problema, encontre uma casa ainda hoje que pagarei por ela conforme prometi. Marque o casamento para daqui a três dias no máximo. Após a cerimônia considere-se dispensado do trabalho no castelo, assim como ela também estará, para que possam viver suas vidas. Fui claro?

Os lábios dele se abem num sorriso amplo, embora ainda se mantenha cabisbaixo.

— Claro como a água meu senhor.

— Ótimo. Agora vá para a aldeia e só volte aqui quando encontrar a casa.

— Sim senhor.

Ele deixa a capela exultante, enquanto permaneço mergulhado no meu mar de tomentos, com meu coração sangrando num silêncio cuja dor apenas eu conheço e compreendo.

CAPÍTULO XII

Annabella.

Da janela da minha nova casa, a maior e mais bela da aldeia, construída com argila, madeira e palha, observo a movimentação das pessoas lá fora, sob o sol escaldante daquele início de tarde de verão. É o dia do meu casamento, muitos dos servos estão reunidos diante da moradia, onde há uma mesa de madeira enorme, retangular, usada em tais ocasiões, cadeiras a sua volta, um pequeno altar onde o padre realizará a cerimônia e uma fogueira para preparo da carne de cordeiro. Tudo está ornamentado com flores brancas, a musica tocada pelo flautista e pelo percussionista é agitada e incessante. Algumas pessoas já arriscam os primeiros passos da dança, outras bebem o vinho caro que Maurício comprou, certamente com o dinheiro que Ferdinando lhe deu para se casar comigo.

A simples lembrança do nome dele é o suficiente para que as lágrimas ameacem aflorar dos meus olhos, como tem acontecido nos últimos dias, em que venho ignorando-o, quando quis, com todas as minhas forças, esquecer o que ele me fez, mas não fui capaz.

E agora é definitivo, em questão de horas estarei dando o passo rumo à minha nova vida da qual ele não fará parte. Apesar de que ainda terei minha noite nos seus braços, depois voltarei a morar na aldeia, longe das suas vistas, longe do meu pequenino, a quem me apeguei como se fosse meu filho.

Saber que dificilmente voltarei a ver Ferdinando depois de casada me dói muito mais que as palmadas que ele me desferiu naquela manhã de sol no pomar, sequer é possível comparar uma coisa à outra. Se pudesse voltar no tempo, teria aceitado sua violência sem contestar, teria permanecido silenciosa enquanto apanhava, apenas para não perdê-lo desta forma, sabendo que ele apressou o casório para se livrar de mim.

— Não fique na janela. O noivo não pode ver a noiva com o vestido antes da cerimônia. — Minha mãe fala, aproximando-se por trás. É uma das raríssimas ocasiões em que falta ao trabalho na lavoura.

Meu vestido também foi comprado por Maurício, uma vasquinha cara, de tecido fino branco, sem mangas, deixando os ombros à mostra, com várias camadas de saia e um grande laço nas costas, como eu jamais vi antes. Meu cabelo está solto, enfeitado com uma flor apenas.

— O que tem isso se foi ele que comprou o vestido? — Pergunto.

— Mas não viu você vestida. Agora saia da janela. Espere o padre em outro lugar.

Viro-me para ela, abraçando-a desconsolada. Se soubesse metade da dor que me consome a alma, não me falaria bobagens.

— Você é a noiva mais desanimada que já vi. Há algo que queira me contar?

— Nada mãe. Apenas me abrace.

— Mãe! Anna! O padre já chegou. O pai ta vindo te buscar. — Fala minha irmã Barbara, dois

anos mais jovem que eu, ao entrar na casa.

Então chegou o grande momento, aquele com o qual sempre sonhei e que deveria ser o mais importante da minha vida, mas na verdade está sendo o pior.

Quando meu pai entra na casa, usando seus melhores trajes, tenho um bolo no estomago e minhas pernas estão tremulas. Sinto vontade de sair correndo, fugir para onde ninguém possa me encontrar, mas sei que isso só pioraria as coisas, em todos os sentidos. Portanto me resta apenas seguir meu destino.

— Maurízio já está no altar. — Declara meu pai, entrando na sala, estendendo-me o braço. — Vamos?

Engulo em seco, enlaçando meu braço em torno do dele, deixando-o me conduzir em meio aos convidados, rumo ao altar.

Enquanto caminhamos em meio às duas aglomerações de pessoas, não consigo olhar para os lados, mas posso ouvir os murmúrios e sei que estão falando sobre a sofisticação do meu vestido, insinuando o óbvio: que o senhor deu o dinheiro a Maurízio com o objetivo único de aligeirar sua prima noite comigo. Que falem o que quiserem, eu não ligo.

Enfim alcançamos o altar, onde Maurízio nos aguarda, sorridente, ao lado do padre. Junto-me a ele para ouvir o sermão, depois há os juramento de amor um ao outro, à fidelidade a Deus, aos costumes e à família. Por último ocorre a troca de alianças, os beijos na face e está feito: agora sou uma mulher casada, precisarei usar meus cabelos presos, engordar alguns quilos, engravidar e cuidar dos meus filhos, como quis fazer durante toda a minha vida.

Após a cerimônia, nos reunimos aos demais para a comemoração, comendo churrasco, dançando e bebendo vinho.

Gabriella também está presente, sorridente ao lado do marido, como todos os demais está alheia à dor que me assola a alma.

A noite começa a cair, quando vimos os três soldados aproximando-se nos seus cavalos, arrastando uma quarta montaria desocupada. Nesse instante a musica cessa e todos param para observar a cena, penalizados, abrindo caminho para os cavaleiros.

É o momento em que toda noiva entra em pânico, mas para mim é o melhor momento da festa, quando tenho a certeza de que logo estarei nos braços do homem que realmente desejo.

— Suba na montaria serva! — Ordena o soldado que segura as rédeas do cavalo desocupado.

Minha mãe, Gabrielle e minhas irmãs me abraçam em despedida, quando apenas Gabrielle não está chorando. Despeço-me de Maurízio com um beijo na face e obedeco, subindo na montaria, sendo escoltada para o castelo.

Ao atravessarmos as muralhas, salto da montaria, o soldado segurando-me firmemente o braço, conduzindo-me para o interior da moradia. Pega uma tocha acesa antes de atravessarmos vários salões, para minha satisfação totalmente desprovidos de pessoas, seria muito constrangedor me depara com alguém agora. Descemos as escadas para o calabouço, onde jamais me atrevi a ir antes. Entre as muitas celas vazias, reservadas a prisioneiros, há uma porta fechada, totalmente oculta pela penumbra se ele não trouxesse a tocha, na qual o soldado bate.

Logo Ferdinando abre, detendo seus olhos azuis claros em mim. Ao olhar para ele, meu coração dispara no peito, minhas mãos transpiram. Está mais lindo que nunca, usando uma túnica branca de tecido fino folgada. Seus cabelos emaranhados emprestam-lhe um ar de selvageria que o deixa ainda mais irresistível.

Percebo que senti mais falta dele que imaginava.

— Entrem. — Ordena, seco e firme.

O soldado me deixa do interior do aposento, faz-lhe reverencia e sai, fechando a porta atrás de si.

Trata-se de um cômodo amplo, iluminado com apenas duas tochas, mobiliado por uma grande arca trabalhada à mão, uma cadeira de balanços e uma cama enorme com colchão.

Ferdinando passa a caminhar à minha volta, estudando-me atentamente, por fim se coloca diante de mim, fuzilando-me com seus olhos lindos e inexpressivos.

— Como foi a cerimônia? — Pergunta.

Ignoro as batidas aceleradas do meu coração, e respondo:

— Animada, como todas.

— E você ainda está animada?

Que pergunta é essa? Não passa pela sua cabeça que esperei tanto por essa noite a ponto de mal conseguir permanecer em pé tamanho é meu nervosismo?

— Estou nervosa.

Ele pensa antes de continuar.

— Por um momento fiquei com medo de que você cumprisse a promessa que fez na ultima vez em que nos falamos.

— Falei aquilo na hora da raiva, sem pensar.

— Então pode compreender que na hora da raiva podemos agir sem pensar, como aconteceu comigo quando te machuquei, certo?

— Posso sim.

— Isso significa que um dia me perdoará?

— Já o perdoei. A sua ausência me doeu mais que a força das suas mãos.

Ele fita-me em silencio por um longo momento, então, num gesto muito rápido, toma-me nos seus braços enlaçando minha cintura, afundando seu rosto nos meus cabelos.

— Ah, meu anjo, não imagina o quanto quis ouvir isso de você. Estou tão arrependido pelo que fiz. — Aperta-me mais forte, o calor gostoso do seu corpo grande despertando a luxuria dentro de mim. Afasta-se, fitando o meu rosto antes de dizer: — Quero que saiba, que essa noite só ficaremos juntos se essa for a sua vontade. Se desejar, a libero agora mesmo para voltar para seu marido.

Do que ele está falando?

— Passar essa noite com o senhor, é tudo o que mais quero na vida.

Vejo a paixão, o fogo do desejo surgindo nos seus olhos brilhantes enquanto olha para mim.

Movendo-se com muita agilidade, volta a me tomar nos seus braços fortes, desta vez tomando-me também os lábios com os seus, num beijo sôfrego, carregado de paixão e de saudade, o qual correspondo, movendo minha língua de encontro à sua, naquela dança sensual que faz meu sangue ferver nas veias.

Interrompe o beijo, mantendo a testa de encontro à minha.

— Você não imagina o quanto esperei por isso, meu anjo. — Sussurra, a voz entrecortada pela respiração ofegante.

Volta a beijar-me, com uma violência impetuosa capaz de fazer todas as minhas terminações nervosas estremecerem. Enfia a língua na minha boca, movendo-a lá dentro, avidamente, convidando-me a retribuir.

O calor da luxuria queima nas minhas entranhas, ordenando-me a pedir por ser tocada mais

intimidante, por ser possuída. Espero que ele se afaste e me ordene a despir-me, como fez na noite me que estive nos seus braços na sala de leitura, mas não acontece, em vez disso, escorrega a mão para as minhas costas, abrindo os fechos do meu vestido, afastando-se para tirá-la, em seguida, desce-o pelos ombros, escorregando-o até meus pés, tirando-o, fazendo o mesmo com meu chemise, tirando-o, vagarosamente, passeando seu olhar por cada parte do meu corpo completamente nu.

Não me sinto constrangida quando ele afasta-se para me examinar dos pés à cabeça, seus olhos sequiosos, demorando-se mais no meio das minhas pernas.

Sem que eu espere, empurra-me até a parede, recostando-me na superfície rochosa, levando sua boca quente até meus peitos, lambendo, sugando, mordiscando meus mamilos, um de cada vez, incendiando-me de desejo, levando os gemidos aos meus lábios. Escorrega os lábios sobre minha pele, ajoelhando-se aos meus pés, como jamais esperei que fizesse, descendo até meu sexo, onde se detém, beijando meus grandes lábios.

Com uma mão, ergue minha perna, colocando-a sobre seu ombro, de forma que fico arreganhada diante do seu rosto, em seguida me lambe ali, levando sua língua úmida da minha entrada até sua extremidade, onde sou mais sensível, refaz o percurso, fazendo-me mergulhar numa doce loucura.

Sentindo como se todo o meu corpo estivesse em chamas, abro mais minhas pernas, ampliando seu acesso à minha boceta, ao mesmo tempo em que seguro meus mamilos, apertando-o com força, imaginando que são as mãos dele no lugar das minhas.

Ele passa a lamber apenas minha extremidade inchada, movendo a língua rapidamente, parando para chupar suavemente, ao mesmo tempo em que passa a massagear, com um dedo, onde estou úmida, devagar.

Pouco a pouco meus músculos se contraem, ansiando por um alívio, quando então abandono meus peitos, segurando os cabelos crescidos dele, puxando-o mais de encontro ao meu corpo, movendo meus quadris no ritmo da sua língua insaciável, esfregando minha boceta na sua boca e logo acontece, estou mergulhada no mais profundo êxtase, que me faz gritar, soluçar, convulsionar, como se estivesse fora de mim.

Quando meu corpo relaxa, ela volta a me beijar na boca, sua língua mais salgada agora. Num impulso chupo-a, com força, fascinada com a sensação que isto me causa.

— Como você é deliciosa anjo. Agora quero que retribua.

Sei do que ele está falando e quero fazer isto.

Observo-o se despir, devagar, tirando peça por peça, até ficar completamente nu, exibindo o físico glorioso, os braços e o peito coberto por músculos protuberantes, a barriga achatada, de onde parte uma estreita trilha de pelos negros que termina no pênis ereto, tão grande que alcança seu umbigo. É a visão mais gloriosa que uma mulher pode ter.

— Ajoelhe-se. — Ordena.

Obedeço sequiosa, ansiosa pelo que acontecerá em seguida.

Como eu esperava, chega bem perto, aproximando o membro do meu rosto. Sem esperar por uma segunda ordem, coloco-o inteiro na boca, sua ponta alcançando minha garganta, passo a sugar com força, como ele fez com os meus mamilos.

Ele segura firmemente meus cabelos, movendo minha cabeça para frente e para trás, de forma que seu pau está entrando e saindo da minha boca.

— Assim anjo, faça bem depressa. — Sussurra, a respiração pesada.

Movo-me da forma que ele diz, enterrando seu membro e tirando, cada vez mais depressa,

excitando-me, excitando-o.

Um gemido selvagem parece partir do fundo da sua alma, quando então ele coloca um pé sob mim, no meio das minhas pernas, tocando minha boceta, massageando-a com os dedos.

Não há palavras que possam descrever a sensação de liberdade que me toma, é como se pudesse fazer qualquer coisa com ele, como se nossos corpos pertencessem um ao outro.

De repente, seu membro fica mais duro na minha boca, ao mesmo tempo em que ele segura minha cabeça mais firmemente, afundando-o mais na minha garganta, enchendo-me com seu líquido saboroso, que engulo rapidamente, satisfeita por ouvi-lo gemer pelo prazer que dou a ele.

— Que delícia anjo, parece até que você fez isso a vida toda. — Fala, fazendo-me ficar de pé, beijando-me os lábios sugando minha língua com força.

Sem interromper o beijo, ergue-me nos seus braços, carregando-me para a cama, estendendo-me sobre ela, examinando com olhos sequiosos cada detalhe do meu corpo nu.

— Alguma coisa me diz que você será a minha perdição. — Fala.

Em seguida, deita-se sobre mim, apoiando o peso do seu corpo nos seus joelhos e cotovelos, beijando-me novamente, abrindo minhas pernas com as suas, encaixando seus quadris entre elas, a cabeça do seu pênis tocando minha boceta.

— Diga meu anjo, que está aqui Por sua livre e espontânea vontade, que quer, tanto quanto eu, o que está acontecendo entre nós.

— Estou aqui por te quero, meu senhor, mais que já quis qualquer coisa nessa vida.

Com um gesto muito rápido, ele enterra seu pau em mim, causando-me uma dor aguda que me faz soltar um grito. Mas não se detém, continua movendo-se dentro de mim, num incessante vai e vem que pouco a pouco me incendeia, deixando-me em chamas. Posso sentir sua carne em contato com a minha, seu tamanho dilatando minhas paredes escorregadias, proporcionando-me uma deliciosa sensação, como se jamais estive completa antes.

Meus seios se chocando contra seu tórax intensificando todo o meu desejo, quando então arremeto meus quadris de encontro a ele, gemendo, chorando, pedindo mais.

Com movimentos rápidos, ele inverte as posições, colocando-me sobre seu corpo, penetrando-me assim.

— Mexe gostoso, meu anjo. — Murmura.

Não sei muito bem como fazer isso, então entrego-me aos meus instintos, pousando as palmas das minhas mãos no seu peito forte, descansando meu peso ali, enquanto movo meus quadris frivolamente, para cima e para baixo, em círculos, seu pau indo cada vez mais fundo no meu interior, quase me levando à insanidade.

Sem sair de dentro de mim, ele senta-se sobre o colchão, seu rosto ficando a menos de um palmo de distancia do meu, meus peitos reencontrando seu tórax, meus braços circundando seu pescoço, nossos olhares fixos um no outro.

É tudo muito intenso, indescritível, da forma que jamais imaginei ser.

Basta que ele volte a beijar-me os lábios, movendo sua língua para fora e para dentro da minha boca, da mesma maneira que faz com seu membro na minha vagina, para que todo o meu corpo se retese, em busca do alívio, que vem mais intenso que da primeira vez, levando lágrimas aos meus olhos. Me contorço, convulsiono, grito e choro durante o êxtase demorado, enlouquecedor.

Quando relaxo ele se retira de mim, ejaculando sobre o meu ventre, seu líquido quente, se misturando ao sangue da minha virtude, lambuzando, minha pele, deliciosamente.

Caímos lado a lado sobre o colchão, igualmente suados e ofegantes, nossos corações batendo num uníssono acelerado.

Depois de um longo momento de silêncio, deito-me de lado, olhando para ele e digo:

— Se eu soubesse que isso é tão bom, teria experimentado antes.

Ele deita-se na mesma posição, seus olhos encontrando os meus.

— Não permito que você ache isso bom com outro homem, nem com seu marido, fui claro?

— Sim, meu senhor.

Sua menção ao meu marido me faz lembrar minha maldita realidade. Serei feliz apenas por uma noite, logo que o dia chegar precisarei voltar para Maurício, por quem não sinto nada, nem mesmo amizade, já que aceitou dinheiro para se casar comigo.

— Ei, que ruginha é essa na sua testa? Se é por causa do que eu falei, saiba que não permito que fique assim também.

— Não é isso, meu senhor. Sei que jamais sentirei isso com meu marido, é fato. Estou pensando no quanto serei infeliz quando o dia chegar, por ter que deixá-lo e voltar para ele.

Ele solta um longo suspiro, leva sua mão à minha face, acariciando-a suavemente.

— Não pense nisso agora, vamos aproveitar nossa noite, pois será a única que teremos.

CAPÍTULO XIII

Ferdinando.

Quase que instantaneamente a ruga se desfaz da sua testa, sua expressão assumindo um ar malicioso, desejoso, que no seu rosto angelical é capaz de levar qualquer homem à perdição.

Jamais compreenderei como alguém pode ser tão perfeito quanto ela. Inocente e ao mesmo tempo sedutora e quente.

— Que horas o senhor vai me amarrar na cama? — Pergunta, com a mais lasciva malícia.

— Desde quando você gosta dessas coisas? — Estou curioso.

— Desde que Gabriella me disse que o senhor fez com ela. Não parei mais de pensar nisso. E aquela noite na sala de leitura foi maravilhoso.

Relembro o momento em que perdi o controle com ela, surrando-lhe com as mãos, machucando-a a ponto de fazê-la me odiar, de passar a me ignorar. Prometi a mim mesmo que não voltaria a machucá-la, em hipótese alguma, que se nossa prima noite se realizasse seria um verdadeiro cavalheiro, como estou sendo, porém, não posso conter meus instintos primitivos sabendo que ela também quer.

— Você deve saber que se fizermos isso você pode sair machucada.

— Eu não me importo.

— Você não me pareceu não se importar da ultima vez que te machuquei.

— Naquela ocasião foi por ódio, eu não esperava. Agora é diferente. Quero experimentar tudo esta noite, pois sei que não terei outra chance. Jamais sentirei pelo meu marido o que sinto pelo senhor.

Pouso meu dedo indicador sobre seus lábios rosados.

— Não fale nele perto de mim. — Coloco-me em pé, entendendo-lhe a mão. — Venha, quero te mostrar uma coisa.

Ela se levanta, segurando minha mão, deixando-me me conduzi-la até o lavabo, onde a grande banheira de pedras retangular está cheia de água limpa, como ordenei mais cedo.

Annabella percorre seus olhos através do cômodo, mostrando-se impressionada com as correntes penduradas no teto e nas paredes, diferente das outras garotas que estiveram aqui, mostrando-se assustadas com os arranjos.

— Para que são as correntes? — Pergunta.

— Para imobilizar você. Mas antes quero te dar um banho. Entre na banheira.

Ela obedece, sentando-se na banheira, deixando-se submergir até a cintura, suas pernas parecendo tremer sob a transparência da água.

Pego a esponja de sobre o balcão de pedras e aproximo-me.

— Deite-se, fique bem relaxada.

Ela deita-se, deixando apenas a cabeça do lado de fora da água.

Sento-me na borda da banheira, observando seu corpo perfeito mais uma vez, sem que isso me canse. Ela tem a pele perfeita, totalmente branca, macia, delicada; os pelos púbicos estão aparados, são dourados como seus cabelos, além de finos e ralos; tem cada curva no lugar certo; os quadris são redondos, a cintura fina, os peitos pequenos e firmes, com os mamilos rosados. Uma mulher como ela deixaria qualquer homem sem juízo.

Começo passando a esponja molhada nos seus ombros, descendo pelos seios, barriga, ventre e finalmente o meio das suas pernas, onde há sangue grudado no ápice das suas coxas, o qual retiro, deixando a água avermelhada.

— Abra mais as pernas, anjo.

Ela obedece sem hesitar, como faz com todas as minhas ordens, o que me deixa ainda mais fascinado. Esfrego o objeto macio na sua boceta pequena, massageando seu clitóris assim vendo-a arquejar, enquanto meu pau endurece novamente, pronto para outra trepada.

Continuo esfregando a esponja ali, observando, com adoração, a forma como ela reage, sibilando, puxando o ar pela boca, arfa, fecha os olhos, jogando a cabeça para trás, apertando as bordas da banheira com as mãos, tamanha é sua excitação.

Quero pular na água e comê-la agora mesmo, mas preciso me conter, prolongar nosso prazer, já que só o teremos por algumas horas.

Fico em pé, estendendo-lhe a mão.

— Venha, anjo tenho algo para você.

Ela se levanta, segurando minha mão, deixando-me guiá-la até onde estão as correntes.

— Tem certeza que você quer isso? — Pergunto, hesitante, pois temo machucá-la e ser alvo do seu ódio mais uma vez.

— Sim meu senhor. Quero ser sua de todas as formas possíveis.

Sem mais pensar, prendo seus pulsos nas correntes, um de cada lado, seus braços abertos. Em seguida faço o mesmo com seus tornozelos, prendendo-os com as peças de aço, deixando suas pernas bastante abertas. Repito o ato com seu pescoço, circundando-o com a coleira de ferro que há na ponta da corrente que se prende ao teto, de modo que ela está completamente imobilizada, arreganhada, completamente à minha disposição, para fazer o que quiser e isso me excita mais que qualquer outra coisa.

— Volto já. — Informo, indo para o quarto, retornando com a venda negra, e meu chicote com tiras de couro fabricado em Paris — Não fique com medo, anjo.

— Não estou.

Coloco a venda nos seus olhos.

— Avise-me se estiver lhe causando qualquer mal estar.

— Sim, senhor.

Enterro minha língua na sua boca, sendo imediatamente retribuído quando ela a chupa, fervorosamente, mostrando-se tão tomada pela luxúria quanto eu. Desço os lábios através da pele macia do seu colo, experimentando seu sabor gostoso, até alcançar um peito, quando o coloco inteiro na boca mamando com sofreguidão, sentindo o mamilo endurecer de encontro a mim. Então, afasto-me, desferindo um açoite do meu chicote no lugar onde esteve minha boca. Observo cauteloso sua reação, ela arfa, arqueja, abrindo a boca para puxar o ar, tentando se contorcer sem que as correntes permitam.

Abocanho o outro peito, chupando até que o mamilo fique duro, depois o açoite, vendo sua pele

reagir com arrepios, sua respiração se tornar mais pesada. Bato outra vez e sou recompensado com um gemido de pura lasciva que parte da sua boca incapaz de se fechar tamanha é a excitação em que se encontra mergulhada.

— Gosta disso, anjo?

— Sim, meu senhor. — Responde, com dificuldade pra puxar o ar.

— Ótimo, pois também gosto.

Planto beijos e lambidas sobre seu abdômen, para em seguida bater no mesmo lugar, as tiras do chicote deixando sua pele levemente vermelha, o que contribui para o aumento da minha excitação, deixando meu pau a ponto de estourar. Bato ali novamente, mais uma vez, observando como as marcas se tornam cada vez mais vermelhas, como Annabella fica a cada açoite mais descontrolada, gemendo, arfando.

Continuo meu percurso através do seu corpo delicioso, intocado por outro homem, desejoso, lambendo sua boceta escancarada, para depois desferir golpes certos do meu chicote, ouvindo a gritar, tentando se contorcer, proferindo palavras incompreensíveis.

Movo a língua sobre seu clitóris, rapidamente, vendo-o inchar sob meu toque, depois volto a bater, as tiras de couro indo certas sobre seu ponto rosado, deliciosamente inchado.

Continuo batendo e lambendo, sendo recompensado pelos seus arquejos e gemidos ensandecidos, roucos pela consecução. Introduzo um dedo na sua vagina muito apertada, quente, lambuzada e não posso mais esperar, preciso estar dentro dela agora. Então, liberto apenas seus pés das correntes, erguendo-os do chão, segurando-a pela cintura, fazendo-a circular as pernas em torno dos meus quadris, sua boceta posicionada de encontro ao meu pau. Alcanço sua boca com a minha, pois quero estar dentro dela de duas formas, e o faço, penetrando sua vagina com meu pau e sua boca com minha língua, ao mesmo tempo, sua carne molhada apertando meu membro, deliciosamente, sua boca pequena chupando minha língua, em meio aos gemidos dengosos que por pouco não me levam à loucura.

Arremeto meus quadris de encontro a ela, penetrando-a cada vez mais fundo, mais depressa, puxando-a para mim para que cada estocada seja mais intensa, forte, violenta.

Seus peitos pequenos roçam nos pêlos do meu tórax, enquanto ela se move contra mim, pedindo mais e lhe dou aprofundando-me dentro dela.

Saio dela devagar, deixando também seus lábios, sentindo um vazio tortuoso, pela milímetra distancia do seu corpo. Coloco-me atrás dela, beijando, lambendo suas costas suadas, ciente que tudo fica mais intenso para ela estando sem o sentido da visão. Desço meus lábios pela linha da sua coluna, ajoelhando-me para ficar da altura das suas nádegas, abrindo-as, enterrando minha língua no seu anus pequeno, lubrificando-o.

— Vou comer você aqui agora anjo, me deixe saber se sentir dor.

— Sim, meu senhor. — A voz dela está rouca pelos gritos e soa como uma melodia suave.

Volto a ficar em pé, pousando minhas duas mãos nas laterais dos seus quadris, fazendo-a empinar o traseiro para mim, numa posição muito perigosa, já que fica na ponta dos pés, se deixar-se cair num repente, pode ser enforcada pela coleira de aço, portando sua segurança está totalmente depositada em mim e saber que ela confia-me sua vida me deixa ainda mais excitado.

Esfrego a cabeça do meu pau na entrada do seu anus, lubrificando-o um pouco mais com meus líquidos, entrando nela devagar, seu orifício apertando-me deliciosamente.

Quando estou todo dentro dela passo a mover-me cada vez mais depressa, ao mesmo tempo em

que massageio seu clitóris delicado com a ponta dos dedos, sem deixar de segurar seus quadris com a outra mão, deliciando-me com seus gemidos dengosos de dor e prazer.

— Gosta disso? — Pergunto, com muita dificuldade em pronunciar as palavras, tamanha é minha excitação.

— Sim... senhor... — Sua resposta vem na forma de um arquejo.

Introduzo um dedo na sua vagina, está quente e lambuzada o que me incentiva a acelerar os movimentos, indo cada vez mais fundo, mais depressa dentro dela. Estou quase louco, descontrolado de prazer. Não resisto, levo os dedos banhados com sua excitação aos seus lábios, enterrando-os na sua boca, ficando mais extasiado quando ela os mama, com sofreguidão. Não tem idéia do que está fazendo comigo.

Volto a massagear seu clitóris inchado com o polegar, enquanto enfio dois outros dedos na sua boceta melada, sua carne apertada latejando em volta deles, deixando-a experimentar a dupla penetração, para em pouco tempo seu corpo se retesar, clamando por um alívio, o qual não lhe nego, metendo mais fundo, mais depressa, deixando-a gozar na minha mão, gemendo, gritando, proferindo palavras desconexas. Levo-me junto com ela, meus espasmos se fazendo dentro do seu orifício, enchendo-a com meu esperma.

Mesmo quando nossos corpos amolecem não consigo sair de dentro dela, como se este fosse o meu lugar, onde desejo estar para o resto da vida. Afasto seus cabelos molhados pelo suro e beijo sua nuca perfumada, lambendo o lóbulo da sua orelha delicada.

— Não existe nada no mundo agora que eu desejaria mais que você fosse minha. — Sussurro, ao seu ouvido.

— Sou sua esta noite.

Meu coração sangra ao lembrar que temos apenas poucas horas.

— Uma noite é tão pouco... — Lamento, num sussurro.

Relutantemente, saio do seu interior, deixando seus quadris descerem, seus pés apoiando-se por completo no chão, sem risco de se enforcar com a coleira. Coloco-me diante dela, retirando sua venda, fitando seus olhos da cor do oceano, os quais refletem fogo, luxúria e ao mesmo tempo ternura.

Há tanto que eu queria lhe dizer, mas de súbito as palavras me faltam, então a beijo nos lábios, transmitindo com este gesto os sentimentos que trasbordam dentro de mim.

Gostaria de continuar, de deixá-la ali amarrada, toda escancarada, vulnerável, imobilizada por mais tempo, mas sei que ela precisa descansar, então a solto, retirando as braçadeiras e a coleira.

Ao ver-se liberta, ela se deixa cair nos meus braços, tomada pela exaustão.

Ergo-a no ar, carregando-a para a cama, deitando-a sobre o colchão.

— Me perdoe, senhor. — Sussurra, sua voz de anjo.

— Pelo quê?

— Por me faltarem as pernas.

— Não precisa me pedir perdão, você não imagina como é bom saber que está assim por minha causa. — Cubro-a com o lençol. — Vou até a cozinha em busca de comida pra nós. Tem preferência por alguma coisa?

— Serena costuma guardar broas de milho numa lata de cerâmica perto do forno. Quero uma.

Visto-me rapidamente, pego uma tocha e planto um beijo na sua testa antes de deixar o aposento, atravessando o imenso castelo deserto, tomado pela penumbra. Do lado de fora a noite é iluminada

pelo luar. Se estivéssemos no mar este seria nossa tocha particular, testemunha da nossa avassaladora luxuria.

CAPÍTULO XIV

Annabella.

Estou totalmente exausta, meu corpo dolorido, principalmente entre as pernas, mas não quero adormecer, prefiro manter os olhos abertos, observando o sono profundo do meu senhor, aproveitar meus últimos momentos ao lado dele, pois logo precisarei voltar para minha verdadeira vida.

Embora os raios do sol não nos alcance ali nas masmorras, sei que já é dia, pois posso ouvir o galo cantando, os passos pesados dos soldados trocando de turno e sou tomada por uma desesperadora vontade de chorar, por saber que meu tempo está se esgotando.

Olho mais uma vez seu rosto lindo, completamente relaxado, os olhos fechados. É a criatura mais magnífica sobre a qual já pousei meu olhar, tem os traços másculos, o queixo forte, com aquele furinho irresistível no meio; o nariz é pontudo, a boca bem desenhada. Nem de longe parecer ter seus quase quarenta anos de idade. O corpo também é perfeito, o tórax e os braços musculosos, a peito coberto por uma camada de pelos negros, o abdômen achatado, as coxas firmes e peludas. Me lembra um deus grego das histórias fantásticas que minha falecia avó nos contava.

Não será fácil despedir-me dele, portanto preciso ir embora antes que acorde, para que não me veja chorando.

Sorrateiramente, levanto-me, caminhando até minhas roupas jogadas no chão, vestindo o chemise e por cima o vestido de noiva. Calço os bozerguins e lanço-lhe um último olhar antes de me dirigir para a porta, porém, ao girar a gigantesca maçaneta, ele acorda, sentando-se, cravando seus olhos em mim.

Nossos olhos se encontram, nos dele vejo angustia, desapontamento, em mim volta a enorme vontade de chorar.

— Ia sair sem se despedir de mim, anjo?

— Queria tornar as coisas menos difíceis pra mim. — Não mais consigo me controlar e as lágrimas começam a escorrer dos meus olhos. — Desculpe, não queria que o senhor me visse chorando.

Ele pula da cama, correndo para mim, tomando-me nos seus braços fortes, beijando-me a face molhada.

— Pare de se desculpar por tudo, anjo e não chore, você é uma das melhores pessoas que já conheci, certamente terá um futuro feliz pela frente.

Abraço-o de volta, pressionando meu corpo no dele, soluçando de encontro ao seu pescoço.

— Nem tudo pode ser como queremos. — Murmuro.

— Saiba que sinto o mesmo que você. Não queria ter que me afastar, mas a vida segue seu curso, precisamos seguir junto, de acordo com as leis de Deus e dos homens.

— Eu entendo. Não estou contestando os acontecimentos, apenas lamentando.

— Também lamento e queria que tudo fosse diferente. Que estivéssemos em condições de pertencermos um ao outro, mas agora mais que nunca estamos longe disso.

— O senhor está certo.

Afasto-me do abraço, devagar, todas as fibras do meu corpo me ordenando a ficar. Fitamo-nos diretamente nos olhos por um longo momento em que o silencio é quebrado apenas pelo som ofegante das nossas respirações, então ele me beija, de maneira sôfrega, violenta, desesperada, um beijo com gosto de despedida.

Quando nos afastamos quero dizer adeus, mas as palavras me faltam, então apenas abro a porta e saio, caminhando pelos corredores das masmorras tomadas pela penumbra, seguindo a claridade que parte do andar de cima, caminhando devagar, com meu corpo tremulo, meu coração em pedaços, minha alma dilacerada pela dor, por saber que dificilmente voltarei a vê-lo.

Estou quase alcançando a escadaria que dá acesso ao andar de cima, quando ouço meu nome ser chamado atrás de mim, a voz de Ferdinando ecoando pelos corredores escuros.

Viro-me rapidamente, para vê-lo vir correndo na minha direção, usando apenas seu chemise. Ao me alcançar, toma-me nos seus braços, apertando-me com força de encontro ao seu peito largo, soltando sua respiração ofegante nos meus cabelos.

— Não vá. Fique. — Fala, depois de um longo silencio.

Do que ele está falando? Se ficarmos juntos agora seremos torturados por cometer adultério, com risco de sermos condenados a morte.

— Não podemos ficar juntos senhor, o dia já amanheceu, acabou nosso tempo.

Ele me aperta com mais força.

— Vou dar um jeito nisso, mas não posso ficar sem você.

Devagar, afasto-me do abraço, secando minhas lagrimas com a manga do meu vestido.

— Não há jeito a dar. O que está feito, está feito. Precisamos seguir com nossas vidas. — Falo, desalentada.

Ele fita-me diretamente nos olhos, com aquela calidez que me fascina.

— Eu sei que tomei todas as decisões erradas, que fui um imbecil permitindo que você se casasse com aquele moleque e não me casando com você, mas preciso voltar atrás, ou morrerei, pois não suportarei ver você nos braços dele. Sei que é loucura, mas não posso te perder. — Não o compreendo, morreremos se ficarmos juntos agora — Você confia em mim?

Lembro de que quando ele fez esta mesma pergunta eu estava acorrentada, com os olhos vendados, nua diante dele e uma onda de desejo passeia pelo meu corpo.

— Sim, confio.

— Então vá aos aposentos de Clemência, pegue o bebê e diga que continuará sendo sua preceptora.

— O que o senhor pretende fazer com Maurício? Ele acredita que deixarei de trabalhar no castelo.

— Nenhum dos dois deixará. Vou conversar com ele, convencê-lo a nos ajudar.

Penso por um instante, incrédula com o que ele diz. Está mesmo disposto a colocar nossas vidas em risco por causa do desejo louco que sentimentos um pelo outro? Posso compreendê-lo, se tivesse o poder que ele tem faria qualquer coisa para ficarmos juntos, afinal qual seria o objetivo de estar vivo se não para sermos felizes? Resta saber se Maurício se subordinará ao dinheiro mais uma vez.

— Por que está fazendo isso, meu senhor. Já teve tantas noites com mulheres recém casadas e por nenhuma pôs tudo em risco.

Sua expressão fica confusa.

— Será que ainda não percebeu o quanto você significa pra mim? Você é diferente de todas as outras. O que sinto por você vai além do desejo. Ou estou ficando louco.

Suas palavras aquecem meu coração, minha alma se ilumina de felicidade.

— Sinto o mesmo pelo senhor e estou disposta a me arriscar o quanto for necessário.

Ele parece ter a mesma reação, pois me toma rapidamente nos seus braços, beijando-me com sofreguidão.

Quando interrompe o beijo, fala:

— Vá, antes que Clemência desça aqui com o bebê.

Obedeço imediatamente, subindo as escadas, me dirigindo para os aposentos da mulher.

Do lado de fora, posso ouvir o choro do pequenino e meu coração aperta no peito.

Hesitantemente, bato na porta.

Ela abre na segunda batida. Está usando uma manta por sobre o chemise bordado com fios de ouro; tem os cabelos longos emaranhados; o rosto sonolento e irritado e segura o bebê nos braços.

— O que você ta fazendo aqui? Não iam trocar de preceptora? — Pergunta ao me ver.

— Não senhora. Continuarei cuidando do pequeno.

Ela pensa por um instante, fitando-me desconfiada. Está tão ansiosa para se livrar do chorão que o entrega-me sem mais perguntas.

— Menos mal. Toma, segura ele e o leve daqui. — Fecha a porta em seguida.

Seguro-o com cuidado, agasalhando seu corpinho frágil na manta de lã, vendo-o calar-se mediante o conforto. Sei que está com fome, mas antes de alimentá-lo preciso trocar de roupas, não seria adequado permanecer no castelo vestida de noiva, portanto, subo ao meu quarto na torre, troco-o por um dos vestidos que ganhei de Giuliana, o qual não me atrevi a levar para a aldeia, já que acreditava que trabalharia na lavoura e desço as escadas, indo rapidamente para a cozinha, onde todos me recebem com espanto.

— Horas, o que está fazendo aqui? Não era para estar na sua casa, com seu marido? — Serena é a primeira a falar, todos os demais esperando minha resposta.

— O senhor resolveu que eu continuarei como preceptora do bebê. Maurício também continuará aqui. — Esse parece ser o plano de Ferdinando.

Não sei que tipo de proposta Ferdinando fará a ele, mas certamente terá que abrir mão de mim, talvez da nossa união. Se não concordar precisarei voltar para a aldeia ainda hoje, caso contrario serei torturada, talvez morta. Se concordar serei a concubina de Ferdinando, pelo menos foi isso que ele me deu a entender.

Entre viver sem Ferdinando e morrer, eu fico com a segunda opção.

Vejo todos entreolharem-se desconfiados enquanto abasteço a protomamadeira com leite fresco. Não é de hoje a desconfiança deles em relação ao que acontece entre mim e Ferdinando, acredito que mais cedo ou mais tarde isso virá à tona.

— Então. Como foi a primeira noite com o senhor? — Glória tinha que perguntar. Está enfileirando em travessas os cornettos açucarados que Serena prepara, enquanto os rapazes ralam o milho para o preparo do curau para os soldados.

Espero que Serena venha ao meu auxílio, repreendendo-a, mas não acontece, também quer saber.

— Foi normal, como acontece com todas as mulheres. — Respondo, sentando-me com dificuldade por causa das dores entre as pernas, levando o bico da madeira até a boquinha de Ferdinando II.

— Você também tem marcas nos pulsos, como dizem que todas as que passam pelo quarto dele nas masmorras têm. Como ele faz isso?

Só então me dou conta das marcas arroxeadas em torno dos meus pulsos. Relembro o momento em

que estava acorrentada e o desejo borbulha nas minhas veias, minha face enrubescendo.

— Não gostaria de falar sobre isso.

— É como todas as outras, recusam-se a falar. — Glória reclama.

— Arruma um marido, Glória aí você descobre. — Um dos rapazes fala e todos sorriem com ele, deixando Glória sem graça.

Quando as duas mulheres deixam a cozinha com as travessas para servirem o desjejum, não sei o que fazer, se vou sentar-me à mesa, como me foi ordenado antes, ou se fico ali mesmo.

— O Maurízio vai voltar a trabalhar aqui no castelo também? — Pergunta um dos rapazes, sua expressão carregada de desconfiança e hostilidade, o que me ajuda a decidir ir sentar-me a mesa.

— Acho que sim. — Respondo, deixando o cômodo cabisbaixa, com o infante nos braços.

No salão principal, todos os nobres estão reunidos a mesa, os dois primos, suas esposas e filhos, o preceptor das crianças e o padre, apenas Ferdinando não está, o que contribui para o crescimento da minha aflição. Terá ido à aldeia conversar com Maurízio? Da hora que o deixei nas masmorras, já teria dado tempo de ir até lá e voltar. O que estará acontecendo? Terá Maurízio perdido o controle e o machucado? O pensamento desperta-me um calafrio na espinha.

Não tenho coragem de sentar-me a mesa sem a presença de Ferdinando, portanto acomodo-me no meu canto de antes. Os nobres também parecem desconfiados, embora não me olhem diretamente como os servos, mas de rabo de olho, enquanto cochicham entre si, o que é ainda pior.

— O que está fazendo aí serva?! Venha sentar-se a mesa como Ferdinando te ordenou. Quer plantar a discórdia entre nós esperando que ele chegue e acredite que a expulsamos? — Fabrízio esbraveja, rispidamente e todos sorriem de mim.

— Não fale nesse tom com ela! — Ferdinando entra no salão, vindo ao meu auxílio. Está lindo, alto charmoso com sua túnica negra. Tem os cabelos molhados, bem penteados e a barba feita. — Ela é preceptora do meu filho e merece tanto respeito quanto esse inútil que finge educar os filhos de vocês. — Todos se silenciam diante da sua voz, máscula, autoritária, que baixa de tom ao se dirigir a mim. — Annabella, sente-se a mesa, por gentileza.

Obedeço, rapidamente, sentando-me a mesa, enquanto todos me observam, ainda mais desconfiados.

Sirvo-me dos cornettos com leite, ao mesmo tempo em que vejo Ferdinando assumindo seu lugar na cabeceira do móvel retangular, forrado com sofisticação. Terá ele conversado com Maurízio? Sobre o que falaram? Qual o resultado? Estou me roendo de ansiedade em saber, mas terei que esperar até estarmos sozinhos.

CAPÍTULO XV

Ferdinando.

Percebo a desconfiança de todos na mesa em relação ao que está acontecendo entre mim e Annabella, mas não posso fazer nada, pois o turbilhão de sentimentos que me toma é mais forte que eu. Simplesmente não consigo parar de olhar para ela, enquanto come, com uma mão apenas, já que precisa da outra para segurar o meu filho.

Desde que descobri que o amor pode se transformar em ódio, como aconteceu com meu amor por Fiorenza, jurei jamais me deixar dominar pelos meus sentimentos outra vez, porém sou incapaz de evitar o que sinto por Annabella, meu anjo de cabelos dourados, por ela sou capaz de deixar tudo para trás, como se estivesse sob o efeito de algum tipo de feitiço.

Maldita hora em que decidi propiciar o casamento dela com o infeliz do Maurízio, foi a atitude mais idiota que já tomei em toda a minha vida, nem mesmo o fato de que eu desconhecia meus verdadeiros sentimentos, até tê-la completamente nos meus braços a justifica. Esse casamento dificultou ainda mais as coisas entre nós, se já não podíamos ficar juntos antes, agora então é quase impossível, pois se tentarmos desobedecer as leis estaremos correndo risco de morte, ela mais que eu. Mas estou disposto a correr esse risco, afinal sou incapaz de abrir mão dela agora, resta saber se Maurízio colaborará conosco, se negar-se, o trancarei nas masmorras do castelo com uma máscara de ferro.

Ao final da refeição dirijo-me à capela, onde mandei que um soldado o ordenasse a me encontrar para uma conversa. Enquanto atravesso os salões, chego à conclusão de que mais uma vez estou caindo numa armadilha do meu coração, como aconteceu há doze anos, quando me casei. Desta vez as conseqüências podem ser ainda piores.

Encontro Maurízio sentado em um dos assentos de madeira. Antes de me colocar ao seu lado, certifico-me de que estamos sozinhos.

Ao observá-lo, percebo que há medo e raiva no seu olhar, certamente já deduziu o que quero lhe falar.

— Qual o seu maior sonho, Maurízio? — Pergunto.

— Ser feliz com a mulher com quem me casei senhor.

Não é a resposta que eu esperava.

— Então não deseja sair pelo mundo em um navio, como todos os demais jovens da sua idade?

— Não, meu senhor.

— Pois essa é exatamente a proposta que vim lhe fazer. — Ele me encara confuso, visivelmente consternado. — O capitão do navio que foi do meu pai está precisando de ajudantes, então prometi a ele que enviaria alguém e o escolhido foi exatamente você.

Ele parece chocado.

— Posso levar Annabella comigo?

— Não aceitam mulheres em navios normandos.

Posso ver na sua expressão que ele conhece a minha intenção, resta saber se concordará comigo.

— Não posso ir embora, meu senhor, acabo de me casar, tenho uma esposa de quem cuidar agora.

— Acho que você não entendeu Maurízio, isso não é um convite, é uma ordem e você precisa acatá-la.

Como esperava, vejo seu rosto se contorcendo de fúria, os olhos faiscando de raiva. Espero que não me desacate, ou precisarei trancá-lo na masmorra por toda a eternidade e não gostaria de fazer isso, afinal é um inocente.

— O senhor está fazendo isso porque quer ficar com Annabella, não é? — Fala, entre dentes.

— Cuidado com as palavras rapaz. Não diga nada de que possa se arrepender depois.

— Se a quer tanto, por que me pagou para me casar com ela? — Seu ódio é quase palpável. —

Saiba que também a quero e diferentemente do senhor, não colocarei a vida dela em risco, forçando-a a cometer adultério. Se vocês forem apanhados o senhor pode escapar, pois é poderoso, pai do neto do rei, mas ela será indubitavelmente castigada. Se gostasse dela como eu gosto não faria isso com ela.

— Já chega! — Interrompo-o, colocando-me em pé, irritado pelo fato de que ele está certo. — Decida agora: vai para o mar ou ficará trancado nas masmorras com uma máscara de ferro para o resto da sua vida?

— Não preciso decidir, o senhor já decidiu por mim. Vou me despedir dos meus pais, antes de viajar, mas precisarei de um guia, pois não sei onde fica o mar, tampouco as embarcações.

— Isso não é problema, um soldado o acompanhará. — Fixo meus olhos nos dele. — Aproveite a chance que estou lhe oferecendo de ser livre, arranje uma concubina e seja feliz, porém, se insinuar a mais alguém, essa sua falsa acusação de que quero ficar com Annabella, perderá essa chance e será trancando na masmorra por levantar falso testemunho contra o seu senhor, entendeu?

Ele desvia seu olhar para o chão antes de responder:

— Entendi, senhor.

— Ótimo, agora vá. Em pouco tempo um soldado o encontrará na sua casa com uma montaria e os mantimentos de que precisarão para se alimentarem durante a viagem. O porto não fica muito longe daqui, em poucos dias estarão lá.

Sem mais palavras, ele sai da capela, cabisbaixo, os ombros encolhidos, deixando o caminho livre entre mim e a doce Annabella, a quem anseio por dar a notícia.

Escolho o soldado mais velho entre todos, aquele que conhece a Sicília como a palma da sua mão. Dou-lhe ordens para que leve o jovem Maurízio até o porto e que espere quantos dias forem necessários até que o meu navio esteja lá, para que o atual capitão dê-lhe uma vaga como marujo. Envio as ordens por escrito, certificando-me de que este jamais deixará Maurízio voltar ao feudo.

É quase hora do almoço, quando retorno da aldeia, certo de que eles partiram e de que Maurízio não revelou, nem mesmo à sua família, a verdade da qual foi vítima, apesar de que todos já estão desconfiados de que existe algo entre mim e Annabella, tanto os aldeões quanto as pessoas que moram no castelo, embora duvide que algum deles se atreva a confrontar-me com isso.

Ao atravessar o castelo, indo ao meu aposento lavar-me para o almoço, avisto Annabella na sala de leitura e simplesmente não resisto, vou ao seu encontro.

Está sentada em uma das cadeiras, o cestinho com o bebê ao seu lado, coloca-se em pé ao me ver. Usa um dos vestidos de Giuliana, o qual se cola no seu corpo perfeito até os quadris, de onde parte a

saia larga. Nunca compreenderei porque ela fica tão encantadora nessas roupas sofisticadas, enquanto Giuliana fica apenas comum.

— Por Deus, meu senhor! Tire-me dessa aflição, me diga se já conversou com Maurício. — Diz, fitando-me com seus olhos arregalados, azuis escuros como o oceano.

É difícil não tomá-la nos meus braços, aqui mesmo, onde alguém poderá facilmente nos flagrar. O preceptor dos meus sobrinhos gosta desta sala, sempre está por aqui durante o dia, escolhendo leituras para a educação das crianças.

— Está tudo resolvido. Mandeí Maurício ir trabalhar no navio que foi do meu pai. Ele não voltará mais aqui.

A confusão surge nos seus olhos hipnóticos.

— Ele foi assim passivamente? Sem reclamar?

— Reclamar ele tentou, mas a ultima palavra é minha. — Vejo tristeza no seu olhar e a raiva toma conta de mim. — Não gostou de ele ter ido embora?

— Não é isso, só tenho pena da família dele, que ficará muito tempo sem vê-lo.

— Muito tempo não, eternamente. Mas a vida é assim, temos que quebrar alguns ovos para fazermos uma omelete. — Continua me fitando com resignação e isso atíça minha raiva, por ser fraca, emotiva, por se preocupar com Maurício. — Vou me lavar para o almoço, acho melhor fazer o mesmo, pois logo as trombetas tocarão. — Deixo o salão, antes que minha raiva me force a ser desagradável com ela.

A partida de Maurício para o mar, sob minhas ordens, é o assunto do dia no castelo e tenho certeza de que na aldeia também. Todos já deduziram a verdade, embora não se atrevam a falar diante de mim. Apenas jogam indiretas e piadinhas, esperando que por impulso eu confesse, o que não acontecerá.

No final da tarde, Fabrício retorna mais cedo da vigília do trabalho na lavoura e me chama para uma conversa particular, comicamente na sala de leitura.

— Peço desculpas se parece que estou tentando afrontá-lo, meu primo, não é o caso, nem minha intenção, todavia preciso alertá-lo de que seus atos estão colocando a vida dessa moça em perigo. Se a igreja ou o rei descobrirem o que está acontecendo entre vocês, sendo ela casada, será julgada e condenada por adultério e o ultimo caso desses que presenciei na Inglaterra, a mulher em questão foi para a gaiola suspensa, onde morreu de inanição. — É o discurso dele.

— Não diga tolices! — Retruco. Ele não me engana, conheço seu jogo, espera que eu confesse para levar a noticia ao rei e tomar meu lugar no feudo. — Não tenho nada com essa moça, se é isso que está insinuando. Mandeí Maurício para o mar porque estavam precisando de um jovem marujo e ele foi quem vi primeiro.

— É inútil tentar esconder, todos já percebemos o jeito como vocês se olham. Está claro como a água.

— Vocês estão equivocados, olho para ela como olho para os móveis. E se continuarem insistindo em insinuarem esse tipo de bobagem, serei obrigado a expulsar todos do meu castelo.

Ele tenta replicar, mas as palavras parecem lhe faltar. Ótimo, fui suficientemente persuasivo, espero que ele espalhe a notícia para que cessem os fuxicos.

Percebo os efeitos eficientes da minha ameaça durante o jantar, quando o silencio reina entre todos. Já não há cochichos indiscretos ou olhadas de rabo de olho, todos comem em perfeita harmonia, inclusive Annabella, de quem não consigo desviar o olhar. Imagino o que farei com ela

mais tarde, se a levarei para a masmorra ou a comerei no seu quartinho na torre. Mas de uma coisa tenho certeza: a farei minha esta noite, até que esteja dolorida a ponto de me implorar para parar.

Após a refeição é Serena quem vem me procurar, ainda no salão principal, avisar-me que precisarei providenciar outro empregado que saiba fazer os malabarismos e os afazeres domésticos. Instruo-lhe a procurar por Fabrício e me recolho aos meus aposentos. Espero, ansiosamente, que seja tarde o suficiente para não haver mais ninguém acordado e saio, subindo para a torre onde Annabella dorme com o meu filho.

Chegando lá, bato duas vezes na porta, como não obtenho resposta, abro-a me deparando com o quarto vazio, embora suas coisas ainda estejam aqui. onde estará? Arrependeu-se de ficar comigo e fugiu atrás de Maurício?

É espantosa a intensidade da angústia que toma conta de mim, algo que jamais experimentei antes. Nunca senti tanto medo de perder, como agora, enquanto desço as escadas quase correndo, rumo à saída do castelo.

Ao atravessar a entrada da sala de leitura, avisto uma chama acesa e meu coração se acalma dentro do peito, afinal só pode ser ela.

Entro, encontrando-a tranqüilamente sentada na cadeira estofada, ao lado do cesto do bebê, com um livro nas mãos. As labaredas das chamas da lareira iluminando seu semblante relaxado, seu rosto lindo, sua boca perfeita que se abre num sorriso ao me ver aproximar-me.

Fico impressionado com a intensidade dos meus sentimentos por esta mulher, em um momento me deixa sem chão, tomado pela sensação de quem está mergulhando num abismo profundo, por causa da simples perspectiva de perdê-la, para no instante seguinte toda a tempestade se acalmar com a sua proximidade. Acredito que seja o mesmo que estar enfeitiçado.

— O que fazes aqui? — Pergunto, inebriado com a visão do seu rosto lindo.

— Olhando os livros, como sabes que gosto. Seu filho hoje resolveu fazer hora extra. Não quis dormir de jeito nenhum. — Ela gesticula para o bebê no cesto.

Aproximo-me mais, vendo a pequena criatura com os olhos azuis claros arregalados, fitando o vazio à sua frente, embora não se mexa. Movido por alguma razão desconhecida, seguro-o nos braços, sentando-me na cadeira diante de Annabella. Acaricio seu rostinho pequeno, a pele muito macia e delicada. De repente me sinto como se fosse mais íntimo dele, como se fizesse parte de mim e só então me desse conta disso. Um instinto de proteção brota no meu interior.

— Por que ele não está chorando?

Annabella sorri mais amplamente.

— Porque o alimentei há pouco. Os bebês choram apenas quando estão com fome ou sujos.

— Quando você diz, sujos está falando de... excrementos?

Agora ela gargalhada. Não sei exatamente onde está vendo a graça.

— Sim, meu senhor. Mas fique tranqüilo, o troquei há pouco também.

Ótimo, ele está limpo e alimentado, agora só falta dormir para que eu e Annabella fiquemos a sós. Acho que posso dar um jeito nisso.

Viajo ao fundo da minha memória, de onde tiro uma canção de ninar que minha mãe costumava cantar para minha irmã mais nova dormir. Não tive muito tempo de memorizá-la, pois meu pai me levou para o mar muito cedo, deixando as duas sozinhas na cidade. Começo a embalar o bebê, lentamente, cantando as frases soltas da melodia que me vêm à mente, tão esporádicas quanto o ritmo lento.

Pouco a pouco seus olhinhos se fecham, parece relutar, como se apreciasse o meu colo e precisasse permanecer por mais tempo nele. Por fim adormece e é a minha vez de desejar prolongar o momento, nossa proximidade.

CAPÍTULO XVI

Annabella.

— O senhor está mudado. — Falo, maravilhada com sua postura paternal enquanto coloca o filho de volta na cesta. Jamais imaginei que presenciaria tal cena, um homem seco e amargo como Ferdinando cantando uma canção de ninar para seu unigênito.

— O amor muda as pessoas. — Seus olhos azuis claros brilham ao pronunciar as palavras.

Por um breve instante, cogito que ele fala de amor por mim, mas não me deixo enganar, sei que está falando do seu amor pelo filho. O que é um grande avanço considerando que até poucos dias atrás ele mal olhava para a criança.

— O que está olhando nos livros hoje, anjo?

— As cidades. São realmente maravilhosas. Espero um dia ter a oportunidade de conhecê-las. — Minha realidade atual me faz duvidar de que terei essa oportunidade.

— Levarei você lá, em breve. — Ele fala, percorrendo o olhar malicioso através do meu corpo.

Está sentado na cadeira diante de mim, bastante relaxado, as pernas abertas, estiradas na frente do corpo. Desprovido da postura formal de um nobre. Exala uma masculinidade tão inebriante que me faz desejar ser tocada por ele.

— Eu adoraria, meu senhor. — Falo, inebriada com sua postura, seu olhar, sua masculinidade.

Ele levanta-se muito devagar, vai até a entrada do salão, fechando as enormes portas de madeira, trancando-as por dentro, então volta a sentar-se, da forma que estava antes, enquanto meu coração dá saltos no peito, pela perspectiva do que acontecerá em seguida.

— Deixe esse livro de lado e fique em pé, anjo. — Fala, com tom de autoridade, mas ao mesmo tempo gentil, sem deixar de fitar-me nos olhos.

Faço o que ele disse.

— Agora tire suas roupas, bem devagar, sem jamais deixar de olhar para mim.

Obedeço, sem hesitar, escorregando o vestido pelos ombros, lentamente, descendo-o pela cintura e finalmente o tirando pelos pés, jogando-o no chão. Em seguida faço o mesmo com o chemise e os sapatos, ficando completamente nua diante dele, sem o menor constrangimento, como se meu corpo fosse seu, para fazer o que quiser.

Ele me examina atentamente minha intimidade exposta, seus olhos brilhantes se detendo onde sou mais sensível.

— Sente-se de volta na cadeira.

Não entendo, mas faço, sentando-me.

— Ótimo, agora descanse suas costas e abra bem as pernas. — Levo minhas costas ao encosto da cadeira, abrindo as pernas, expondo-lhe minha boceta, enquanto vejo a protuberância se fazer na altura do seu colo, sob sua túnica. — Boa menina, agora toque-se.

— Como? — Essa não entendi mesmo.

— Imagine que estou tocando você, onde gostaria que minhas mãos fossem? Vamos, faça o percurso.

Levo minha mão ao meio dos meus grandes lábios, na parte superior, onde sou somente sensibilidade, massageando ali com a ponta dos dedos, como ele fez comigo enquanto me comia por trás. A outra mão fica pousada sobre um peito, acariciando a mamilo, da forma que ele acaricia.

O efeito é imediato, logo estou ardendo de desejo, embora me sentindo incompleta pela ausência do seu toque.

— Gosta disso?

— Sim. — Minha voz é um sussurro ofegante.

— Você não imagina o quanto fica linda assim se tocando, toda aberta para mim, me esperando.

Levanta-se, despindo-se de todas as suas roupas, devagar, como se propositalmente prolongasse minha ânsia em sentir seu toque, seus beijos, suas carícias enlouquecedoras.

Observo maravilhada sua nudez iluminada pelas chamas da lareira: o peito musculoso, ligeiramente peludo, os braços fortes, o abdômen bem definido, as coxas firmes e peludas. O pau, enorme, grosso, está ereto, babando, convidativamente.

Continua em pé, imóvel, observando-me, enquanto me masturbo, excitando-me, quase a ponto de implorar por um toque seu.

Por fim, vem até mim, apoiando as mãos nos braços da cadeira, inclinando-se para mim, seus lábios encontrando os meus, sua língua, quente e úmida entrando na minha boca, movendo-se lá dentro, atritando-se com a minha, deliciosamente.

Não resisto, chupo sua língua com força, implorando que me toque mais intimamente.

Ele o faz, substituindo minha mão pela sua sobre minha boceta escancarada, massageando-a com um dedo, enquanto introduz outro na minha vagina lambuzada, fazendo-me arfar, dominada pelo mais primitivo dos desejos.

Desliza sua boca deliciosa pela maciez da minha pele, alcançando meu peito, colocando-o na boca, brincando com a língua sobre o mamilo, para depois chupá-lo, com força, arrancando-me gemidos de prazer. Depois parte para o outro peito, lambendo e mordiscando a mamilo, da forma que me enlouquece.

Ergue ligeiramente o corpo, aproximando seu pênis do meu rosto, sem deixar de me tocar com os dedos, fodendo-me assim, segurando meus cabelos com a mão livre, levando minha boca até seu pau duro, fazendo-me abocanhá-lo. Lambo-o inteiro, chupando com sofreguidão, seus líquidos se misturando com a minha saliva, proporcionando-me uma sensação de pura lasciva, que me faz sentir livre, como se pudesse fazer qualquer coisa com nossos corpos.

Continuo chupando-o, movendo minha cabeça para a frente e para trás, enquanto seu dedo entra e sai da minha vagina, o outro massageando-me do lado de fora, fazendo-me mover meus quadris no mesmo ritmo, pedindo mais e mais.

Sou toda sensações agora, minha feminilidade à flor da pele.

Subitamente seu pau fica mais duro dentro da minha boca, sei que vai gozar e acelero os movimentos na tentativa de intensificar seu prazer, mas ele me detém, tirando o pênis da minha boca.

— Não quero gozar assim hoje. — Diz, com dificuldade em puxar o ar.

Logo deixa o calor da minha intimidade úmida, trazendo o dedo lambuzado pela minha excitação, enfiando-o na minha boca, permitindo que eu o mame, experimentando meu próprio sabor. É tudo muito louco e delicioso.

— Venha. — Diz.

Segura-me a mão, conduzindo-me para a mesa, colocando-me de frente para ela, inclinando meu corpo sobre a madeira trabalhada, empinando meu traseiro, colocando-se em pé atrás de mim. Segura meus cabelos com firmeza, forçando-me a virar o rosto para o lado e inclina-se, alcançando-me os lábios, beijando-me com sofreguidão, para logo descer a boca através da linha da minha coluna, lambendo-me, plantando beijos deliciosos que me fazem arquejar, ensandecida. Alcança minhas nádegas, abrindo-as com as duas mãos, sua língua alcançando minha boceta, lambendo-a, rapidamente, fazendo-me gritar de prazer, extasiada, ansiando por um alívio, mas não me deixa gozar, em vez disso, ergue o corpo, encaixando seu pau duro na entrada da minha vagina, penetrando-me com um gesto muito rápido, brusco, quase violento, seu membro enorme dilatando minhas carnes, quase me rasgando ao meio.

É a melhor sensação que uma mulher pode experimentar, a de estar completa, preenchida até o extremo, como se não precisasse de nada mais na vida a não ser dele.

Move-se dentro de mim, indo cada vez mais depressa, mais fundo, sem deixar de segurar-me pelos cabelos, imobilizando-me, gemidos roucos partindo do fundo da sua garganta, como os de um animal no cio.

Com a mão livre, desfere-me uma bofetada na minha nádega, a ardência mistura-se ao desejo ensandecido, proporcionando-me mais prazer, fazendo-me gritar mais alto. Bate do outro lado, me fazendo gritar um pouco mais. Continua batendo, dos dois lados, incessantemente, os sons das palmadas ecoando pelo salão.

— Não vai chorar desta vez, anjo? — Pergunta, sua voz entrecortada pela respiração ofegante.

— Não... — Mal consigo falar, tamanha é minha excitação.

— Quer que eu pare?

— Por favor, não pare...

As estocadas vêm junto com as palmadas, tornando tudo ainda mais intenso, enlouquecedor. Pouco a pouco tudo se concentra na altura do meu ventre, meus músculos se contraem, Ferdinando percebe e alcança meus lábios com os seus. Logo mergulho no êxtase, deixando de pertencer a mim mesma para me entregar às mais incríveis sensações que um ser humano pode experimentar. Grito, choro, me contorço, até que por fim fico imóvel, quando então ele se retira do meu interior, virando-me de frente, fazendo-me ajoelhar para enterrar seu pau, lambuzado pelo meu gozo, na minha boca, enchendo-a com seu esperma quente, o qual engulo inebriada com o sabor.

Ele me puxa para cima, abraçando-me de encontro ao seu corpo forte, nosso suor se misturando, nossos corações batendo num uníssono acelerado.

Permanecemos imóveis, abraçados, mergulhados no silêncio por um longo momento, quando por fim ele se mexe, afundando o rosto nos meus cabelos, aspirando meu cheiro.

— Você é minha Annabella. — Sussurra, o tom da voz rouco.

É a primeira vez que me chama pelo meu nome, antes era serva depois anjo.

— Sim, apenas sua. — Murmuro, emocionada.

— Vista-se, anjo, vou te levar para o quarto.

Nos vestimos ao mesmo tempo, nossa troca de olhares dispensando qualquer palavra.

Ele faz questão de carregar a cesta com o bebê quando deixamos a biblioteca, caminhando sorrateiramente em meio à escuridão, para evitar sermos ouvidos ou vistos por algum dos moradores. Acredito que ele me levará para a torre, mas é a porta dos seus aposentos que abre, gesticulando

para que eu entre.

Trata-se de um cômodo tão amplo quanto um salão, decorado com móveis luxuosos, a cama grande com dossel, forrada com os mais caros tecidos, as arcas trabalhadas à mão, o lavabo imenso.

Lembro-me da falecida, ainda não completou nem um mês desde a sua morte e eu já estou aqui no seu quarto, com seu marido. Isso não está certo, principalmente estando nós cometendo o pecado do adultério.

— Senhor, não me sinto bem aqui. — Falo, observando-o pousar a cesta com o filho sobre uma grande arca ao lado da cama.

— Por que não? Qual o problema?

— A morte da princesa é muito recente. Não é certo que eu esteja aqui.

Ele vem até mim, abraçando-me e todos os meus receios se perdem no calor dos seus braços.

— Não pense nisso, anjo. Somos pecadores, já estamos condenados, não há mais com o que se preocupar.

Suas palavras despertam-me um calafrio na espinha. Ele está certo, não temos nenhuma chance de salvação, estamos entregues à nossa própria sorte e isso me parece mais terrível que o castigo dos seres humanos.

Ele toma-me os lábios, sofregamente, sua língua deliciosa invadindo minha boca, todo o medo que sinto sucumbindo ao desejo ardente que faz meu sangue ferver. É impressionante como não me canso de ser tocada por ele, como a cada toque as sensações parecem mais intensas, como estou sempre querendo mais.

Contorno seu pescoço com meus braços, acariciando seus cabelos negros na altura da nuca, puxando-o mais para mim, intensificando o beijo. Desço as mãos para sua túnica, puxando-a para baixo, tentando tirá-la, ansiosa por sentir seu corpo inteiro, o contato da sua pele nua de encontro à minha.

— O que você quer, anjo...? — Ele sussurra de encontro aos meus lábios, sua ereção pressionando meu ventre por sob o tecido das roupas, deixando-me em chamas.

— Quero senti-lo, meu senhor.

Interrompendo o beijo ele afasta-se o suficiente para que eu alcance o nó na cintura da sua túnica, desamarrando-o, tirando a peça por sobre seus ombros, deixando-a cair aos seus pés. Faço o mesmo com seu chemise branco, deixando-o completamente nu. Depois é a sua vez de me despir, tirando, devagar, cada uma das peças de roupas.

Estamos completamente nus, nos braços um do outro, nossos corpos ardentes pelo desejo insano que nos toma, que nos faz pecar tão gravemente.

Voltando a tomar meus lábios, Ferdinando ergue-me nos seus braços fortes, carregando-me para a cama, deitando-me sobre o colchão confortável. Vai até uma das arcas, de onde tira um pequeno vasilhame.

— Vire-se bruços, anjo. — Ordena.

Faço o que ele diz, meu corpo estremecendo pela expectativa do que acontecerá em seguida.

Ele derrama o conteúdo perfumado, oleoso como uma banha, do vasilhame em uma das suas mãos, espalhando-o sobre minhas costas, massageado-as deliciosamente, descendo e subindo seus dedos hábeis sobre minha pele, me fazendo relaxar ao extremo, ao mesmo tempo em que o calor da luxúria me percorre.

Desce até minhas nádegas, abrindo-as com as duas mãos, lambendo meus anus, enterrando sua

língua ali, incendiando-me um pouco mais.

Instintivamente, abro mais minhas pernas, facilitando seu acesso e passo a rebolar meu traseiro de encontro à sua boca, como se meu corpo já não pertencesse à mim, mas à luxúria que nos move.

Arfo, arquejo, ensandecida, ansiosa por senti-lo dentro de mim, o que não demora, pois logo ele espalha a banha sobre meu orifício, lubrificando-o um pouco mais, para em seguida se posicionar sobre mim, descansando o peso do seu corpo nas mãos apoiadas nas laterais do meu corpo e nos joelhos ao lado dos meus quadris, seu pênis alcançando meu anus, penetrando-o devagar, centímetro por centímetro, a dor se misturando ao desejo em mim, fazendo me gemer alto.

Quando está todo enterrado no meu interior, move-se com estocadas bruscas, cada vez mais violentas, abrindo-me a carne, indo fundo, deliciosamente.

— Ahhh — O grito escapa da minha garganta, uma mistura de dor e prazer que me enlouquece.

Passo a rebolar meu traseiro de encontro a ele, intensificando as estocadas, apreciando, maravilhada, cada centímetro do seu pau gostoso, que escorrega para dentro e para fora de mim.

Ferdinando segura meus quadris com as duas mãos, erguendo-os, fazendo-me ficar de quatro sobre a cama, sem cessar os movimentos, inclina-se sobre mim, mordendo minha nuca, lambendo o lóbulo da minha orelha, fazendo-me gemer mais alto a cada carícia. Com um dedo passa a massagear minha boceta, na sua extremidade, onde sou toda sensibilidade, enquanto enfia outro dedo na minha vagina, fodendo-me de duas formas ao mesmo tempo, do jeito que me enlouquece.

Logo já não sou mais eu em mim, todo o meu ser transformado em sensações de prazer, luxúria, lascívia e pouco a pouco mergulho num êxtase arrebatador que leva gritos à minha garganta e lágrimas aos meus olhos. Me contorço, convulsiono e arremeto-me de encontro a ele, buscando-o mais e mais, quando então seus espasmos acontecem dentro de mim, enchendo-me com seu gozo, nossos corpos ondulando em perfeita harmonia, até ficarem imóveis, quando nos deixamos cair sobre o colchão, suados, saciados.

Ferdinando continua dentro de mim, embora estejamos imóveis, silenciosos, esperando as batidas descompassadas dos nossos corações se aclamarem. Quando se move, alcança meus lábios com os seus, beijando-os suavemente, deixando-se escorregar para o lado, embora mantenha um braço e uma perna sobre mim.

Estou tão exausta e relaxada que não consigo me mover, continuo deitada de bruços, olhando seu rosto lindo, bastante próximo ao meu, nossos olhos fixos nos do outro, dizendo tudo o que sentimos agora, sem que as palavras sejam necessárias e pouco a pouco adormecemos.

CAPÍTULO XVII

Annabella.

Está muito quente quando acordo. Os raios escaldantes do sol estão penetrando o aposento através da janela oval. Um braço e uma perna de Ferdinando ainda estão sobre mim, seu corpo nu de encontro ao meu.

Pisco confusa, tentando me recordar de onde estou e levanto-me num sobressalto. Estou no quarto dele, se alguém me vir saindo estarei condenada.

Maldição, por que tinha que dormir tanto?

Aflita, levanto-me, correndo até o bebê, encontrando-o acordado, os olhinhos arregalados, fitando o vazio à sua frente. Sem dúvida se tornará um grande homem, sequer acorda mais chorando. Ou estaria tentando impressionar o pai? Que pensamento mais idiota, ele não entende o que se passa à sua volta.

Olho para Ferdinando, que dorme profundamente, seu corpo grande ocupando quase todo o leito, não sei como me coube ali.

Recolho minhas roupas do chão, apressadamente, vestindo-me. Provavelmente está na hora de os nobres acordarem, estão perambulando pelos corredores deste andar, de modo que se sair agora corro o risco de ser vista. Portanto resta-me apenas acordar Ferdinando.

Observo-o mais uma vez, o quanto fica lindo quando tem o rosto completamente relaxado, os olhos fechados, os lábios quase curvados num sorriso, o corpo esplendoroso à mostra, os músculos bem feitos, o peito e as coxas peludas.

Inebriada, aproximo-me, roçando meus lábios nos seus, suavemente, quando então ele acorda, seus olhos se abrindo, focando meu rosto, seus lábios se curvando num sorriso.

— Queria acordar com essa visão todas as manhãs. — Diz. Sem esperar resposta, agarra-me pela cintura, atirando-me sobre a cama, deitando-se sobre mim. — Por que está vestida? Eu ainda não acabei com você.

Suas palavras soam tão maliciosas que uma onda de desejo percorre todo o meu corpo, borbulhando nas minhas veias.

— Não há mais tempo para isso, senhor. É dia, precisamos levantar. Preciso que o senhor verifique se o corredor está deserto para que eu possa sair sem ser vista.

— Fodam-se os fofoqueiros desse castelo! Quero você agora e nada vai me impedir.

Tenta tomar-me os lábios, mas desvio o rosto, pensando no bebê.

— É tudo o que quero também, mas preciso alimentar o bebê. Ele não mama desde ontem, não pode continuar assim.

Ele suspira, desalentado.

— Ah, é, o bebê. — Afasta-se, libertando-me do seu corpo grande. — Ele ainda não comeu hoje e

nem está chorando?! Só podia ser meu filho mesmo.

Levanta-se, tirando o pequeno da cesta, segurando-o nos seus braços, desajeitadamente, levando seu rosto até ele, inalando seu cheiro, acariciando as mãozinhas pequenas com as suas, depois os cabelos, numa cena comovente de se ver.

— Está vendo aquela moça ali? — Fala, gesticulando para mim. — Mais tarde o papai vai acorrentá-la na masmorra e chicoteá-la até ela gemer, por ter deixado você com fome a noite toda e vou permitir que você assista tudo para que aprenda como se deve tratar uma mulher.

O pequeno balbucia, emitindo seu primeiro som que não o choro. Fico emocionada e quero abraçar a ambos, mas não há tempo.

— Senhor, logo todos estarão reunidos no salão principal. Se notarem nossa falta vão deduzir que estamos juntos, pois já estão desconfiados.

Ele solta outro suspiro antes de devolver o filho para a cesta, vestindo-se do chemise. Vem até mim, contornando os braços em torno da minha cintura, puxando-me para si.

— Esta noite quero você no quarto das masmorras. Me encontre lá logo após o jantar. Não se esquecendo de ser discreta. — Beija-me suavemente os lábios antes de afastar-se, dirigindo-se à porta, abrindo-a para olhar o lado de fora, assentindo para que eu saia.

Subo rapidamente à torre para trocar o vestido e assear o bebê, antes de ir à cozinha. Felizmente o desjejum ainda não foi servido, encontro todos os servos preparando os cornettos e o curau. Cessam a conversa com a minha entrada, fuzilando-me com olhos hostis.

— Algum problema? — Pergunto, enquanto lavo a protomamadeira.

— Não é nada Annabella. — Serena responde, sem me encarar.

— Há problema sim! — Um dos rapazes malabarista, do qual já não recordo o nome, retruca. — O senhor mandou Maurízio para o mar, para viver longe da família dele pra sempre e todos estão dizendo que fez isso pra fica com você, maldita adúltera!

Fito-o chocada, sem conseguir encontrar as palavras para me defender.

— Cala a boca, seu moleque! — Serena corre ao meu socorro. — Ninguém tem certeza de nada. Se continuar falando o que não deve vai acabar sendo castigado.

Engulo o nó que se formou na minha garganta e falo:

— Você não pode provar o que diz. Se repetir isso denunciarei ao senhor que está levantando falso testemunho contra nós dois.

Ele desvia seu olhar do meu, retornando à sua tarefa, embora continue com o semblante fechado, como todos os demais.

Agora tenho certeza de que todos sabem a verdade, não a revelam apenas porque além de não terem provas são covardes demais para confrontar o senhor, o que não reduz minha vergonha.

Não é diferente com os nobres, embora mantenham-se alheios, percebo que sabem de tudo.

Aquela noite eu e Ferdinando nos entregamos à nossa loucura no pavilhão transformado em quarto na masmorra do castelo, onde sou amarrada, acorrentada, tenho meus olhos vendados e sou levada a mergulhar no mais intenso dos prazeres. Nos braços dele descubro mais a cada dia o significado de ser uma mulher desejada, os segredos contidos no meu corpo, exteriorizados pelo contato dele, capazes de me levar ao mais fascinante mundo da luxúria e do prazer.

Descubro ainda que por trás da sua armadura de gelo há um coração repleto de amor que se revela aos poucos, à medida em que se apegas mais e mais ao filho, tornando-se um homem cada dia melhor para si mesmo e para com aqueles que o cercam.

Devagar parece estar esquecendo as amarguras do passado, o ódio da falecida esposa, toda a tristeza que o assolou durante os anos de casado, mostrando-se uma pessoa mais feliz, agradável, jovial.

Apesar de todos terem a certeza do que acontece entre nós, ninguém se atreve a confrontá-lo, principalmente sem possuir uma prova concreta.

Assim passamos nossos dias, mal nos falando diante das pessoas, nos entregando um ao outro, sem reservas, à noite, quando estamos sozinhos, seja no seu quarto ou nas masmorras.

Quando chega a véspera da minha folga ele pergunta:

— O que pretende fazer amanhã?

Estamos no quarto dele, ainda nus sobre a cama, abraçados, nossos corpos suados, trêmulos, saciados pelo êxtase recente.

— Vou passar o dia com meus irmãos. Tomar banho de cachoeira pra matar a saudade, talvez.

— Tomar banho...nua?!

— Sim, não há ninguém por lá.

— Mas não vai mesmo. Pode aparecer um espertalhão e terei que arrancar os olhos dele. — Não posso deixar de sorrir do seu tom irreverente, apesar da afirmação bizarra. — Tenho um convite a lhe fazer. Quer ir à cidade comigo amanhã?

Minha nossa! Mal posso acreditar no que acabo de ouvir. Conhecer a cidade é um dos muitos sonhos que pretendo realizar e tendo-o ao meu lado será ainda mais magnífico.

— Mas é claro que eu quero. — Respondo satisfeita.

— Então minta. Diga aos seus pais que não lhe dei o dia inteiro de folga, que a deixei apenas ir vê-los rapidamente e em vez de voltar para o castelo, vá até a floresta, onde um cavalo selado, deixado por um soldado, a estará aguardando exatamente no lugar onde nos vimos pela primeira vez. Você se lembra desse lugar?

— Sim, como poderia esquecer?

— Não esqueça de vestir uma capa com capuz, pois o sol é ardente e a viagem é longa.

— Não esquecerei e não sei como agradecer, sempre sonhei em conhecer a cidade.

— Ah, você não sabe mas eu sei. Venha cá.

E toma-me por inteiro, fazendo-me sua mais uma vez, para minha total satisfação.

Na manhã seguinte reluto em deixar meu pequenino aos cuidados de Serena, sei que ela o tratará bem, mas é uma mulher muito ocupada, pode esquecer de alimentá-lo nas horas certas. Ainda assim, logo que o dia nasce, deixo o castelo de coração partido, seguindo para a aldeia ao encontro da minha família, que não vejo há dias, desde o meu casamento. Não esqueço de vestir um dos melhores vestido que Giuliana me deu e de carregar a capa com capuz, como Ferdinando me recomendou.

Encontro meus pais e meus irmãos fazendo o desjejum no pequeno casebre. Todos mostram-se eufóricos com a minha chegada, abraçando-me, beijando-me a face.

Só então percebo que senti mais falta deles que imaginava.

Sentamos no chão recostados na parede para saborearmos o mingau de milho que apenas minha mãe sabe fazer com aquele sabor peculiar, acredito que seja o sabor do lar. Após a refeição meu pai e meus irmãos maiores, com exceção da minha irmã mais nova que eu dois anos que assumiu meu lugar no cuidado da casa, partem para o trabalho na lavoura. Minha mãe também fica, e compreendo o porquê quando ela me chama para uma conversa particular nos fundos do casebre, longe do alcance do ouvido das crianças.

— Anna, você pode me explicar porque estão todos dizendo que o senhor mandou Maurício para o mar para fazer de você a concubina dele? — Pergunta ela.

Minha face empalidece, tamanha é minha vergonha. Procuro outro lugar para olhar, mas ela me segura o rosto, sem permitir que desvie meus olhos dos dela.

Sou capaz de mentir para qualquer pessoa na face da terra, mas não para minha mãe.

— Porque é verdade, mãe. — Minha voz é um fio.

Ela leva uma mão à testa, interpretando um gesto de desespero.

— Mas será que você ficou louca? Sabe o que podem fazer com você se descobrirem?

— Ninguém vai descobrir.

— Como você pode ter certeza disso filha. Aquelas pessoas são malévolas, podem levar o fato ao conhecimento do rei apenas para jogar o nome do senhor na lama e tomarem o lugar dele. Ele é poderoso, pode se salvar, mas você seria condenada à morte por adultério.

Não sei o que dizer, se ela está certa em cada palavra. O próprio Ferdinando já mencionou que seus primos são capazes de fazer isso.

— Eu o amo, mãe.

— O quê?! — Ela me encara com olhos arregalados.

— É isso mesmo, estou apaixonada por ele e sou capaz de morrer pra viver esse amor.

Ela leva a mão à testa novamente.

— E ele, ama você também?

— Eu não sei. Nós nunca falamos de amor. Jamais disse a ele que estou apaixonada e jamais direi. Então não sei o que ele sente por mim.

— Mas é claro que ele não ama. Aquele homem não tem coração é um monstro, matou a esposa de desgosto. Sem falar que você é uma simples camponesa, jamais te levaria a sério.

— Ele não é assim como as pessoas dizem. — Suas ofensas a ele me magoam.

— Não o defenda Annabella, se ele tivesse o mínimo de consideração por você não colocaria sua vida em risco desta forma.

Estou cansada de ouvir que minha vida está em risco. Quem não se arriscaria por amor?

— Não quero mais falar sobre isso. Preciso ir. Vou me encontrar com ele na floresta para irmos à cidade.

— Então não vai voltar pro castelo como disse?

— Não, hoje vou conhecer a cidade, não é maravilhoso?

Ela parece chocada.

— E eu pensando que tinha criado uma filha ajuizada. Como me enganei!

— Não se preocupe mãe. Nada de mal acontecerá. Se acontecer pelo menos morrerei feliz. — Abraça-a fortemente. — Por favor, guarde esse segredo.

— Claro que guardarei, minha filha. Vá com Deus e tome cuidado.

Sem mais, atravesso a casebre, despedindo-me das crianças, indo para a floresta, sob o olhar curioso de algumas crianças das casas vizinhas, já que os adultos se encontram na lavoura.

Caminho por algum tempo sob o sol escaldante, depois sob as sombras das árvores gigantescas da floresta, encontrando Ferdinando no lugar combinado. Está mais elegante que nunca, usando sua túnica vermelha por sob a capa negra. Encontra-se em pé, recostado a uma árvore, segurando as rédeas dos dois cavalos selados.

— Você demorou. — Fala, seu olhos brilhando ao me verem.

— Estava conversando com minha mãe.

— Conversando sobre o que?

— Coisas de mulheres. — Aproximo-me dele e como espero me toma nos seus braços, apertando-me contra seu corpo forte.

Beija-me rapidamente os lábios, afastando-se para dizer:

— Vamos indo. Temos uma longa viagem pela frente.

Montamos os cavalos, dando início a uma apressada corrida rumo a metrópole, ele na frente, eu atrás. Ambos com o capuz da capa sobre a cabeça.

CAPÍTULO XVIII

Ferdinando.

Particularmente não gosto das cidades. A aglomeração barulhenta de pessoas me incomoda, porém, ver a forma fascinada como Annabella observa tudo ao seu redor é capaz de transformar um passeio que seria enfadonho na mais fantástica das aventuras.

Como é dia de feira em Catania, reunindo comerciantes de várias cidades da Sicília, precisamos deixar os cavalos do lado de fora das muralhas da metrópole, devido ao numero excessivo de pessoas nas ruas.

Eu e Annabella caminhamos lado a lado através das ruas estreitas, calçadas com paralepipeto, em meio a um aglomerado de minúsculas casas de pedras, na maioria das quais se pode ver os artesões e ferreiros realizando seu trabalho em cômodos pequenos onde residem com toda a família.

Ao passo em que nos aproximamos da praça onde é realizada a feira, encontramos maior numero de pessoas nas ruas, entre elas homens, mulheres e crianças. Espero não ter que encontrar-me com Beatrice, pois há muitos dias não a visito, se não voltou para o prostíbulo ou arranjou outro emprego, certamente deve estar passando fome. Mas ela é uma mulher esperta, deve estar dando seu jeito.

O local da feira parece um inferno, abarrotado de gente, compradores e vendedores dos mais diferentes lugares, perambulando entre barracas colocadas em toda a praça central.

Annabella parece fascinada com tudo isso. Pára em cada barraca, examinando as mercadorias com um sorriso nos lábios.

— Escolha o que quiser e eu comprarei pra você. — Declaro, sentindo-me enfeitiçado ao olhar para ela.

— Não estou precisando de nada meu senhor. Quero apenas admirar. Nunca vi algo assim, tantas pessoas, tantas coisas diferentes juntas no mesmo lugar.

Seguro-a pela mão conduzindo-a a um lugar que ela tem que gostar, é o preferido de todas as mulheres com quem já estive aqui, onde deixei muitas moedas de ouro.

Satisfeito, vejo os olhos dela brilharem diante da loja de roupas, entulhada de vestidos, sobrevestes, chemises e outras peças adornados com pedras preciosas e fios de ouro.

— Ainda acha que não está precisando de nada? — Pergunto, sem conter o riso.

— São tão lindos. Mas não posso ficar com nenhum deles, devem ser muito caros.

A vendedora, que já me conhece, vem nos atender com um largo sorriso.

— Olá, senhor. Como tem passado? Temos muitas novidades vindas da França para que sua bela dama escolha.

Imediatamente Annabella desvia seu olhar para o chão, sua face enrubescendo. Certamente está constrangida por perceber que a vendedora me conhece das ocasiões em que trouxe minhas concubinas aqui.

— Vamos entrando senhorita. Temos muitos outros modelos aqui que possa gostar. — Ela insiste,

alheia ao que se passa.

— Não quero nada. Obrigada. — Annabella não tira o olhar do chão.

— Escolha algo. Faço questão de te presentear. — Merda, minha voz soa autoritária e não é a primeira vez que sinto estar forçando ela a fazer algo que não queira.

— Sim, meu senhor. — A resposta é a esperada.

Entramos na loja, um cômodo pequeno, abafado, onde o calor é insuportável. A vendedora leva Annabella para os fundos, deixando-me sentado próximo à porta. Logo Annabella vem me mostrar o primeiro vestido que experimenta: uma vasquinha rosada como seus lábios, bordada com fios de ouro, que a deixa ainda mais linda.

— Está lindo. Leve esse e escolha mais quantos quiser.

Sou recompensado pelo seu sorriso lindo, que prova que já não está tão constrangida quanto quando chegou.

Ela continua experimentando vestidos, cada um deixando-a mais linda que o outro, seu jeito se tornando cada vez mais solto, seguro, para minha total satisfação. Quero que leve o vestido mais caro da loja, para ter o prazer de tirá-lo do seu corpo com os dentes, ainda esta noite.

Está nos fundos do estabelecimento, trocando um traje por outro, quando Beatrice entra na loja, como se surgisse do nada, fitando-me com olhos de suplica.

Espero que saia antes que Annabella possa vê-la.

— Meu senhor, onde esteve durante todo esse tempo? Por que não me visitou mais? — Pergunta.

— Não posso conversar agora. Estou acompanhado.

— O quê?! Arranjou outra e sequer teve a consideração de me avisar? — Sua fisionomia muda, contraindo-se de raiva.

— Não te devo satisfação da minha vida. — Tiro algumas moedas do compartimento na túnica, estendo para ela. — Pegue isso e vá embora.

Ela não recebe as moedas da minha mão.

— Então é assim? Me descarta sem satisfação alguma? Não conhece os meus sentimentos pelo senhor?

Sua inquirição me irrita.

Neste instante, Annabella surge dos fundos do estabelecimento usando mais um vestido, seu sorriso morrendo nos seus lábios ao ver a outra mulher perto de mim.

Maldição, não queria que ela a visse, tampouco que ouvisse o que direi a ela. Mas é tarde.

— O que aconteceu entre nós não tem nada a ver com sentimentos. Foi apenas desejo carnal. Agora pegue as moedas e vá embora.

Ela desloca seus olhos espertos para Annabella.

— Então é esta sua nova diversão? Um pouco jovem demais, não acha meu senhor? — Não espera resposta. — Saiba que ele fará com você o mesmo que está fazendo comigo agora. Decore bem essa cena, pois logo você estará no meu lugar. — Pega as moedas e sai, com passos pesados, apressados.

Fito o rosto de Annabella, está pálido, o corpo ligeiramente trêmulo, paralisada ao lado da vendedora, que não parece espantada como deveria.

— Acho que não seja necessário que eu lhe explique quem era ela, não é?

— Não senhor. — Responde, desviando o olhar para o chão. — Podemos ir agora, meu senhor? Já experimentei quase todos os vestidos, escolhi aqueles que mais me agradaram.

Posso imaginar o que ela está pensando: que o que acontece entre nós também é apenas carnal, como acabei de afirmar ter sido entre mim e Beatrice, que um dia a deixarei para trás, sem dar satisfação alguma, como fiz com a outra, não passa pela sua cabeça o quanto estou perdidamente apaixonado, enfeitiçado, capaz de morrer por ela, vulnerável e fraco por um amor ainda maior que aquele que há muitos anos me fez destruir minha vida, do qual jamais permitirei que ela tome conhecimento, para que não espere de mim o compromisso que não posso lhe oferecer.

— Podemos sim. — Viro-me para a inabalável vendedora. — Traga-me a conta, senhora.

Annabella quase não fala durante o longo trajeto de volta para o feudo, quase posso ouvir seus pensamentos fervilhando na sua mente, mas é tão passiva, obediente e submissa que não se atreve a tocar no assunto que lhe incomoda, o que me faz amá-la com mais intensidade.

É quase noite quando chegamos. Deixo-a na floresta, para que possa passar na casa dos seus pais mais uma vez antes de retornar ao castelo e sigo para a suntuosa construção com os dois cavalos.

Como esperado, tanto os soldados quanto os demais moradores, entreolham-se ao me verem, certamente falavam sobre minha saída, coincidentemente, no dia da folga de Annabella, mas não ligo para eles, que falem até caírem as línguas, o importante é que não podem provar nada, tanto para a igreja quanto para o rei.

É noite quando Annabella retorna. Estou no meu aposento, debruçado na janela, aflito com sua demora, quando a vejo atravessar a ponte de pedras que se ergue sobre o lago de águas límpidas e fico enciumado ao deduzir que antes de vir me ver ela procurará por Ferdinando II, com quem tenho que dividir sua afeição.

Espero que venha ao meu encontro, mas sei que não o fará, pois além de estar magoada pelo que aconteceu na loja, é incapaz de dar um só passo sem a minha previa autorização, porque eu quis que fosse assim.

Então espero um pouco mais, até ter certeza de que todos se recolheram e saio à sua procura, indo direto para a torre onde dorme, sequioso por sentir o calor gostoso do seu corpo.

Ela abre a porta na segunda batida, permitindo minha entrada. Está mais linda que nunca, usando um dos vestidos que comprei, de um tecido verde escuro, bordado com fios de ouro, colado até os quadris, ressaltando sua silhueta perfeita, terminando na saia longa. Tem os cabelos dourados soltos, enfeitados com uma flor. Seu sorriso amplo me diz que deixou os pensamentos negativos de lado.

— Estás mais linda que nunca. — Falo, enfeitiçado.

Quero agarrá-la e possuí-la ali mesmo, mas meu filho dorme no único minúsculo leito.

— As pessoas ficaram ainda mais desconfiadas de nós dois quando me viram chegar com os vestidos. — Fala, sem deixar de ser agradável e mansa.

— Danem-se as pessoas. Quero que todas elas morram e fiquemos apenas nós dois aqui. — Seus olhos se arregalam assustados com minhas palavras. Nunca vou compreender porque ela me aceita sendo eu um sujeito intolerante a ponto de assustá-la. — Como está o bebê?

— Está ótimo. Serena cuidou bem dele.

Nunca vi uma criatura dormir tanto na minha vida.

Melhor assim, pois não pode ver quando o pai dele se deixa levar pelo impulso e agarra Annabella pela cintura, puxando-a para si. Meu corpo encontra o seu calor gostoso, meus lábios buscam os seus, sendo recebidos com volúpia, sua língua gostosa penetrando minha boca, deixando-se ser chupada e logo a ereção se faz sob minhas roupas, a ponto de estourar.

— Sinta isso, anjo, saiba como você me deixa louco. — Sussurro, de encontro aos seus lábios, pressionando minha ereção contra seu ventre, por sob os tecidos das vestes.

Quero levá-la para as masmorras, amarrá-la na minha cama, vender os seus olhos e comê-la assim, mas não há tempo, preciso senti-la agora ou morrerei. Então, desço meus lábios pela maciez do seu pescoço, minhas mãos abrindo a parte de trás do seu vestido, meus dentes descendo-o pela frente, deixando-o cair aos seus pés. Pretendo fazer o mesmo com o chemise, mas tenho pressa, então o rasgo ao meio com um safanão, deixando-a completamente nua, linda, totalmente à minha disposição. Coloco seu peito pequeno, rosado na minha boca, passando a língua sobre o mamilo, repetidamente, sentindo-o enriquecer sob o meu toque, para depois chupá-lo, com força, enquanto ela arqueja, gemendo dengosamente, apertando meu pau entre seus dedos delicados, por sobre minha túnica.

Parto para o outro peito, com uma fome descontrolada em mamá-lo, o faço, deixando-o duro, ainda mais empinado. Escorrego minha boca através da sua pele deliciosamente arrepiada, passando pelo ventre, alcançando a parte dela que mais me encanta, beijo sua vulva pequena, com poucos pelos, para então abrir suas pernas, pendurando uma sobre meu ombro, lambendo sua boceta arreganhada, levando minha língua da entrada da sua vagina até seu clitóris, sendo recompensado pelos seus gemidos cada vez mais altos.

Movo minha língua apenas sobre seu clitóris agora, num ritmo acelerado, sentindo-o inchar sob meu toque. Annabella segura meus cabelos, puxando meu rosto mais de encontro ao seu sexo, ao mesmo tempo em que move seus quadris no mesmo ritmo.

Introduzo um dedo na sua vagina apertada, lambuzada, movendo-o lá dentro, extasiado com o que isto me faz sentir.

Ela sibila, puxando o ar pela boca, sem parar de gemer. Está quase gozando quando paro, levando minha boca de volta à sua, querendo gozar junto com ela, pois sei que serei rápido desta vez, tamanha é minha vontade.

Afasto-me para, muito rapidamente, tirar minhas roupas, empurrando Annabella até a parede, voltando a beijar seus lábios, minha língua penetrando sua boca. Com as duas mãos ergo-a pela cintura, de modo que ela circunda as pernas em torno dos meus quadris, os braços em volta do meu pescoço. Com um gesto apenas entro nela, enterrando meu pau na sua vagina, maravilhado com o quanto é quente, apertada e está deliciosamente molhada.

Passamos a nos mover no mesmo ritmo, seus quadris vindo para mim, os meus indo até ela, nossa virilhas se atritando, nossos líquidos se misturando, a luxúria nos tomando mais a cada movimento.

É impressionante como nossos corpos se encaixam um no outro, em perfeita harmonia, nossas bocas não se separam, sua mãos passeiam pelos meus cabelos emaranhados, seus seios empinados roçam no meu tórax, tudo isso intensificando o desejo selvagem que me domina.

Quando o corpo dela se contrai, ansiando pelo alívio, arremeto-me mais fortemente contra ela, indo mais fundo, mais depressa no seu interior, permitindo-lhe mergulhar naquele êxtase que a faz gritar de encontro à minha boca, convulsionando, se contorcendo, no espetáculo mais glorioso que um homem pode presenciar.

Controlo meu próprio gozo até que ela relaxe por completo, quando então me retiro da sua vagina, colocando-a de volta no chão, fazendo-a ajoelhar-se, enterrando meu pau na sua boca, enchendo-a com meu esperma, observando-a engoli-lo.

Puxo-a para cima novamente, abraçando-a, apertando seu corpo contra o meu, maravilhado, ciente

de que não há nada no mundo que eu goste mais que fazer isto com ela.

— Você me deixa louco, meu anjo. — Sussurro, ao seu ouvido, minha respiração ainda ofegante.

— Digo o mesmo do senhor.

Afasto-me o suficiente para fitá-la no rosto, constatando, mais uma vez, o quanto é perfeita, o quanto quero possuí-la enquanto estiver amarrada, ainda esta noite.

— Vista-se, vamos para as masmorras. — Ordeno, observando seus lábios se curvarem num sorriso de puro contentamento.

CAPÍTULO XIX

Ferdinando.

Tenho o verão mais feliz de toda a minha existência. Annabella devolveu-me a alegria de viver perdida durante os anos que passei odiando Fiorenza. Transformou toda a minha amargura no infinito amor que agora trasborda dentro de mim, tanto por ela quanto pelo meu filho, meu unigênito, a quem desacredito ter sido capaz de rejeitar ao nascer.

O desejo louco que nutrimos um pelo outro cresce mais a cada dia, preciso estar dentro dela todas as noites, mesmo durante suas regras, seja no meu quarto, nas masmorras ou na biblioteca. Não há nada que eu goste mais que fazer amor com ela, isso se sobrepõe inclusive à minha necessidade de dominar, embora ela seja a mais dócil e submissa das mulheres, conquistando-me mais e mais.

Porém, com a chegada do inverno, chega também a notícia que eu temia.

É manhã de domingo, estamos todos deixando a capela, após a missa, inclusive Annabella com meu filho nos braços, quando a chegada de um dos soldados do rei é anunciada e ordeno que o deixem entrar imediatamente.

O mesmo atravessa as muralhas e adentra o salão onde são empilhadas as centenas de sacas de cereais, colocando-se diante de mim, reverenciando-me respeitosamente, com certa dificuldade em se curvar, por causa do excesso de metal na sua armadura.

— O que faz aqui meu rapaz? — Pergunto, com um mau pressentimento.

— Vim anunciar a chegada do rei Rogério de Altavila II, que acontecerá esta tarde. Ele está a caminho, acompanhado do Duque de Siracusa, Roberto di Ariano e da sua filha Daniela di Ariano. Ordena-lhe que lhes reserve os melhores aposentos e prepare a criadagem para servi-los.

Imediatamente, sei que o rei pretende casar-me com a filha do duque, por que outra razão a traria aqui?

A constatação me choca, mas nem tanto. No fundo já esperava por algo assim, pois o rei estendeu seu domínio sobre a Sicília por meio de matrimônios arranjados das suas filhas com os duques das cidades. Comigo não seria diferente. É algo que eu preciso apenas acatar, já que não há nada a se fazer para evitar sem declarar guerra a um reinado munido com milhares de soldados armados e bem treinados.

Me preocupo apenas com Annabella, pois sei que isso magoará seus sentimentos. Num impulso, desloco meu olhar para ela, está pálida como um fantasma, em pé, imóvel, entre meus primos, suas esposas e filhos, segurando Ferdinando II nos braços.

Não tem idéia da imensidão que é o amor que sinto por ela, que mesmo estando casado, jamais a abandonarei.

— Volte meu rapaz. Diga ao rei que estamos esperando.

O soldado me reverencia novamente, deixando o salão tão apressadamente quanto entrou.

— Parabéns meu primo. Tens muita sorte com as mulheres. Deixou de ser marido de uma princesa

para logo em seguida desposar a filha de um duque. — Benito fala, com evidente despeito.

— Não diga sandices Benito. Um homem jamais encontrará a felicidade nos braços de uma mulher que não ama, que dirá de uma que não conhece. — Retruco.

— Mas será uma coisa boa, considerando que se o rei deixasse você livre terminaria por se envolver seriamente com pessoas desclassificadas e perderia as terras nas quais habitamos. — Giuliana fala, referindo-se a Annabella, que se torna cada instante mais pálida.

— Cuidado com o que diz, Giuliana. — Falo, irritado com sua indireta. — Suas palavras podem te deixar sem teto.

Ela desvia o olhar para o chão, indignada.

As horas que se seguem são transformadas numa verdadeira correria. Todos no castelo se mobilizam para receber o rei e sua comitiva, que geralmente é grande. Trás com ele seus próprios criados particulares, ainda assim precisamos recrutar mais camponeses para ajudar no preparo dos leitos e das refeições.

Entre um afazer e outro, percebo o quanto Annabella está apática, perambulando pelos cantos do castelo com o bebê nos braços. Preciso falar com ela, dizer-lhe que é e sempre será a mulher da minha vida, independente do que aconteça, mas não há tempo para isso agora, pois o rei estará aqui em questão de horas. Falarei com ela à noite.

Pouco tempo após o almoço a chegada da comitiva real é anunciada com som de trombetas. Ordeno que os portões das muralhas sejam abertos e logo a pequena multidão se aproxima, entre os quais há soldados, servos, escravos e a realeza, todos montados a cavalos.

Dois dos soldados correm na frente, alcançando a entrada, estendendo um gigantesco tapete vermelho que vai dali até o salão principal. Em seguida é a vez dos demais cederem passagem à realeza, entre os quais está o rei, seus dois conselheiros mais antigos, outro homem, que certamente trata-se do duque, uma moça de pele branca e cabelos negros, obviamente a filha dele e suas damas de companhia. Todos saltam dos seus cavalos ao atravessarem os portões, adentrando o pátio, onde os aguardamos solenemente.

— Como vai Ferdinando. — Rogério II é o primeiro a me cumprimentar, com um braço.

Trata-se de um homem com aparência comum, estatura mediana, pele clara, cabelos e olhos castanhos. Bastante parecido com Fiorenza. Seus trajes luxuosos ajudam-no a transmitir altivez. Não o via há anos, já que na ocasião da morte da princesa apenas enviou uma comitiva para levar o corpo.

— Estou muito bem e o senhor? — Respondo.

— Bem. Onde está o meu neto?

Gesticulo para que Annabella se aproxime com meu filho nos braços, o rei observa demoradamente o rosto dela antes de segurar a criança.

— Tem os seus olhos, mas alguns traços parecem com os da mãe. — Devolve o bebê para Annabella, dando-me a impressão de que presta mais atenção nela que no neto. Gesticula para que o outro homem se aproxime. — Este é Roberto di Ariano, duque de Siracusa.

— Como vai? — Reverencio-o, educadamente.

— É um prazer conhecê-lo. — Apesar da afirmação gentil, não me parece muito animado.

— Esta é a filha dele, Daniela di Ariano. — Gesticula para a garota, que se aproxima timidamente, cercada por duas damas de companhia.

— Como vai, senhor. — Reverencia-me, estudando atentamente meu rosto, sorrindo em seguida, como se gostasse do que vê.

É uma garota bonita, tem feições suaves, cabelos e olhos negros contrastando com a pele muito clara, corpo esguio, estatura mediana. Deve ter seus dezenove anos de idade.

— É um prazer conhecê-la. — Falo e estaria sendo sincero se todo o meu amor já não pertencesse à Annabella.

Após todos os cumprimentos, nos dirigimos para o salão principal, todos nos sentando em torno da grande mesa, as servas abastecendo-a com vinho e guloseimas. Depois de colocar o rei a par de todos os acontecimentos do Feudo, ele toca no assunto que eu mais temia.

— Acho que já sabe porque estamos aqui, não é Ferdinando? — Diz.

— Tenho minhas desconfianças, senhor, mas nenhuma certeza.

— Quero que se case com a bela Daniela, para que unifiquemos, finalmente, Siracusa com a Sicília. O que acha da idéia?

E eu tenho escolha?

— Acho uma boa idéia. — Respondo, sem encontrar coragem para olhar para Annabella e ver seu desapontamento.

— Então vamos brindar a mais esta vitória. — O rei ergue seu cálice, todos os demais acompanhando o gesto, com exceção do padre e dos preceptores, que não bebem.

Aquela tarde não deixamos mais o salão principal. Passamos horas saboreando o vinho, assistindo a apresentação dos malabaristas do rei e conversando sobre a conquista de Siracusa, a última cidade da Sicília sob os poderes dos sarracenos. Após o meu casamento com Daniela o país estará completamente sob os domínios de Rogério II, que se tornará um dos homens mais poderosos da Europa.

Estão todos muito animados em torno da mesa, cada qual com seu próprio interesse, meus primos, por causa do poder que será conferido a mim e conseqüentemente a eles após a união, suas esposas pelos recursos financeiros que serão trazidos pela nova esposa, o padre pelo aumento da população do castelo, minha noiva por alguma razão que desconheço e até os servos pela ajuda extra que receberão. O único rosto triste entre todos é o único que eu realmente queria ver feliz, o da minha amada Annabella, que se mostra mais apática a cada momento.

Anseio pelo momento em que todos se recolherão, para que eu possa procurá-la, amá-la explicarlhe que continuaremos como estamos, mesmo sendo eu casado.

Ainda antes que o jantar seja servido, acato a declaração do rei de que o casamento se realizará dentro de um período de sete dias, em que todos permanecerão aqui no castelo, para meu total desgosto, já que odeio aglomeração de pessoas.

A rainha e a duquesa virão apenas na ocasião da cerimônia.

Sob o efeito do vinho, as pessoas parecem gargalhar com mais freqüência, as conversas fluem mais soltas, o salão parece uma festa.

Vejo Giuliana e Clemenzia conversando com minha futura esposa e fico interessado em saber sobre o que tanto falam. Pelo menos parecem estar se dando bem, terei dias de paz pela frente. Percebo também o quanto minha Annabella parece tristonha, perdida nos seus pensamentos. Se eu tivesse o domínio sobre minha vida expulsaria todos do castelo para ficar a sós com ela e meu filho, pois são as únicas pessoas entre os presentes por quem sinto alguma afeição.

Em algum momento preciso ir ao lavabo, quando retorno, Daniela toma-me o caminho antes que eu alcance meu lugar na mesa. Tem o cálice de vinho na mão e me parece ligeiramente embriagada, o que considero um comportamento inaceitável para a futura esposa de um senhor feudal.

— Feliz com a novidade? — Ela pergunta, seus lábios curvados num amplo sorriso.

— Na verdade não tinha planos de me casar outra vez, a ultima experiência não foi muito encorajadora. Mas se o rei quer, o que posso fazer para impedir? E por favor, me chame-me de senhor. — Vejo o sorriso se desfazer dos lábios dela, satisfeito por tê-la intimidado, quem sabe assim desiste de mim.

— Saiba que isso também não estava nos meus planos, ter um homem mais velho e com um filho como marido, mas se não podemos fazer nada para impedir, vamos tornar isso o menos enfadonho possível.

Admiro seu jeito sincero e a maturidade com que coloca as coisas.

— Acredite, sua vida ao meu lado será tudo, menos enfadonha. — O que há de errado comigo? Estou fazendo planos com ela? Talvez seja influencia do vinho, afinal meu coração pertence a Annabella e sempre pertencerá.

Instintivamente, procuro seu rosto lindo em meio à pequena multidão de pessoas, vendo-a triste, observando-nos discretamente do seu lugar na mesa.

— Suas primas me disseram que há algo entre você e ela. — Percebe que estou olhando para Annabella e está referindo-se a ela, embora demore a acreditar que esteja a par desta informação tão depressa. As malditas esposas dos meus primos não perdem tempo mesmo. Posso apostar que revelaram isso a ela com a esperança de que chegue ao conhecimento do rei.

— Saiba que se quiser que nossa convivência não seja enfadonha, está tomando o caminho errado ao acreditar em falsas calúnias.

— Não são falsas calúnias. Não sou boba, vejo a forma como o senhor olha para ela. — Faz uma pausa para ingerir um gole de vinho. — Mas não se preocupe, isso não vai me impedir de casar com você, embora não possa aceitar essa situação após o matrimônio.

A raiva toma conta de mim. Quem ela pensa que é para dizer o que devo ou não fazer? Para tentar arruinar as coisas entre mim e a mulher que amo?

— Acredito que lhe será útil saber que aprecio ter o controle sobre todos os acontecimentos. As coisas por aqui acontecem como eu quero, quando e onde quero. Não estou afirmando que tenho algo com esta moça, mas se tivesse você teria que aceitar isso se essa fosse a minha vontade.

Ela não demonstra qualquer reação diante do tom brusco com que pronuncio as palavras. Parece fria e controlada, o tipo de pessoa que eu detesto.

— Que seja feita a vossa vontade então, senhor. — Finaliza, afastando-se, seu tom sarcástico irritando-me um pouco mais.

Volto a sentar-me a mesa ao lado do rei, onde permanecemos por muitas horas ainda. Após o jantar anseio que todos se recolham para que eu possa ir ao encontro da minha amada, mas tenho que esperar por mais tempo que gostaria.

CAPÍTULO XX

Annabella.

Finalmente deram permissão para que os servos se recolhessem, agora sozinha no meu quartinho na torre posso derramar as lágrimas que venho segurando desde que o rei chegou com a notícia de que Ferdinando se casará.

Eu aceitei tudo dele, o amei quando me humilhou com palavras, me calei quando sua concubina me afrontou na cidade, me entreguei de corpo e alma a ele, durante todo esse tempo em que vem me usando para a própria satisfação e mais nada. Mas ele se casar com outra não posso aceitar, pois o amo tão perdidamente que seria incapaz de dividi-lo com outra mulher. Dormir sob o mesmo teto que eles, sabendo que estão nos braços um dos outro é algo impossível para mim, por isso fugirei, para onde jamais serei encontrada e o esquecerei. O apagarei da minha memória e reconstruirei minha vida como se ele jamais tivesse existido. Fugirei ainda esta noite, antes que meus sentimentos me traiam, me fazendo mudar de idéia.

A perspectiva de afastar-me dele me é quase tão insuportável quanto a idéia de vê-lo com outra mulher, mas preciso ser forte, ir para longe, onde jamais poderá voltar a me magoar desta forma.

Por um breve momento cheguei a cogitar que ele sente algo por mim, mas estava terrivelmente enganada, todo esse tempo queria apenas se distrair comigo, ou não teria aceitado se casar tão facilmente, sem contestar a vontade do rei. Um homem poderoso como ele poderia ter tentado dizer não, mas não o fez, provando que não significa nada para ele, que não passei de uma diversão temporária, igual à sua concubina da cidade.

Tais constatações doem em mim como se mil facadas fossem cravadas no meu peito.

Enquanto as lágrimas banham meu rosto, abundantemente, deito o bebê adormecido na cama e começo a arrumar minha trouxa de roupas, abastecendo-a apenas com meus antigos trapos, não levarei os vestidos que ele comprou, pois agora tenho a impressão de que estava me compensando pelos meus favores sexuais, o que me faz experimentar a sensação de ser uma prostituta.

Deixarei o castelo durante a madrugada, quando estiver frio demais para que os soldados estejam vigiando as muralhas do lado de fora. Partirei rumo ao mar em busca de Maurízio, ou arranjarei um emprego na cidade, como a vendedora de quem Ferdinando comprou os vestidos para mim.

Quando está tudo pronto, troco o vestido sofisticado por um dos meus trapos antigos, visto a capa por cima, para proteger-me do frio e deito-me ao lado do bebê, ainda em prantos, esperando que a madrugada chegue.

Não demora muito para que haja uma batida na porta e sei que é Ferdinando e embora não queira abrir ele entrará, pois infelizmente não há tranca na porta.

Bate outra vez, quando se convence de que não atenderei, abre e entra.

Sento-me rapidamente na cama, enxugando minhas lágrimas com a manga do vestido.

— O que há como você anjo, por que está chorando? — Ele parece alarmado.

Como pode não deduzir?

Tento falar, explicar a ele o motivo da minha dor, mas no lugar das palavras, escapa um soluço da minha garganta.

— Se é por causa do casamento, saiba que isso não mudará nada entre nós. Continuaremos sendo amantes, às escondidas.

Como ele pode acreditar que aceitarei dividi-lo com outra mulher?

A raiva se mistura à dor dentro de mim. Coloco-me em pé, fitando-o diretamente nos olhos.

— Agora sei que não significa nada para o senhor, mas significa muito pra mim. Aceitaria qualquer situação para não perdê-lo, porque o amo, mas não dividi-lo com outra mulher. Saber que todos os dias sairá da minha cama e pulará para a dela. Isso é inaceitável.

— Como pode dizer que não significa nada pra mim, anjo. Você é tudo pra mim, é a minha vida, eu não era ninguém antes de te conhecer. Mas entenda que é uma situação que não posso evitar. Todos temos que fazer a vontade do rei.

— O senhor aceitou muito facilmente, nem tentou recusar. Como quer que eu suporte isso?

— Não há como recusar, isso significaria declarar guerra ao rei. Não espero que você aceite, mas pelo menos tente entender. — Ele percorre os dedos pelos cabelos, num gesto de nervosismo. Só então percebe a minha trouxa de roupas feita sobre a arca. — Pra que essa trouxa, Annabella? O que pretende fazer?

— Como lhe disse, não posso aceitar isso. Vou embora daqui, pra o mais longe possível, onde essa dor que estou sentindo agora não possa mais me atingir.

— Ah, mas não vai mesmo.

Ele avança para mim, empurrando-me de encontro à parede, aprisionando-me contra a superfície rochosa, segurando meu pulsos acima da minha cabeça, pressionando seu corpo contra o meu, imobilizando-me. Tenta alcançar-me os lábios, mas não permito, desviando o rosto para o lado. Quando então a porta do quarto se abre e varias pessoas entram, entre elas o rei e Daniela.

Ferdinando afasta-se de mim muito rapidamente, tão atônito que quase posso ouvir as batidas aceleradas do seu coração, enquanto sou tomada por um pavor intenso, que faz todo o meu corpo tremer, pois sou uma mulher casada e acabo de ser flagrada cometendo adultério, a pena para esse crime não é nada menos que a morte.

— Posso saber o que significa isso, Ferdinando?! — O rei indaga, abruptamente, passeando seus olhos arregalados do rosto de Ferdinando para o meu, do meu para o dele.

Nenhum de nós encontra as palavras.

— É como disse, majestade. — É Daniela quem fala. — Fui informada mais cedo de que os dois têm um caso. Então fiquei vigiando até que ele deixasse seu quarto e viesse até aqui, para que então o senhor visse com seus próprios olhos.

— Isso não é verdade! — Ferdinando parece despertar do seu estado de torpor. — É a primeira vez que venho ao quarto dela. Agi sob o efeito do vinho. Como vocês viram, estava tentando tomá-la à força.

— É mentira majestade. — Giuliana fala. — Eles estão se relacionando desde que ela veio tomar conta do bebê no verão, mesmo sendo casada. Pode perguntar a qualquer aldeão. Todos sabem. Ele enviou o marido dela para o mar, para ficar com ela.

— Cale-se cobra venenosa! — Ferdinando esbraveja.

— Já chega! — O rei grita. — Quero ouvir a verdade de vocês dois.

— É como vocês viram. Eu a estava tomando à força e estou disposto a pagar pelo meu crime.

— Você está ciente de que a pena para estupradores é a máscara de ferro? — O rei pergunta.

— Sim e estou disposto a usá-la pelo resto dos meus dias. Sem problemas.

Não posso acreditar que ele está disposto a se condenar para me defender, talvez esteja enganada em relação ao que realmente sente por mim. Se me considerasse apenas uma distração não estaria disposto a jogar sua vida fora para salvar a minha. Todavia não posso permitir que assuma toda a culpa, que seja castigado por algo que não fez, que seja alvo desta vergonha. Prefiro morrer a permitir que ele sofra tão cruelmente.

Então, dou um passo à frente e declaro:

— Na verdade, majestade, a Sra. Giuliana está certa. Eu e o Sr. Ferdinando temos um caso desde que me mudei para o castelo. Mais por insistência minha que por culpa dele. E estou disposta a pagar pelo meu pecado.

— Não acredite nela majestade. É uma mentirosa. — Ferdinando insiste.

— Já chega vocês dois. São dois mentirosos, devia mandá-los para a forca agora mesmo.

— Posso provar que falo a verdade, majestade. — Falo.

— Como?

— Cale-se Annabella. — Ferdinando parece desesperado.

— Nas masmorras do castelo há um quarto, com uma arca repleta de objetos sexuais que usamos quando estamos à sós. — As pessoas murmuram espantadas, em uníssono. — Há também um grande lavabo com uma banheira de pedras e uma cama. Pode conferir.

O rei fita-me em silencio por um longo momento, sondando-me a expressão, certificando-se de que falo a verdade. É um homem esperto, não tem mais dúvidas de que Ferdinando mente.

— Biagio! — Grita pelo soldado, que rapidamente dá um passo à frente. — Desça às masmorras e verifique se lá há o que ela está dizendo. — O soldado o reverencia e sai. — Como pode ser tão tola, sua serva ignorante? Relacionando-se com outro homem sendo uma mulher casada, envergonhando sua família! Sabes o que acontecerá com você?

— Imagino. — Respondo num fio de voz.

— Serás condenada à morte, presa numa gaiola suspensa em praça publica, até o ultimo suspiro, para servir de exemplo para outras vaga bundas como você.

Todo o meu corpo estremece de medo. Já ouvi falar nas mortes por gaiolas suspensas. A pessoa fica presa numa gaiola em praça publica, sem beber e comer, até morrer de inanição.

— Eu te peço, majestade, por tudo o que é mais sagrado, pelo amor que tens por suas filhas e por seus netos, não a castigue. Eu a seduzi, a culpa é toda minha. Castigue-me, mas não ela. Deixe-a ir para o mar ao encontro do marido, mas não faça-lhe mal. — Ferdinando tem a voz tremula, uma lagrima solitária escorre do canto seu olho, algo que eu jamais imaginei um dia presenciar.

— Eu sinto muito Ferdinando. Também me dói fazer mal a uma moça tão jovem e bela, cujos encantos eu também não resistiria, mas preciso dar exemplo ao meu povo. Como afirmou a esposa do seu primo, todos sabem sobre isso, se a deixar impune estarei incentivando os demais a cometerem crimes e a pecar contra a igreja.

O soldado retorna das masmorras, declarando:

— É como ela disse, majestade.

— Então está confirmado seu adultério. Nesse momento, diante de todas essas testemunhas, estou declarando sua pena de morte na gaiola suspensa por pecar contra o rei e contra a igreja. — Gesticula para o soldado. — Pode levá-la. Já que ela encontrou contentamento nas masmorras, que passe mais um tempo lá. Amanhã começaremos a construir a gaiola.

O soldado segura-me pelo braço, conduzindo-me para a porta, sob o olhar atento de todos, sem que eu ofereça resistência.

— Não! — Ferdinando grita, colocando-se no nosso caminho. — Deixe-a.

— Está desafiando-me Ferdinando? — O rei parece perplexo. — Quer ser condenado junto com ela?

— Estou implorando majestade. Não faça isso.

— Vejo que você é um tolo apaixonado. Contenta-se em saber que não o punirei também, apenas por ser o pai do meu neto. Agora saia do caminho, não me faça mudar de idéia.

Ferdinando fita-me no rosto, como se despedisse-se. No seu olhar vejo dor, aflição e a mais profunda angustia. Neste momento tenho a certeza de que ele me ama tanto quanto o amo e por isso morrerei feliz, sabendo que toda a minha vida valeu à pena por ter vivido esse amor, que embora durasse tão pouco, foi lindo e verdadeiro.

Com os olhos marejados de lágrimas ele sai do caminho, abrindo passagem para mim e o soldado.

Todos os demais nos seguem até o salão principal, de onde passo a ser escoltada unicamente pelo soldado, uniformizado que segura uma tocha para iluminar nosso caminho. Descemos até as masmorras, onde ele me deixa, numa cela minúscula, suja e fétida, tão próxima ao ninho de amor que eu e Ferdinando construímos e ao mesmo tempo tão longe. Tranca a porta de ferro e vai embora, deixando-me mergulhada na mais profunda escuridão, onde o medo e a solidão são meus únicos companheiros.

CAPÍTULO XXI

Annabella.

O contato do meu corpo com o concreto sólido do chão começa a se tornar insuportável. Sinto dores, frio e medo da negra penumbra. Posso ouvir os ruídos dos ratos não muito longe, embora não os enxergue. Fecho os olhos, tentando adormecer e assim me livrar da realidade na qual me encontro, mas é impossível dormir aqui, em meio à dor e ao pavor.

Apesar dos esforços fracassados de Ferdinando em tentar me salvar, nunca me senti tão só como agora, vulnerável, jogada aqui, a espera da morte e tudo por amar demais, a ponto de me entregar ao pecado sem pensar nas conseqüências. Embora meus atos tenham me trazido a isto, não estou arrependida, pelo menos vivi o amor da minha vida, fui feliz por algum tempo. Muitas pessoas vivem uma vida inteira sem saber o que é o amor verdadeiro, como eu soube.

Tento recordar-me da canção de ninar que minha mãe costumava cantar para mim quando criança. Como é mesmo a letra? Lembro alguns trechos e os balbucio, a voz baixa, como se isso pudesse me ajudar a adormecer. A princípio não parece funcionar, ainda assim continuo cantarolando, por muito tempo, até que pouco a pouco minhas pálpebras se tornam pesadas e por fim consigo pegar num sono intranquilo repleto de imagens fantasmagorias da gaiola na qual em breve serei aprisionada para esperar a morte.

Desperto com os sons dos passos dos soldados agitados e dos servos apressados no andar de cima. Tenho todo o meu corpo latejando de dor. Por sorte estava usando minha capa de viagem quando fui trazida, apenas por isso não morri congelada.

Embora esteja acostumada a dormir no chão, já que cresci com esse costume, no casebre dos meus pais se forravam molambos sobre o chão de barro e não de pedras, para cortar o frio e a solidez.

Ao longe posso ouvir o choro agudo do meu pequenino Ferdinando II e meu coração aperta no peito, querendo saber o que está acontecendo com ele.

Mas passa-se muito tempo e nada acontece, ninguém aparece para me informar sobre o que está acontecendo. As horas parecem durar uma eternidade. Quando por fim ouço passos descendo as escadarias do calabouço, coloco-me em pé, para ver Serena se aproximar, escoltada por um soldado, com um prato de curau nas mãos.

A expressão dos seus olhos é de piedade ao observar meu rosto de perto.

— Serena, como é bom ver alguém. — Falo, recebendo o prato da mão dela. — Me diga o que está acontecendo lá me cima.

Seu rosto se contorce de angustia.

— Estão construindo a gaiola pra você, em três dias estará pronta e o senhor Ferdinando não amanheceu no castelo. Ninguém sabe do paradeiro dele. Estão comentando que o rei o aguardará os sete dias que restam para o casamento, se ele não aparecer será caçado e enforcado.

Digiro suas palavras e meu sangue gela nas veias. Espero estar morta antes que o encontrem.

— Mas por que ele fugiu se o rei não o tinha condenado?

— Esta é a pergunta que todos estão fazendo e ninguém sabe responder, nem o rei.

— Chega de conversa. Vamos subir. — O soldado fala, abruptamente, puxando-a pelo braço.

— E o bebê, como está? — Pergunto enquanto eles se afastam.

— Arranjaram outra cuidadora. Uma das servas que veio com a noiva. — Ela grita antes de desaparecer pela escadaria.

Sento-me a um canto para comer o mingau, as poucas frestas de luz que partem da escadaria me poupando de ficar mergulhada na total penumbra, como estava durante a noite.

Além de dores no corpo, agora tenho minha mente fervilhando por pensamentos. Onde estará Ferdinando? Por que fugiu se o rei não o condenou? Pelo menos não publicamente, só se o fez foi em particular. E se estiver morto? E se a tal filha do duque pagou alguém para matá-lo durante a noite e esconder o corpo para se livrar da incumbência do casamento? Esta possibilidade está descartada, vi a forma como ela olhou para ele, parecia bastante interessada. Sem falar que levou o rei até nós dois na noite anterior, com o objetivo único de destruir nosso relacionamento e tê-lo somente para ela. E se foi o rei o mandante do assassinato? Mas por que faria isso?

As indagações são infinitas, as possibilidades também. A mais aceitável é a de que o rei o ameaçou e ele fugiu antes de ser condenado por adultério também, por ter se relacionado com uma mulher casada.

O dia transcorre como se as horas se transformassem em dias. Espero ansiosa pelo horário do almoço, não pela refeição, mas para saber das notícias. Porém fico desapontada quando o horário chega e um soldado solitário aproxima-se com o prato de arroz.

— Por favor, por tudo a que tem amor, me diga se Ferdinando já voltou. — Peço, ao receber o prato de comida.

— Serva estúpida! — Ele rosna. — Achas mesmo que ele voltará para ter o mesmo destino que tu estás tendo?

— Então está confirmado que ele fugiu mesmo?

— É o que estão dizendo. Deve ser verdade, pois há pouco tempo estavam comentando seu suposto envolvimento com ele e agora temos as provas. — Ele percorre o olhar pelo meu corpo, maliciosamente. — Mas quem pode culpá-lo, você é uma garota muito bonita. Deve ser muito fogosa também, pra aceitar ele com sua mania de machucar as mulheres, deixando-as marcadas.

Assustada, recuo para o fundo a cela. Já ouvi histórias de soldados que abusam de prisioneiras e sem Ferdinando no castelo, sou um alvo fácil.

— Obrigada pela refeição, senhor. — Falo, esperando que ele vá embora.

Observa-me em silencio por um instante, depois declara:

— Se não estivesse nessa cela fétida, ia descobrir o que o senhor viu em você. — Sem mais, dá-me as costas, deixando o andar subterrâneo.

Muito rapidamente, deixo o prato de lado, esfregando minhas mãos no chão imundo, levando-as ao meu rosto, depositando ali toda a sujeira. Mesmo estando a espera da morte, não me permitirei ser violentada.

Os dias transcorrem-se lentamente, os minutos se transformando em horas, as horas em dias. Perdi a noção de por quanto tempo estou presa aqui e, de acordo com os soldados que me trazem comida, não sabem nada a respeito do paradeiro de Ferdinando.

Sei que é manhã porque o galo cantou há pouco e não faz muito tempo que trouxeram meu desjejum, quando três soldados do rei adentram as masmorras, impecavelmente uniformizados e sei que chegou a hora em que serei colocada na gaiola suspensa.

Como eu espero, abrem a porta da minha cela, agarrando-me brutalmente pelo braço, puxando-me para fora, com violência, embora eu não relute em ir,

conduzindo-me escadaria acima, atravessando os salões desertos diretamente para o lado de fora, onde a luz do dia ofusca-me as vistas, quase me cegando.

Pisco várias vezes tentando me acostumar à claridade do dia cinzento de inverno até que por fim consigo constatar que estamos no jardim do castelo, entre a moradia e as muralhas abertas. Todos estão aqui: o rei, o duque, sua filha, os primos de Ferdinando, suas esposas e o padre, montados nos seus cavalos, vestido com mais elegância que o habitual, observando-me com altivez, como se eu fosse o mais desprezível e vil dos seres humanos.

Acredito que saibam onde Ferdinando está e que ainda voltará, ou o duque e sua filha não estariam mais aqui.

— Pronta para pagar por seus pecados, serva? — O rei pergunta, fitando-me duramente.

— Acho que sim. — Respondo, num fio de voz.

— Declare-se arrependida e o padre e cederá a extrema-unção.

O padre desce da sua montaria, vindo até mim, com a bíblia na mão.

Fito o rei diretamente nos olhos, antes de dizer:

— Não! Não estou arrependida pelo que fiz. Se voltasse no tempo, faria tudo outra vez.

Há murmúrios de espanto em uníssono entre os nobres. Giuliana chega a levar a mão ao peito, mostrando-se hipocritamente chocada.

— Nesse caso morrerá sem receber o perdão de Deus. Que as portas do inferno se abram para você. Podemos ir.

Os soldados me escoltam, segurando-me pelos braços, um de cada lado, me levando rumo à aldeia, a pés, todos os demais nos seguindo nas suas montarias, em silêncio, atrás de uma fila de soldados.

Ao atravessarmos a ponte que liga a aldeia ao castelo, por sobre o lago, os aldeões começam a surgir do interior dos seus casebres para observar a cena, alguns com expressão chocada, outros apenas curiosos, embora ninguém interfira. Logo vejo minha família, minha mãe e meus irmãos em prantos, esta tentando convencer um soldado a deixá-la se aproximar de mim, ele respondendo com um empurrão que a joga no chão.

— Me perdoe minha mãe, me perdoe por tudo! — Grito, as lágrimas brotando dos meus olhos, angustiada por causar-lhes tamanho sofrimento.

Queria poder fazer algo capaz de amenizar a dor deles, mas não há nada, apenas o tempo a cicatrizará.

Logo avisto a gaiola, na parte da aldeia onde há maior concentração de casebres. É feita de ferro, tem mais ou menos o meu tamanho, de modo que precisarei ficar em pé dentro dela, sem poder me sentar. A ponta de uma corda é amarrada no círculo que há na sua extremidade, passa por cima de um tronco de madeira recentemente colocado ali, parecido com o de uma forca, só que duas vezes mais alto enquanto a outra ponta está nas mãos de um soldado.

Paramos diante dela, uma pequena multidão de aldeões se formando à nossa volta. Meu pai

segurando minha mãe ainda em prantos, Gabriela, seus pai e seu marido tentando acalmar as crianças.

O rei salta da sua montaria, subindo num pequeno pedestal improvisado de madeira e começa a falar, com tom solene.

— Annabella Gallucci é acusada de cometer adultério, ao se relacionar com o senhor das terras, mesmo sendo casada, pecando contra as leis dos homens e as leis de Deus. Para provar que no meu reinado esses pecados não podem ser absolvidos, vindos de quem vier, ela está sendo condenada à morte na gaiola suspensa. Será deixada aqui, sem o direito de receber água ou alimentação até que os abutres comam toda a sua carne. Qualquer um que desrespeitar minhas ordens e tentar ajudá-la de qualquer maneira, será igualmente condenado. — Silencia-se, observando a multidão à sua volta, à procura de alguém que tente discordar dele, talvez. Como não encontra, acena para que os soldados me coloquem na gaiola.

Estes obedecem, destrancando a entrada do bizarro compartimento, colocando-me lá dentro. Tem exatamente a minha altura e largura, de modo que preciso ficar em pé, reta, imóvel, com os braços estendidos ao longo do corpo. Trancam-na e começam a ergue-la do chão, puxando a outra ponta da corda. Estou há cerca de quatro metros de altura, quando param de subir, amarrando a ponta da corda na outra extremidade do tronco.

De onde estou posso ver toda a aldeia e grande parte do castelo, posso ainda ouvir os gritos desesperados da minha mãe e dos meus irmãos. Queria poder dizer-lhes que sinto muito, pedir-lhes perdão, mais uma vez, por lhes causar tamanha dor e vergonha, mas não consigo gritar alto o suficiente para ser ouvida, pois estou mergulhada numa espécie de torpor que me deixa paralisada, causado pelo medo, pela angustia e pela piedade daqueles que me amaram.

O rei faz outro discurso solene, cujas palavras não compreendo devido à distancia. Benito e Fabrício também dizem algo, incompreensível aos meus ouvidos distantes, talvez estejam falando de Ferdinando, sobre o seu paradeiro, sem que eu tenha conhecimento.

Após todas as falas, a nobreza retorna para o castelo, vestidos com seus trajes de luxo, montados nos seus cavalos, acompanhados por dezenas de soldados, deixando três dele sob a gaiola, certamente para evitar que alguém tente me ajudar, o que parece estar funcionando, pois logo todos os aldeões, com exceção da minha mãe, que continua gritando lá embaixo, retornam para a lavoura, para sua vida cotidiana, como se nada de diferente estivesse acontecendo.

CAPÍTULO XXII

Ferdinando.

Estamos no mar há dois dias e é a segunda tempestade que atravessamos. Malditos piratas, definitivamente a sorte nunca está do lado deles. Mas era minha opção mais rápida quando cheguei ao porto de Siracusa, terra da minha infeliz noiva e fiquei sabendo que o meu navio havia partido há um dia para a Inglaterra. Preciso alcançá-lo, antes que seja tarde. Encontrar Maurício, levá-lo à presença do rei para que confirme aquilo que ele não quis acreditar partindo de mim: que o casamento dele com Annabella jamais se consumou, portando não é válido e ela não pode ser acusada de adultério. É a única forma que vejo de salvar a vida dela, a mulher que amo com todas as forças do meu coração. Jamais me perdoarei se algo lhe acontecer.

Deixei o feudo há três dias, a essa altura a gaiola já deve estar pronta, com Annabella presa nela, preciso ser o mais rápido possível, guiando os piratas pelo trajeto que sei que meu navio faz.

— Não podemos ir mais depressa? — Preciso gritar para o capitão, um homem cuja barba oculta praticamente todo o rosto, que conduz a embarcação com dificuldade por causa das águas agitadas do mar, para que minha voz se sobressaia ao som incessante do vento devastador.

— Estamos indo o mais depressa possível. Se içarmos as velas agora o vento nos levará para outro rumo. — É a resposta dele.

Tenho experiência suficiente para saber que ele está certo, precisamos tomar todo o cuidado com este tempo. Portanto resta-me apenas rezar e pedir a Deus que guarde a vida da minha amada.

Sinto-me fraco e casado, pois já não como nem durmo há três dias, todo o meu ser transformado em aflição e se continuar aqui na chuva, adoecerei antes de encontrar Marurizio. Pensando nisso sigo para a cabine reservada para mim, a qual ainda não conhecia. É ampla e confortável para um navio pirata, o que não é de se admirar considerando a fortuna que estou pagando a eles. Como algumas frutas que jazem sobre uma arca, troco as roupas molhadas por outras secas e deito-me, os pensamentos fervilhando-me a mente, impedindo-me de relaxar.

Penso em Annabella, sua beleza angelical, seu jeito meigo, carinhoso que me enfeitiçou. Recordo-me dos momentos em que a tive nos meus braços, chegando à conclusão de que ela me levou a conhecer a verdadeira felicidade e embora tenha durado pouco, valeu por uma vida inteira. Imagino como deve estar se sentindo agora, solitária, com medo, acreditando que vai morrer. Mas não permitirei, mesmo que tenha que voltar e trocar minha vida pela sua.

Não sei exatamente em que momento adormeci, mas sei que o fiz, pois desperto com uma batida abrupta na porta da cabine.

— Quem é? — Pergunto, meus instintos me fazendo empunhar minha espada.

— O capitão me mandou chamá-lo. — Parte a voz do outro lado da porta.

Posso ver pela janela que ainda é noite e ainda chove violentamente, o que ele pode querer comigo?

— O que ele quer?

— Encontramos um navio. Ele quer saber se é o seu.

Levanto-me num sobressalto, guardando a espada na bainha, correndo para a porta, depois para o convés, onde encontro o capitão e alguns dos seus homens observando, ao longe, uma grande embarcação. Assim, no escuro e de longe, fica difícil saber se é o meu navio, mas é bastante parecido.

— Ele está ancorado, talvez por causa do mau tempo. Navios cargueiros nunca têm pressa. — Entregue-me a luneta. — Olhe quando relampejar, saberá se é o seu ou não.

Faço como ele diz, colocando a luneta no olho, esperando pelo relâmpago, que logo vem e posso avistar o navio duas vezes maior do que este onde nos encontramos. Reconheceria aquele casco em qualquer lugar, não tenho dúvidas: é o meu navio, Maurício está nele e Annabella será salva.

— É ele! — Declaro, animado. — Vamos nos aproximar.

— É perigoso, eles podem nos atacar. — Diz o capitão.

— Você não tem uma forma de dizer que está indo em paz? Uma bandeira branca, talvez?

— Somos piratas. Nunca vamos em paz.

Droga! Era só o que me faltava, estar tão perto de Maurício e não poder ir até ele.

Penso a respeito e logo me ocorre uma idéia, não é uma idéia sensacional mas é a única que me ocorre no momento.

— Peguem um lençol branco e um cabo de vassoura. — Ordeno aos homens. — Vamos construir uma bandeira branca.

Eles esperam aprovação do capitão para se moverem, logo que este lhes acena com a cabeça, partem apressadamente, retornando em seguida com o lençol e o cabo.

Amarro uma ponta do lençol em cada extremidade do cabo, improvisando uma bandeira grande o bastante para ser notada em meio à escuridão, subo para o mastro mais alto e começo a balançá-la no ar, enquanto as gotas da chuva forte batem-me no rosto.

— Pode aproximar-se agora! — Grito, alto o suficiente para que o capitão me ouça.

Logo o navio começa a se locomover, aproximando-se do outro. Não temos certeza de que eles atacam, é como brincar com a sorte.

Estamos próximos o suficiente para sermos ouvidos e nada aconteceu. Ótimo, afinal os piratas não são tão desprovidos de sorte assim.

— Aqui quem fala é Ferdinando Dal Col. — Grito alto o bastante para ser ouvido pela tripulação do outro navio. — Quero entrar no navio. Deixem-nos aproximar o suficiente. Não ataquem.

O tempo que se passa até que alguém responda, parece uma eternidade.

— Podem encostar Sr. Ferdinando. Estamos ancorados. — A voz parte distante, quase incompreensível.

Exultante, desço do mastro, observando o capitão aproximar-se rapidamente. No instante em que junta os dois navios, pulo para o lado de lá, sendo recebido pelo capitão Amaro, meu antigo conhecido.

— Como estão as coisas senhor? — Pergunta ele.

— Não tenho tempo de responder agora, preciso de Maurício, onde está ele?

— Está dormindo na sua cabine. Mas o senhor parece exaltado, há algo errado?

Meu alívio é imenso ao saber que Maurício está aqui.

— Sim, uma pessoa inocente está correndo risco de morte. Preciso levar Maurício comigo. — Quando falo já estou a caminho do interior do navio, Amaro me seguindo de perto. — Qual das cabines é a dele?

— Mais adiante senhor. — Ele toma-me a frente, detendo-se diante de uma das muitas portas que se estendem ao longo do estreito corredor. — É aqui.

Bate na porta, incessantemente. Para minha total satisfação, logo Maurício abre. Fico tão feliz em vê-lo que por pouco não lhe dou um abraço.

— Sr. Ferdinando, o que faz aqui? — Pergunta espantado, ainda sonolento.

Ele está diferente, mais magro e tem a barba crescida como a maioria dos homens do mar.

— Não há tempo para explicações agora. Preciso que você venha comigo imediatamente.

— Ir? Pra onde?

— De volta para o Feudo. É uma situação de emergência, te explico depois. Agora vamos.

— Está bem, vou arrumar minhas coisas.

— Também não há tempo para isso. Compro tudo novo pra você.

Irrito-me com sua lerdeza e seguro o colarinho da sua túnica, puxando-o através do corredor. Quando ele se dá conta de que o assunto é serio, dá velocidade aos seus pés, quando então posso soltá-lo.

Durante o trajeto até o lado de fora, Amaro dá-me explicações sobre as razões pelas quais está ancorado, mas não presto atenção no que ele diz, minha mente concentrada em Annabella, no quanto pode estar faminta e com frio a esta hora, presa na gaiola suspensa, a espera da morte.

Eu e Maurício pulamos para o navio pirata, o capitão fazendo a volta, retornando para a Itália.

A viagem de volta ao porto de Siracusa, dura exatamente dois dias, em que navegamos pelo mar agitado, em meio às incessantes tempestades. De Siracusa até o Feudo, se cavalgarmos muito depressa, gastaremos um dia e uma noite de viagem, chegaremos lá no dia em que está marcado meu casamento, portanto poderei cumprir a promessa que fiz, secretamente, ao rei de estar de volta nesta data.

Em Siracusa, compro quatro cavalos, para que possamos trocar de montaria durante o trajeto e damos início à nossa jornada, eu e Maurício, cavalgando através das terras férteis da Sicília, atravessando lavouras, feudos e cidades, até alcançarmos nosso destino.

É tarde, o dia está frio e nublado quando chegamos à aldeia. De longe avisto a gaiola pendurada num tronco de madeira parecido com uma forca e meu coração dispara no peito, meu sangue gelando nas veias. Corro naquela direção, avistando Annabella, em pé, imóvel, dentro do bizarro objeto de ferro, três soldados armados vigiando-a. Não consigo distinguir se ela está viva ou morta.

— Como ela está? — Pergunto ao soldado, felizmente um dos que está comigo há anos.

— Já faz tempo que não se mexe, senhor. Não temos certeza se ainda está viva.

Todo o meu corpo estremece da mais dolorosa agonia. Jamais me perdoarei se ela estiver morta.

— Por Deus! Precisamos tirá-la daí. — Exclama Maurício, alcançando-me com seu cavalo. Coloquei-o a par de todos os acontecimentos durante a viagem, felizmente está disposto a ajudar, provando ter um coração bom, desprovido de rancores por eu ter tirado Annabella dele no passado.

— Vamos. — Chamo, surrando o cavalo para que este corra velozmente rumo ao castelo, Maurício seguindo-me.

Logo que nos aproximamos as muralhas são abertas para nossa passagem.

Encontramos todos reunidos no salão principal, assistindo apresentação de malabarismo, enquanto saboreiam petiscos e bebem vinho. Ali estão o rei, o duque, sua filha, a rainha, uma outra dama luxuosamente vestida que acredito ser a duquesa e as esposas dos meus primos. Estes certamente estão vigiando o trabalho dos servos na lavoura.

Ajoelho-me diante do rei, cumprimentando-o solenemente, Maurízio me imitando.

— Chegou bem a tempo para seu casamento, Ferdinando. Esperaríamos apenas até hoje.

— Dei minha palavra de que voltaria a tempo, majestade e voltei. Agora peço-lhe que me conceda uma conversa em particular.

— E que assunto quer tratar?

— É sobre a moça que está engaiolada na aldeia.

— Ah! Ela está lá há quatro dias, já deve estar morta.

A frieza com que ele se refere a Annabella faz a raiva queimar nas minhas veias.

— Se for a vossa vontade, falo aqui diante de todos. — Falo, colocando-me me pé, num gesto de desafio.

Ele observa-me em silencio por um momento, depois declara:

— Saiam todos. Deixem-me a sós com ele.

Espero pacientemente até que toda aquela gente desocupada deixe o salão, sem pressa alguma, principalmente as mulheres cautelosas em não amarrotarem seus vestidos luxuosos, todos ignorando o fato de que uma vida depende desta conversa, a vida da mulher que eu amo, que o tempo é decisivo para que ela viva ou morra.

A maldita filha do duque demora seu olhar sobre o meu ao passar por mim, insinuando-se, não faz idéia do quanto a farei pagar caro por ter causado tudo isso, se chegar a casar-me com ela.

— E quanto ao rapaz, não vai sair? — O rei pergunta, referindo-se a Maurízio.

— Ele fará parte da conversa, senhor.

— Entendo...

Quando todos se retiram e os soldados fecham as portas gigantescas, sob as ordens do rei, começo:

— Este rapaz é Maurízio Klein, marido de Annabella Gallucci. — Maurízio coloca-se em pé. — Está aqui para provar ao senhor e a quem mais interessar, que jamais consumou seu casamento com Annabella. Ela permaneceu no castelo desde a prima noite e Maurízio foi para o mar no dia seguinte. Portanto, ela não pode ser acusada de adultério, pois não foi verdadeiramente uma mulher casada.

— Isso é verdade meu rapaz?

— Sim, majestade. — Maurízio fala. — Nunca toquei num só fio de cabelo de Annabella. Jamais fomos marido e mulher.

O rei pensa por um longo momento, enquanto move os dedos sobre o queixo, como se ali houvesse uma barba para ser alisada.

— É uma situação lamentável. Se soubesse disso antes, talvez a teria apenas expulsado da aldeia. Mas já dei minha palavra aos aldeões de que ela pagará, não posso voltar atrás. Ademais vocês fizeram os votos diante do padre, isso não pode ser desconsiderado.

A raiva toma-me por completo, quase fazendo-me perder o controle.

— Pense bem majestade. Se Annabella morrer naquela maldita gaiola, não me casarei com Daniela e seu domínio sobre Siracusa irá por água abaixo, já que não tem nenhum filho homem para

se casar com ela.

— Você está me desafiando?! — Ele grita, abruptamente.

— É, eu estou! — Retruco no mesmo tom. — Se deixar aquela moça morrer, não serei mais seu vassalo, seu neto ficará órfão de mãe e de pai e Siracusa continuará sob os domínios dos malditos sarracenos!

Os olhos dele faíscam de raiva, abre a boca para dizer algo, mas volta atrás. Pensa mais um pouco, depois fala:

— Não posso tirá-la de lá. Os servos vão acreditar que sou um líder sem palavra.

— Pelo contrario, acreditarão que o senhor é um líder com um grande coração. Ademais não estará infligindo lei alguma, Maurízio é a prova de que o casamento não foi consumado e um casamento assim não é validado.

Ele reflete um pouco mais, voltando a coçar a barba invisível. Por fim declara:

— Guarda! Vá à aldeia e ordene aos demais que soltem a moça. Diga ao povo que o casamento não foi consumado. Porém, se ainda estiver viva, avise a ela que tem até amanhã ao meio dia para deixar a aldeia e que nunca mais volte a pisar aqui.

Uma corrente de euforia passeia pelo meu corpo. Mal posso acreditar que minha amada será salva. Estou tão exultante que saio correndo na frente do soldado, sem esperar por ele ou por Maurízio.

Do lado de fora, monto o meu cavalo, dando inicio a uma corrida veloz de volta para a aldeia, Maurízio e o soldado me seguindo.

CAPÍTULO XXIII

— Annabella! — Grito, saltando do cavalo, colocando-me sob a gaiola suspensa. Não obtenho resposta e meu sangue gela de medo. Não me lembro de ter sentido medo antes na minha vida, mesmo durante as mais escabrosas tempestades que enfrentava no mar quando era ainda uma criança. — Annabella! — Grito pela segunda vez, e novamente o silêncio é a resposta.

Os soldados tentam me afastar, pois ainda não sabem que ela será liberta, mas reluto, não saio.

Alguns camponeses deixam seus casebres para observar a cena. Provavelmente estão pensando que enlouqueci.

Por fim, o soldado enviado pelo rei me alcança, acompanhado por Maurício. Antes de saltar a montaria, declara:

— O rei ordenou para libertarem a moça. — Os soldados que fazem a vigília se entreolham incrédulos.

— Vocês ouviram, soltem-na! — Esbravejo.

Então, eles movem-se, desamarrando a ponta da corda do tronco, usando-a como uma gangorra, descendo vagarosamente a gaiola, enquanto o outro soldado faz um discurso ao povo:

— Vossa majestade o rei Rogério de Altaveila II, descobriu que o casamento de Annabella Gallucci não se consumou, portando ela não pode ser acusada de adultério. Todavia não poderá continuar morando na aldeia, para não servir de exemplo de mau comportamento.

Ele se cala quando a gaiola chega ao chão.

Quando o soldado destranca a porta do objeto bizarro, tiro Annabella lá de dentro, aflito, desesperado, por vê-la imóvel, os olhos fechados, sua pele fria, o rosto muito pálido.

Deito-a no chão, ajoelhando-me ao seu lado, acariciando seus cabelos, sua face, tentando acordá-la, enquanto a multidão de servos se faz à nossa volta.

— Annabella, acorde, meu amor. — Sem que eu possa controlar, as lágrimas brotam dos meus olhos, escorrendo pelo meu rosto, abundantemente, como jamais aconteceu antes. — Por favor esteja viva meu amor, não faça isso comigo. — Pouso o ouvido sobre seu coração, constatando, aliviado, que está batendo, muito fraco, mas bate. — Tragam água! — Grito.

Uma aldeã corre para o casebre mais próximo, retornando com um vasilhame com água.

Coloco a borda da vasilha na boca de Annabella, forçando seus lábios a se abrirem, derramando a água ali, certificando-me de ela ingerir o líquido, devagar, aos poucos. Depois de alguns goles, seus olhos se abem, fitando o vazio à sua frente, demonstrando toda a sua fragilidade.

— Annabella, graças a Deus! — Falo, sem conseguir reprimir as lágrimas que banham minha face. — Você vai ficar bem meu amor, eu te prometo.

Seu olhar segue o som da minha voz e ela focaliza meu rosto, quando então seus lábios se curvam num sorriso muito suave.

— Por que choras meu senhor? — Pergunta, num fio de voz.

— Porque pensei que você estava morta.

— Eu sabia que o senhor não me deixaria morrer.

Comovido com sua confiança, por acreditar que tenho amor dentro de mim, abraço-a, afundando meu rosto no seu pescoço.

— Eu te amo tanto, anjo. Jamais me perdoaria se algo te acontecesse.

— Eu também te amo, meu senhor.

Com cuidado para não machucar seu corpo fragilizado, ergo-a nos meus braços, carregando-a, abrindo caminho entre a multidão de pessoas e dos soldados que observam a cena, alguns penalizados, outros chocados, possivelmente por verem um homem como eu, a quem acreditam ser um monstro, com o rosto banhado de lágrimas.

Estamos quase alcançando seu casebre quando seus pais e seus irmãos aparecem, correndo na nossa direção.

— Minha filha! — Grita a mãe, iniciando o pranto. — Como você está?

— Ela ficará bem, mas precisa de alimento e repouso. Estava quase entrando em estado de inanição e ainda está muito fraca, por isso precisamos evitar que fale, por enquanto. — Digo.

Com ela nos braços, adentro seu casebre, chocado ao constatar que não há uma cama ali, portanto precisarei deitá-la no chão, sobre o emaranhando de molambos forrados para este fim. Gostaria de poder levá-la para o castelo, onde seria melhor cuidada e alimentada.

— Nós ficamos gratos por tudo, senhor. Mas pode deixar que tomamos conta dela daqui pra frente. — A mãe fala, com indisfarçável hostilidade. Mas quem pode culpá-la se fui eu o responsável por tudo?

— Ela precisa tomar um caldo de carne. Você pode preparar? — Pergunto, ajoelhado ao lado da minha amada.

— Não temos carne, mas podemos pedir aos vizinhos. — Ela ordena a uma das crianças que faça isso.

— Apesar de tudo estou feliz, meu senhor. — Annabella balbucia, a voz muito fraca. — Por saber que não estou amando sozinha, que não me quis apenas para sua distração, como imaginava.

— Como pode pensar uma coisa dessas, anjo? Jamais amei uma mulher como amo você. Foi nos seus braços que conheci a verdadeira felicidade e não importa o que aconteça de hoje em diante, nada mudará meus sentimentos, te amarei sempre.

Sinto um aperto no coração ao imaginar meu futuro sem ela, ao imaginar como se sentirá quando souber que precisará deixar o feudo, para sempre.

Neste momento dois soldados entram no casebre.

— Vossa majestade o rei da Sicília ordena que o senhor retorne ao castelo, imediatamente! — Fala um deles, com autoridade, irritando-me.

Vejo o sorriso se desfazer do rosto de Annabella e minha angústia se intensifica. Ela ainda não sabe que me comprometi a casar-me com Daniela e que precisará partir até o meio dia do dia seguinte. Talvez esta seja a ultima vez que estejamos nos vendo e isso me é quase tão insuportável quanto a própria morte.

— Por favor anjo, me perdoe por tudo o que aconteceu. Me perdoe por te fazer se casar com Maurício, por não perceber que te amo enquanto podíamos ficar juntos, me perdoe por tudo o que ainda acontecerá. Saiba que, apesar dos acontecimentos futuros jamais deixarei de amar você, jamais.

— Eu te perdôo. — Ela sussurra.

Carregando minha dor comigo, levanto-me, olhando para sua mãe.

— Por favor. Cuide bem dela. — Sem mais palavras, deixo o casebre, seguindo os soldados de volta para o castelo.

Chegando lá, encontro o circo armado. Todos os nobres estão reunidos no pátio, onde há um altar de madeira e tudo está enfeitado com flores. Usam suas melhores roupas e saboreiam o vinho.

— Devo dizer que sua aparência é lamentável, meu rapaz. — O rei fala, ao me ver entrar. — Está parecendo um pirata. Devo recomendar-lhe que vá aos seus aposentos, tire essa barba ridícula e arrume-se para seu casamento. A cerimônia será realizada logo que a noite cair.

Tão depressa? Está certo que dei minha palavra de que me casaria, mas esperava que isso demorasse mais.

Não posso mais contrariá-lo, agora que poupou a vida de Annabella, tem a minha nas suas mãos, portanto sigo para os meus aposentos, passivamente, embora contra a minha vontade.

Ao fitar meu reflexo na placa de metal, quase não me reconheço, estou pálido, abatido e tenho a barba crescida, devido aos dias de viagem pelo mar e ao porto de Siracusa, sem me alimentar ou dormir o suficiente. Mas nada disso importa, considerando que Annabella está a salvo, pelo menos a salvo da morte.

Lavo-me sem pressa, raspando a barba com a navalha afiada, trocando os trajes sujos e fétidos por roupas limpas, dirigindo-me de volta para o local da cerimônia.

Estão todos tão ansiosos pela realização deste casamento, que ao adentrar o pátio, sou conduzido apressadamente para o altar, colocado diante do padre, ao lado do rei e da rainha, para logo ouvir a entrada da noiva ser anunciada.

O percussionista começa a tocar uma melodia solene, que soa melancólica aos meus ouvidos. No instante seguinte Daniela entra, de braços dados com o pai. Usa um vestido branco adornado com rendas e pedras preciosas, costurado com fios de ouro; os cabelos negros estão enfeitados por um ramalhete de flores e carrega um largo sorriso nos lábios, o qual pretendo apagar mais depressa do que ela possa imaginar.

Ao alcançar-me, a melodia é cessada para iniciar-se o sermão do padre, em seguida são realizadas as juras de fidelidade à união e ao amor eterno, trocamos as alianças e está feito, estamos ligados um ao outro pelo resto da vida.

Após a cerimônia a festa continua animada no pátio. O rei, o duque e Daniela parecem os mais satisfeitos dos seres humanos, estão tão eufóricos que ignoram meu total descontentamento.

A festa continua noite adentro, até que todos estejam exaustos o suficiente para se recolherem, quando então retorno aos meus aposentos acompanhado pela minha maldita esposa.

Ao trancar as portas por dentro o silêncio pesa entre nós, percebo que ela está exultante, esperando por algo que jamais terá. Sem qualquer constrangimento, dispo-me de todas as minhas roupas, trocando-as por um chemise folgado que uso para dormir, sob o olhar atento e constrangido dela. Em seguida, deito-me, sem deixar de observá-la.

— Meu senhor, preciso que me mostre o que fazer. Não sei como agir nessa situação. — Ela fala, me parecendo vulnerável pela primeira vez desde que a conheci.

— Aja como bem quiser. Se desejar deitar-se comigo posso dividir a cama com você, mas não espere mais que isso de mim. Jamais a tocarei, por ter colocado a vida da mulher que eu

verdadeiramente amo em risco. Seremos casados perante as leis, mas não a desposarei na intimidade, que isso fique bem claro.

Ela fita-me perplexa, seu queixo caindo, quase tocando o colo. Mas é mais esperta que as demais moças da sua idade. Vagarosamente começa a se despir, desnudando cada parte do seu corpo esguio, ciente de que a observo. Quando está completamente nua, deita-se ao meu lado, colando seu corpo no meu. É inevitável, logo tenho uma ereção, mas não deixo o desejo tomar conta de mim, então afasto-a, dizendo:

— Não sabe que não é direito uma mulher dormir sem roupas?

— O senhor é meu marido, não tenho motivos para me envergonhar.

— Vista-se, agora!

— Não! Sei que está lutando contra o desejo e não permitirei que vença.

Maldição! Onde ela aprendeu a ser tão perspicaz na sua idade?

Decidido, levanto-me, forrando lençóis sobre o chão, deitando-me ali, ouvindo-a bufar. Sei que é requintada demais para se deitar no chão como os servos, portanto estou livre da sua armadilha.

Levo meus pensamentos até minha amada, com quem gostaria de estar realmente. Pergunto-me como está agora, se recuperou-se da desnutrição, se está preparada para deixar o feudo, para onde irá. Imagino-a sozinha, perambulando pelas terras da Sicília no único cavalo da sua família, vulnerável, exposta aos mais diversos perigos. Muitas moças nessa situação acabam por se entregar à prostituição por considerá-la a saída mais rápida da fome e da miséria, mas Annabella não fará isso, pois é forte, saberá reconstruir sua vida de outra maneira, assim eu espero.

CAPÍTULO XXIV

Annabella.

A claridade do dia penetra o casebre através das inúmeras frestas nas paredes e no teto, quando finalmente consigo encontrar forças para levantar-me do chão. Todavia, preferia continuar dormindo a saber o que minha mãe acaba de me revelar: que, por ordem do rei, precisarei deixar o feudo para sempre e que Ferdinando casou-se com Daniela na noite anterior. A segunda notícia me é a mais dolorosa. Não consigo compreender porque ele jurou que me ama, enquanto se mantinha ajoelhado ao meu lado, em prantos, se pretendia casar-se com outra. Não duvido dos seus sentimentos por mim, sei que são verdadeiros, mas ainda duvido da sua capacidade de se relacionar seriamente com alguém que tenha a minha origem, sem sangue real correndo nas veias. Essa é a única explicação plausível para suas atitudes, pois se realmente quisesse ficar comigo, arranjaría uma forma de fugir do castelo e levar a mim e ao seu filho para longe da tirania do rei.

Mas seria esperar demais de alguém da realeza, histórias como essa só terminam bem para a serva quando ocorrida nos contos de fadas.

Sento-me à mesa com meus irmãos enquanto minha mãe, visivelmente angustiada, nos serve o mingau de milho. Tenho dificuldade em fazer o alimento atravessar minha garganta ressecada pelo tempo que passou em desuso, mas ainda assim o empurro para dentro, pois precisarei de forças para ir embora. Penso nisso com minha alma dilacerada, meu coração em pedaços, afinal não tenho idéia de para onde irei, nem como viverei dali em diante. Não posso levar ninguém comigo, já que os soldados que se mantêm de plantão na porta da minha moradia me acompanharão até os limites das terras feudais, certificando-se de que partirei sozinha.

— Seu pai tem um primo que mora em Palermo. Você podia procurar por ele. — Minha mãe fala, provando que o mesmo pensamento a assola.

Quero dizer a ela que não tenho idéia de em que direção fica Palermo, mas não quero desesperaná-la.

— Palermo fica do outro lado do país, como ela vai chegar lá? — Diz meu pai.

— A melhor coisa a fazer é ir para Catania, já que conhece o caminho. — Diz minha irmã dois anos mais nova que eu, parecendo a mais ajuizada na mesa.

— Está decidido. Irei para Catania, arranjarei um emprego, como a moça da loja que me vendeu os vestidos e serei feliz. — Desacredito das minhas ultimas palavras, pois é impossível ser feliz sem Ferdinando.

Hoje meus pais e meus irmãos não vão trabalhar na lavoura, pois querem estar presentes quando eu partir. O sol está quase no meio do céu, indicando o início do meio dia quando sei que é hora de ir. Deixo o barraco, com todos em prantos, carregando uma trouxa com roupas e outra com comida suficiente para uns três dias. Do lado de fora os soldados já me aguardam nas suas montarias. Abraço a todos mais uma vez, pela ultima vez, e monto o cavalo selado da família, seguindo devagar rumo à

floresta, escoltada pelos três soldados, sob o olhar de alguns curiosos.

Ao adentrar a escuridão da mata fechada, a sensação de que tudo acabou toma conta de mim e o pranto se torna irrefreável. Sinto-me dolorosamente só, como jamais me senti antes na minha vida e sei que de hoje em diante será sempre assim. Estou por minha própria conta.

Meu coração teimoso insiste em ordenar-me a olhar para os recônditos da floresta a procura de uma suposta emboscada preparada por Ferdinando na tentativa de me salvar dos soldados e fugir comigo, mas nada acontece, ele não está aqui.

Quando deixamos a floresta estamos fora dos domínios do feudo e os soldados param ordenando que eu siga sozinha, então o faço, dando início a uma corrida veloz, cortando a paisagem desértica que se estende à minha frente, rumo à Catania.

Graças aos céus tenho todo o trajeto gravado na minha mente, o percorro sem dificuldades, chegando à cidade poucas horas depois, seus portões imensos sendo abertos para a minha entrada.

— Não pode andar pela cidade montada a cavalo. — Diz o soldado, com um uniforme diferente dos soldados do feudo, ao deixar-me passar. — Precisa deixá-lo na estrebaria.

— Onde fica a estrebaria senhor? — Pergunto.

— Siga em frente e vire na primeira ruela à esquerda, mas vá a pés, puxando o cavalo. — Sem mais palavras, ele desvia sua atenção para outra coisa, como se eu me tornasse invisível de repente.

Faço como ele disse, saltando do cavalo, puxando-o pelas rédeas, rumo ao local que indicou. Logo avisto um grande galpão onde há vários cavalos selados, deve ser aqui.

Aproximo-me do jovem rapaz que está sentado próximo à entrada, amolando uma espada, vagarosamente, usando uma túnica de couro e parece ser o responsável pelo lugar.

— Olá. Gostaria de guardar meu cavalo. — Falo.

— Onde está a moeda? — Ele pergunta sem cessar sua tarefa de amolar a espada numa pedra.

— Que moeda? — Estou confusa.

Ele me examina com curiosidade.

— É necessário uma moeda pra deixar o cavalo aqui.

E agora?

— Mas não tenho moeda alguma e preciso andar pela cidade a procura de um lugar para passar a noite, daqui a pouco vai escurecer.

Ele permanece em silêncio por um momento, como se refletisse.

— Tudo bem, pode deixar o cavalo. Mas se voltar sem a minha moeda não o levará. Entendeu?

— Entendi, obrigada.

Penduro minha trouxa de roupas e de alimentos nos ombros, partindo pelas ruas movimentadas da cidade, rumo ao centro, onde havia a feira quando vim com Ferdinando. Pretendo procurar emprego na loja onde compramos os vestidos, a vendedora parecia uma boa pessoa, há de arranjar algo para mim.

Enquanto caminho pelas ruas percebo o quanto as pessoas são diferentes aqui. Parecem mais apressadas, alheias umas às outras. Até suas vestes divergem das nossas, são mais ousadas para as mulheres, que usam pintura no rosto e mais grotescas para os homens.

Chegando ao local da feira mal o reconheço, a praça está praticamente deserta, a loja de vestidos não se encontra mais ali. Talvez venha apenas uma vez por mês, como os demais feirantes.

E agora? O que farei? A noite está chegando e não tenho outro plano em mente.

Desalentada, sento-me na calçada, pensando sobre o que farei em seguida, quando sou abordada por um soldado.

— O que faz sentada aí? — Pergunta ele, rispidamente.

— Nada senhor, apenas pensando.

— Então pense em outro lugar. Não permitimos prostitutas nas ruas.

Fito-o aturdida.

— Não sou prostituta! Apenas não tenho para onde ir.

— Então procure uma hospedaria. Não pode ficar aqui. — Observa-me mais uma pouco. —

Vamos, se mexa. Já disse que não pode ficar aqui.

Sentindo-me ainda fraca pelos dias sem me alimentar e indignada com a atitude daquele soldado, levanto-me, sem saber exatamente para onde ir.

— Veja, ali tem uma hospedaria. Alugam quartos para passar a noite. — O soldado aponta para uma grande casa de pedras.

Ansiosa por um quarto e uma cama para descansar, dirijo-me para lá, tão fraca que por pouco não caio quando as pessoas apressadas esbarram em mim. Chegando lá, deparo-me com um bar abarrotado de homens bebendo cerveja e fumando tabaco, no ambiente fétido e abafado. Aproximo-me de um deles e pergunto:

— Senhor, onde há quartos para alugar?

Tanto este, quanto todos a sua volta percorrem os olhos pelo meu corpo, maliciosamente, me deixando embaraçada.

— Fala com o Ronaldo, aquele atrás do balcão. — É sua resposta.

Dirijo-me para o homem atrás do balcão, este usa um avental pendurado na cintura e parece bastante ocupado servindo aqueles que se encontram do outro lado.

— Senhor, preciso de um quarto para passar a noite. — Falo, precisando elevar o tom da minha voz para que esta se sobressaia ao som barulhento das vozes dos bêbados.

— Duas moedas a noite. — Diz ele.

Será que tudo aqui é movido a moedas?

— Não tenho moedas senhor, mas posso pagar com trabalho.

— Sinto muito, sem moedas, sem quarto. — E dá-me as costas, retornando aos seus afazeres.

Desalentada, caminho para a saída do bar, ciente que já é noite lá fora, estou fraca, cansada e faminta. Um homem gordo, barbudo, que tem idade para ser meu pai, me aborda antes que alcance a porta.

— Posso te pagar o quarto, anjo, se me deixar passar a noite contigo. — Diz, seu hálito fedendo a cigarro e cerveja.

Não sei o que me enfurece mais, se sua proposta descabida, ou se o fato de me chamar de anjo, como meu amor me chamava.

— Não, obrigada. — É minha breve resposta, antes de deixar o estabelecimento.

Do lado de fora não sei para onde ir. Está escuro e tudo parece assustador. Nunca na minha vida me senti tão só e desprotegida.

Então recordo-me do rapaz da estrebaria, ele parece uma boa pessoa, já que aceitou ficar com meu cavalo sem que eu lhe entregasse a moeda, talvez me deixe passar a noite lá, mesmo que em meio aos animais.

Estou quase sem forças quando finalmente chego à estrebaria onde encontro tudo fechado e escuro. Arrisco uma batida na porta, não há resposta. Insisto, batendo várias vezes, repetidamente, tomada pelo desespero, mas o lugar parece vazio.

Assustada com a escuridão da noite e as ruas desertas, caminho de volta rumo ao centro da cidade, onde há mais pessoas, pelo menos não estarei sozinha, porém antes de chegar à praça as forças me faltam, só não me deixo cair ao chão ali mesmo onde estou por temer ser chamada a atenção pelo soldado novamente, assim, procuro um canto afastado, um beco escuro entre duas casas e deito-me no chão, sem forças inclusive para comer o alimento contido na trouxa que minha mãe arrumou para mim.

Estou quase adormecendo quando ouço cochichos e risadas partidas de uma mulher, seguida da voz sussurrada de um homem.

— Aqui mesmo senhor valentão. Vai me possuir em pé hoje. — Diz a mulher.

— Do jeito que você quiser. — Responde ele.

Continuam trocando frases indecorosas, alheios à minha presença, tão próximos que posso ver os seus pés, sem encontrar forças para alertá-los de que estou aqui. Estão se beijando, prestes a se entregarem ao ato sexual, ali mesmo, quando por fim a mulher pisa no meu braço, assustando-se.

— Samuel, tem alguém aqui! — Fala, espavorida. Imediatamente ouço o som da espada sendo empunhada, felizmente, antes de atacar ele me examina.

— É uma garota. — Diz, espantado.

A mulher aproxima seu rosto de mim, examinando-me atentamente, pelo menos o quanto a escuridão permite.

— Ei, o que você faz aqui? — Pergunta.

Reúno todas as minhas forças para empurrar as palavras através da minha garganta.

— Não encontrei outro lugar para passar a noite. — Falo.

— Você está doente? — Ela parece alarmada.

— Sinto-me fraca e cansada.

— Querido, precisamos ajudá-la. — Diz a mulher.

— E o que você sugere que façamos? Ela não me parece capacitada a caminhar.

— Então a carregue. Vamos levá-la à madame Flora, ela certamente saberá o que fazer.

Segue-se um momento de silencio, para logo braços fortes erguerem-me do chão, carregando-me pelas ruas da cidade, sem que eu saiba pra onde estão me levando. Penso em perguntar, mas a sensação de estar segura, protegida, na companhia de pessoas que parecem amigas é tão boa que desisto, simplesmente entrego-me.

Entramos pelos fundos de uma grande casa de pedras, iluminada por muitas tochas. Atravessamos uma cozinha moderna, algumas salas bem decoradas até chegarmos a um quarto, onde sou confortavelmente deitada numa cama.

— Fico com ela. Vá chamar a madame. — Diz a mulher.

Sob a claridade das tochas percebo que ela é mais jovem que eu imaginei, usa um vestido de mangas curtas, decotado, deixando os ombros a mostra, tem longos cabelos ruivos e usa pintura no rosto.

Em instantes outra mulher entra no aposento acompanhada do homem que me trouxe nos braços. Essa é bem mais idosa, deve ter seus cinquenta anos de idade; tem os cabelos loiros; a pele

enrugada; usa um vestido excessivamente colado ao corpo e muita pintura no rosto. Aproxima-se de mim, sentando-se na beirada do leito, quando posso sentir o cheiro de álcool e tabaco partindo dela.

— Olá minha criança. O que fizeram com você? — Pergunta, segurando-me a mão, a voz muito gentil.

— Fui condenada à morte na gaiola suspensa no feudo onde vivia. Escapei com vida, mas fui expulsa de lá. — É meu breve resumo.

— Oh, mas que coisa horrível. Não sei mais onde vai parar a tirania desses senhores feudais. — Quero explicar a ela que não foi o senhor feudal quem me condenou e expulsou, mas estou fraca demais para pronunciar as palavras. — Não pense mais nisso. Agora ficará tudo bem. Vamos cuidar de você aqui.

— Obrigada. — Estou realmente grata.

— Agradeça-me quando estiver recuperada. — Os lábios dela se alargam num sorriso, cujo motivo eu desconheço. — Agora fique aqui quietinha, que vou até a cozinha preparar um caldo de galinha para você.

Em seguida deixa o quarto, acompanhada pelo casal que me encontrou.

Ajeito-me confortavelmente sobre o colchão, agradecida à vida por ter colocado pessoas tão boas no meu caminho, para me salvar da escuridão em que me encontrava mergulhada desde que pisei os pés em Catania.

CAPÍTULO XXV

Ferdinando.

Finalmente, após uma semana no castelo, incomodando-me com sua presença arrogante e autoritária, o rei e sua maldita comitiva foram embora. Sou novamente o senhor da moradia. Me sentiria ainda mais livre se minha maldita esposa tivesse ido com eles, mas desta não me livrarei tão cedo, pois por mais que a rejeite, que a despreze, ela não desiste de tentar me seduzir, de me fazer cair na tentação e possuí-la. Mas não a quero, simplesmente não a suporto, sequer posso ouvir sua voz enfadonha sem sentir-me enojado. Isso devido ao fato de que foi a responsável por me afastar de Annabella e por quase levá-la à morte.

Não há um só dia em que não pense no meu anjo de cabelos dourados. Daria minha vida para saber onde está agora, o que está fazendo. Tenho certeza de que está bem, afinal é uma garota forte e inteligente, certamente arranhou um bom emprego e está prosperando. Só não posso imaginá-la com outro homem, isso é doloroso demais.

Não há um só dia também que não me arrependa por tomar todas as decisões erradas, por fazê-la se casar com Maurício quando devia estar no lugar dele. Daria minha vida em troca de poder voltar no tempo e fazer tudo diferente, casar-me com ela quanto tive a oportunidade. É com minha alma dilacerada pela dor que me arrependo por isso, todos os dias.

Hoje, com a partida do rei, posso finalmente sair à noite, procurar satisfação sexual nos braços de uma mulher, amarrá-la numa cama, vender seus olhos, talvez chicoteá-la um pouco e extravasar todas as emoções que venho acumulando ao longo dos dias.

Começarei procurando por Beatrice, se não mais a encontrar na casa que lhe comprei, qualquer outra meretriz servirá, o importante será satisfazer o desejo carnal que ferve dentro de mim, ansioso para se exteriorizar.

Estou nos meus aposentos, colocando a capa preta sobre as vestes quando Daniela abre a porta e entra. Me lembra uma pedra que entrou no meu sapato e se recusa a sair.

— Vai sair a essa hora da noite? — Pergunta, visivelmente alarmada.

— Sim, vou. — Limito-me a dizer.

— E onde vai, posso saber?

Eu não queria falar, mas já que ela perguntou.

— Vou procurar uma prostituta qualquer que satisfaça meus desejos da carne.

Os olhos dela se arregalam, visivelmente chocados.

— Como é?! Então não sou boa o suficiente para o senhor, mas uma meretriz é?

— Isso mesmo. Qualquer uma serve pra mim, menos você.

Ela senta-se no leito, afundando o rosto nas palmas das mãos, simulando um choro que não existe.

— O que fiz para que me trates assim?

— Ah, você ainda não entendeu? Vou te explicar outra vez. — Seguro-lhe o rosto, forçando-a a me

encarar. — Você colocou a vida da mulher que amo em perigo e afastou-a de mim para sempre, mas não conseguiu destruir o amor que sinto por ela, porque ela é única como você nunca será!

Sem mais palavras, deixo o aposento, apressadamente, ouvindo-a soluçar atrás de mim, de verdade desta vez.

Atravesso o castelo, passando pelos meus primos e suas esposas em um dos salões, sem cumprimentá-los e sem me preocupar que saibam que sairei esta e muitas outras noites.

Do lado de fora, monto meu cavalo selado, partindo velozmente pela noite, atravessando a aldeia deserta e a calmaria da floresta, seguindo para Catania. Chegando lá, dirijo-me diretamente para a casa que Beatrice ocupava, encontrando-a deserta. Certamente ela encontrou um bom homem com quem se casar ou voltou para o prostíbulo onde a conheci, para onde me dirijo, em busca de diversão.

Por fora a casa da madame Flora se parece com uma residência comum, poucos sabem que é freqüentada por nobres dos mais diferentes lugares, que vêm em busca de sexo profissional, como vim muitas vezes, embora aprecie a exclusividade das minhas mulheres, por isso as mantenho em uma casa para servir apenas a mim. Beatrice foi só mais uma entre tantas.

Ao entrar no imenso salão do estabelecimento, muito bem limpo e iluminado, cheio de gente que se delicia ao som da música lírica, as mulheres interessadas no dinheiro, os homens pensando naquilo que elas podem lhes oferecer em troca, me torno alvo dos mais insinuativos olhares por parte das garotas, a maioria já conhecidas. Elas sabem o que gosto e é o que a maioria gosta também.

No instante em que me avista, madame Flora vem ao meu encontro.

— Mas quem é vivo sempre aparece. — Diz, animada, beijando-me as faces em cumprimento. Continua igual a quando a vi pela última vez, há cerca de cinco anos, com seus cabelos tingidos de loiro bem penteados, a pele bem cuidada para disfarçar as rugas, os lábios pintados de vermelho. — Procurando algo especial para hoje?

— Só um pouco de diversão. — Falo, um tanto impaciente.

— Temos garotas lindas recém chegadas, você vai gostar de conhecê-las. Pelo que me lembro você tem um gosto bastante exigente.

— Apenas gosto que as minhas mulheres sejam receptivas.

— Vamos tomar uma bebida, você me parece meio tenso. — Coloca uma mão nas minhas costas, conduzindo-me gentilmente ao bar, onde o garçom me serve uma dose de burbom, lembrando minha preferência pela bebida, que ingiro com um só gole, sentindo meu corpo relaxar instantaneamente. — Fiquei sabendo que você montou uma casa pra Beatrice. Não está mais com ela?

— Acho que não. Fiquei uns meses sem aparecer e ela não estava mais lá quando procurei.

— Entendo. — Ela fica pensativa por um instante. — Oh, ia me esquecendo de lhe avisar que hoje teremos a estréia de uma nova garota. Ela foi encontrada na rua, fraca e doente. Cuidei dela até que melhorasse, agora trabalhará aqui. Leiloarei hoje sua primeira relação sexual com um cliente.

— Que ótima notícia, uma virgem para deflorar.

Ela solta uma gargalhada.

— Não é virgem, meu caro, já pertenceu a um homem, um senhor feudal que, como sempre acontece, se casou com alguém da realeza e a deixou.

Subitamente o rosto de Annabella se materializa na minha mente, fazendo meu coração apertar dentro do peito. Talvez tenha sido essa a impressão que ela levou de mim: que a deixei para me casar

com Daniela.

— Garçom, mais uma dose. — Peço, desconsolado.

A madame me observa com seus olhos experientes.

— Bem, vejo que você está precisando mais da bebida que de companhia. Em todo caso vou te deixar à vontade para escolher uma das minhas garotas ou esperar pelo leilão. — E deixa-me sozinho, mergulhado no meu mar de tormentos.

Passeio os olhos pelo salão e nenhuma garota em especial me atrai a atenção, embora muitas delas continuem me lançando olhares maliciosos. Estou na terceira dose de burbom quando uma morena, muito jovem e peituda, aproxima-se, sentando-se ao meu lado. Seus cabelos negros me fazem lembrar os de Daniela e a repulsa é imediata.

Ainda assim a deixo ficar, não que me sinta atraído por ela, mas por necessidade de falar asneiras com alguém sem compromisso algum. Conversamos por algum tempo, percebo que ela começa a ficar impaciente com a minha demora em convidá-la para sair, o que não acontecerá, quando a madame se coloca no centro do salão anunciando o início do leilão, a música lírica se cessando. Declara que a garota a ser leiloada não é virgem, mas é jovem, bela e pertenceu a um homem apenas. Acrescenta ainda o mesmo que disse a mim, que esta será sua primeira relação profissional, embora eu relute em acreditar.

Quando a garota em questão adentra o salão, meu coração por pouco não pára de bater, o chão parece fugir aos meus pés, meu sangue ferve nas veias. É Annabella, bastante diferente, parecendo uma miragem, usando um vestido vermelho sensual, desprovido de tecido, revelando as curvas perfeitas do seu corpo. Tem os cabelos soltos ao longo dos ombros e o rosto pintado, como jamais vi antes. Está mais linda que nunca, embora carregue no rosto uma indisfarçável expressão de tristeza.

Preciso piscar várias vezes para ter certeza de que não se trata de uma alucinação, até que não tenho mais dúvidas é mesmo minha Annabella, se corrompendo neste antro de perdição da forma que jamais esperei que ela fizesse.

— Esta é Anna, nossa mais nova garota. — Continua a madame. — Então senhores, quem dará o primeiro lance por uma noite com ela?

Há um breve momento em que o silêncio reina entre todos, logo um homem com cerca de cinquenta anos de idade declara:

— Dou uma moeda de ouro!

— Duas moedas! — Grita outro, com a metade da idade do primeiro.

Outros continuam aumentando a quantidade de moedas, o velhote insistindo em ficar na frente.

Quando desperto do meu estado de torpor causado pelo choque em revê-la, consigo gritar:

— Dez moedas de ouro!

Os olhos de Annabella seguem o som da minha voz, deparando-se com meu rosto, quando então sua face fica subitamente pálida, o corpo tremulo, os olhos arregalados.

— Quinze moedas de ouro! — O velho não parece disposto a desistir, muito menos eu.

— Cinquenta moedas de ouro! — Declaro, vendo os olhos da madame se arregalarem, afinal trata-se de uma pequena fortuna.

— Temos cinquenta moedas, alguém dá mais? — Pergunta a madame, sem obter resposta. — Então quem passará a noite com a nossa querida Anna, será o senhor Ferdinando.

Todos, com exceção dos homens que estavam na disputa, aplaudem o final do leilão.

Vejo a madame cochichar algo no ouvido de Annabella antes de a deixar vir.

Quando parte na minha direção, caminhando muito devagar, tenho a impressão de que meu coração pode sair pela boca a qualquer momento, tão aceleradas são suas batidas.

— Senhor... — Diz, colocando-se diante de mim, com seu jeitinho tímido e sedutor que eu tanto amo.

— Annabella... — Vasculho minha mente em busca das palavras, mas não as encontro, penso apenas em beijar seus lábios lindos, pitados de vermelho.

— A madame pediu que lhe dissesse para entregar-lhe as moedas de ouro antes de irmos para o quarto. O senhor deseja ir agora?

Imagino ela dizendo as mesmas palavras ao velhote se ele tivesse vencido a disputa e quero matá-la, ao mesmo tempo em que desejo abraçá-la.

— Annabella, eu não esperava encontrar você num lugar como esse.

— E em que outro lugar poderia estar uma garota como eu?

— Onde você quisesse. Você é inteligente e esperta, podia ter escolhido um caminho diferente.

A angustia se intensifica no seu olhar lindo.

— Não estou aqui por escolha, senhor, nenhuma dessas garotas estão. Mas sim por falta de escolha. Quando cheguei à cidade estava fraca e doente e a madame foi a única que me ajudou, cuidou de mim até que ficasse boa. Agora preciso compensá-la de alguma forma. — Retoma o fôlego antes de continuar. — Porém se o senhor acredita ser incapaz de estar na minha companhia sem me julgar pelos meus atos, acho melhor devolver a vez ao senhor de cabelos grisalhos.

Não posso acreditar no que meus ouvidos ouvem. Ela não se parece com minha doce e meiga Annabella, talvez o sofrimento a tenha transformado. Ainda assim a quero, com todas as minhas forças.

Enfio a mão no compartimento da túnica tirando as moedas de ouro, entregando-lhe. Ela vai até a madame, dando-lhe as moedas, retornando até a mim.

— Agora podemos ir. — Declara.

Embora conheça o caminho para os quartos nos fundos da casa, deixo que ela me conduza até o seu. Este é amplo, bem iluminado por tochas, decorada com moveis trabalhados. Percebo que a madame está realmente investindo nela.

Por mais que a saudade do seu corpo me corroa por dentro, por mais que a ame, desesperadamente, simplesmente não consigo tocá-la, a sensação de que ela pode estar comigo apenas para cumprir uma obrigação repelindo-me. Se fosse qualquer outra mulher eu já a estaria desnudando, mas não ela, não aqui, não assim.

Sob meu olhar atento, ela começa a despir-se do vestido, lentamente.

— Não. — Falo. — Por favor, fique vestida.

Ela pisca confusa, ajeitando a veste de volta no lugar.

— Não deseja possuir-me senhor?

Aproximo-me, pousando minhas mãos nas laterais da sua cabeça, recostando minha testa na sua, inalando seu cheiro gostoso, todo o meu corpo estremecendo com a proximidade.

— É tudo o que mais desejo na vida, anjo, mas não aqui, não assim. Por favor, venha comigo. A casa em que Beatrice vivia está vazia, é minha, você pode morar lá.

Ela puxa o ar pesadamente, demonstrando o quanto minha proximidade a afeta.

— Não posso. — Sua voz é um sussurro rouco ofegante.

— Por que não? Será que estava mentindo quando disse que me ama?

— Eu o amo, com todo o meu coração, mas sou egoísta, não suportaria viver sabendo que deixará os meus braços para ir para os de outra mulher. A decisão mais sensata é nos afastarmos, para que eu possa esquecer esse amor.

— Nunca toquei um dedo em Daniela e jamais tocarei, por ter me afastado de você.

— Ainda assim não conseguiria tê-lo pela metade.

— Prefere ficar aqui nesse antro de perdição? Pertencendo a qualquer um com moedas?

— Se é para esquecê-lo, sim eu prefiro.

Se ela tivesse cravado um punhal no meu peito, a dor teria sido menor que esta causada por suas palavras.

Se essa é a sua vontade, permitirei que me esqueça e tentarei fazer o mesmo, mas não esta noite, pois preciso possuí-la, mesmo que pela ultima vez.

Então, agarro-a pela cintura, puxando-a para mim, alcançando seus lábios com os meus, enfiando a língua na sua boca, num gesto quase desesperado, que pode ser o ultimo entre nós dois.

Ela chupa minha língua com sofreguidão, arquejando de encontro à minha boca, deixando claro o quanto também me quer, o que me incentiva a continuar.

Com um safanão, rasgo seu vestido vermelho, e o chemise, jogando os trapos no chão, deixando-a completamente nua, à minha disposição. Percorro as mãos através da maciez do seu corpo, sem compreender como consegui sobreviver tantos dias sem tocá-la. Escorrego minha boca para seus peitos empinados, lambendo e chupando o mamilo, deixando-o duro, ouvindo-a arquejar. Parto para o outro mamilo, repetindo a carícia.

Ergo-a nos meus braços, carregando-a para a cama, estendendo-a sobre o colchão.

— Fique de joelhos. — Ordeno.

Ela obedece, ajoelhando-se sobre o leito.

Pego suas roupas rasgadas do chão, arrancando pedaços do tecido, os quais uso para amarrar seus pulsos atrás das costas, ligando-os aos seus tornozelos, de forma que ela fique um pouco arqueada para trás, sua nudez totalmente exposta a mim.

— Não tem idéia do quanto fica linda assim. — Sussurro, minha voz ofegante pela excitação.

Rapidamente, livro-me das minhas roupas, sem deixar de olhar para ela. Deito-me sobre o colchão, afastando os joelhos dela, enfiando minha cabeça no meio das suas coxas, meu rosto muito próximo da sua boceta pequena, totalmente depilada e isso me deixa louco.

Percorro minha língua da entrada da sua vagina até seus clitóris, devagar provocando-a, vendo seu corpo estremecer, um gemido escapando dos seus lábios. Refaço o percurso da minha língua, mais depressa agora, saboreando, sequioso, seu gosto delicioso. Passo a língua repetidamente sobre seu clitóris, sentindo-o inchar sob o toque, quando então o chupo suavemente.

Annabella geme alto, tenta se contorcer mas não consegue, então move seus quadris de encontro à mim, sua boceta passeando sobre minha boca, sem que eu deixe de chupá-la.

Inebriado, enfio um dedo na sua vagina apertada, satisfeito ao constatar o quanto está molhada. Movo-o dentro dela, tirando e enfiando, acelerando os movimentos da minha língua sobre seu clitóris. Logo todo o seu corpo se contrai, clamando pelo alívio que vem em seguida, em meio a gritos de puro prazer que parecem partir do fundo da sua alma.

Faço questão de sugar os liquido expelido da sua vagina enquanto goza, saboreando-o deliciado, recusando-me a abrir mão de qualquer coisa que venha dela, do nosso prazer gostoso.

Quando seu corpo relaxa, saio de sob ela, colocando-me em pé sobre a cama, aproximando meu pau, duro a ponto de estourar, do seu rosto, segurando seus cabelos com firmeza, fazendo-a abocanhá-lo.

Ela chupa com satisfação, mamando, lambendo, enterrando-o até sua garganta, proporcionando-me um prazer indescritível, que apenas ela pode me dar.

Levo uma mão ao seu peito, massageando seu mamilo, fazendo-o intumescer, seus gemidos se fazendo de encontro ao meu membro.

Estou quase gozando, quando a faço parar, levando meus lábios aos seus, chupando sua língua, meu corpo tomado pelo desejo selvagem. Desamarro-a, deitando-a de bruços sobre o colchão, posicionando-me atrás dela. Percorro a mãos da sua nuca até suas nádegas, abrindo-as, apreciando, fascinado, seu anus pequeno, mas o deixarei para depois, agora quero sentir o calor da sua vagina. Então, ergo seus quadris com as duas mãos, colocando-a de quatro, com um gesto muito rápido, quase violento a penetro, sua vagina pequena apertando meu pau, sugando-o, deliciosamente.

Ela começa a rebolar o traseiro, arremetendo-se de encontro a mim, gemendo, gritando, pedindo mais e lhe dou, enfiando cada vez mais fundo, depressa, a cabeça do meu pau empurrando seu útero. Quanto mais bruscas são as estocadas, mais ela grita, ensandecida, sem fazer idéia do quanto isso mexe comigo.

— Ah, anjo, como você é gostosa. — As palavras escapam da minha garganta. — Diga que sempre será minha e de nenhum outro homem. Vamos, prometa.

— Eu prometo, — Sua voz está rouca, a respiração ofegante. — Serei sua eternamente e nenhum outro me tocará.

Acelero mais as estocadas, quando o corpo dela se contrai e sei que vai gozar, paro, retirando-me do seu interior.

— Deite-se de frente, quero olhar pra você.

Ela obedece, mudando de posição.

Deito-me sobre ela, descansando o peso do meu corpo nos joelhos e cotovelos, encaixando meus quadris no meio das suas pernas, penetrando-a lentamente, sem desviar meu olhar do seu, inebriado com sua beleza angelical, com toda a loucura que me faz sentir.

— Te amo tanto, anjo. — As palavras me escapam antes que eu possa controlar, é meu coração falando por mim, da forma que jamais fiz antes, assim como também nunca amei tanto assim.

— Eu também te amo. O senhor é a minha vida. — Ela arfa enquanto fala, num espetáculo glorioso.

Levo meus lábios até os seus, permitindo-lhe chupar minha língua com avidez, ao passo em que acelero os movimentos dos meus quadris, movendo-me dentro dela, violentamente, até que juntos mergulhamos no êxtase, nossos gemidos abafados pela boca um do outro, nossos corpos ondulando em perfeita harmonia, até relaxarem por completo.

Permanecemos imóveis por um longo tempo, nossos corpos encaixados um no outro, até que por fim me deixo escorregar para o lado, puxando-a para mim, deitando-a sobre meu braço.

É nesse instante que percebo que sou incapaz de viver sem ela.

— Não posso viver sem você, anjo. — Falo.

— Também não posso, mas precisamos aprender e aceitar a vida como ela é.

— Não aceitarei. Sei que chegamos até aqui por causa das minhas decisões erradas, a começar quando te forcei a se casar com Maurício, mas aprendi a lição, não vou mais errar. — Deito-me de lado, apoiando a cabeça sobre o cotovelo, fitando-a diretamente nos olhos azuis. — Vamos fugir Annabella, vamos para o meu navio, viver no mar, longe da Sicília, só você, eu e meu filho, onde o rei jamais nos encontrará.

Seus olhos ficam surpresos, depois incrédulos.

— O senhor deixaria tudo pra trás? O feudo, seus primos, o poder? — Pergunta.

Afasto uma mecha de cabelo que lhe cai sobre a testa antes de responder:

— Por você sim. Então, aceita fugir comigo?

Seus lábios se abrem num largo sorriso.

— Sim, eu aceito. — Parece recordar-se de algo que faz seu sorriso murchar. — Mas e quanto à madame, como vou lhe pagar pelo tempo que me ajudou?

— Fique tranqüila, eu me entendo com ela. Agora venha aqui, ainda não acabei com você. — Agarro-a pelos quadris, puxando-a para cima de mim.

CAPÍTULO XXVI

Ferdinando.

Annabella é tão levezinha que consigo arrastá-la por sobre o meu corpo com facilidade, colocando-a de joelhos sobre a minha face, sua bocetinha arreganhada tão próxima ao meu rosto que posso sentir seu cheiro enlouquecedor.

— Coloque essa boceta linda na minha boca anjo, deixe-me chupá-la. — Ela estremece em antecipação, apoiando as duas mãos na parede do lado em que está a cabeceira da cama, descendo o corpo até tocar meu rosto.

Passeio a língua da entrada da sua vagina até seu clitóris, devagar, sentindo-a arquejar. É tão deliciosa que poderia passar a noite inteira fazendo isso e não me cansaria.

A medida em que acelero os movimentos, ela geme, miando como uma gatinha manhosa no cio, se contorce e movo os quadris, esfregando a boceta na minha boca, deliciosamente.

— Vire-se anjo, chupe-me também. — Falo, embriagado de luxúria.

Ela obedece, virando-se de frente para meus pés, inclinando-se sobre mim, alcançando meu pau duro, colocando-o inteiro na boca, levando-o até sua garganta, trazendo de volta, enlouquecendo-me de desejo.

Pouso a língua sobre seus anus rosado, lambendo-o, lubrificando-o com saliva, preparando-o para me receber, ao mesmo tempo em que meu dedo entra na sua vagina quente, num vai e vem incessante que ela acompanha rebolando os quadris, gemendo, dengosamente.

Não suporto mais esperar, preciso estar dentro dela agora. Então, com as duas mãos, tiro-a de cima de mim, deitando-a de bruços no colchão, encaixando-me atrás dela, o peso do meu corpo apoiado nas mãos ao lado da sua cabeça, meu pau entre suas nádegas. Esfrego a cabeça do meu pênis na entrada do seu anus, lubrificando-o um pouco mais com meus líquidos, depois penetro-o, lentamente, centímetro por centímetro, até que esteja todo enterrado dentro dela, quando então passo a mover-me mais rapidamente, num vai e vem incessante que logo ela passa a acompanhar, rebolando o traseiro, arremetendo-se contra mim, levando-me a loucura.

É ainda mais apertada ali atrás, quente, deliciosa e logo estou pronto para gozar, mas não quero ir sozinho, então levo meus dedos ao seu clitóris, massageando-o suavemente, seus gemidos se intensificando, seus movimentos acelerando, até que seu corpo retesa, pedindo o alívio que vem ao passo em que vou mais fundo dentro dela, enchendo-a com meu esperma, vendo-a convulsionar alucinadamente, gritando, soluçando, nossos corpos ondulando juntos, até caírem exaustos, suados, saciados, sobre a cama.

Durante toda a noite nos entregamos ao desejo selvagem que nos domina. O sol está alto no céu quando deixo a casa, determinado a voltar ainda hoje, com meu filho, para juntos fugirmos para o mar.

Já conversei com madame Flora e esta concordou em liberar Annabella em troca de uma pequena

fortuna em moedas de ouro, que lhe entregarei ao retornar.

Ao chegar no castelo, meus primos já se encontram empenhados no trabalho junto aos servos. Ótimo, assim não precisarei explicar a eles onde estou indo quando partir carregando meu filho. O problema maior será me livrar de Daniela, que me recebe com quatro pedras na mão.

— Como ousa chegar em casa a uma hora dessas sendo um homem casado?! — Grita ela, com os olhos faiscando de raiva ao me ver atravessar o salão rumo à cozinha. Está sentada com as esposas dos meus primos nas cadeiras estofadas.

Tento ignorá-la, mas a irritação não me permite.

— Chego a hora que quiser e você não tem que abrir essa boca para reclamar.

Sigo para a cozinha em busca de algo para comer. Ela vem atrás, falando sem parar, irritando-me cada vez mais.

— Onde você estava até uma hora dessas? Onde passou a noite?

— Estava onde disse que estaria, na casa de uma mulher, fazendo aquilo para o que você não me serve.

— Não fale isso tão alto para que todos saibam da minha desgraça em ter me casado com você e sorriam nas minhas costas.

— Então pára de perguntar que eu paro de falar.

Na cozinha sento-me a mesa e ordeno que Serena me sirva o desjejum, Daniela sentando-se diante de mim, em silêncio agora, embora não deixe de me fuzilar com seus olhos raivosos.

Como os cornettos açucarados com leite de cabra, o mais depressa possível, para em seguida arrumar minhas coisas, pegar meu filho e partir.

Após a refeição sigo para o quarto, Daniela como uma sombra atrás de mim, certamente esperando que estejamos a sós para recomeçar suas lamúrias. Chegando ao aposento começo a arrumar minhas roupas numa mala de couro.

— O que você pensa que está fazendo?! Onde pensa que vai?! — Indaga ela, alarmada.

— Estou fazendo o que você está vendo: indo embora. Agora deixe de ser estúpida e pare de me atrapalhar.

— Você não pode fazer isso.

— Posso e farei.

Ela bufa.

— Veremos. — Sem mais, deixa o aposento, pisando pesadamente.

Após arrumar minhas coisas, vou ao compartimento secreto em uma das arcas, pego todo o meu dinheiro, guardando-o comigo, desço as escadarias, seguindo para o pátio, onde encontro a nova preceptora tomando sol com o meu filho.

— Prepare as coisas dele e bastante leite. Vamos fazer uma viagem. — Ordeno.

Ela fita-me curiosa antes de entregá-lo a mim, saindo apressadamente.

Quando está tudo pronto, deixo o castelo sem me despedir de ninguém, porém ao tentar atravessar o portão das muralhas, meu caminho é tomado por três soldados do rei que ficaram para trás.

— O que significa isso? Saiam da minha frente agora! — Ordeno.

— Perdão senhor, mas temos ordens expressas do rei de não deixá-lo sair do castelo com o bebê. Se quiser deixar a criança, poderá ir onde bem desejar. — Fala um dos soldados.

Como não pensei nisso antes? Devia ter deduzido que o maldito rei não me permitiria fugir desse

casamento enfadonho, tirando-lhe o direito de dominar Suracusa, agiu desta forma porque sabe que não deixaria meu filho para trás. Maldito! Espero que arda no fogo do inferno.

Furioso, retorno para o interior do castelo minha mente fervilhando. Ao atravessar o primeiro salão, me deparo com Daniela em pé, ao centro, com um sorriso vitorioso nos lábios. Quando então concluo que ela avisou os soldados.

— Problemas meu senhor? — Indaga, com um sarcasmo que atíça ainda mais minha fúria.

— Se eu fosse você não atravessaria o meu caminho, pois sou capaz de fazer uma besteira. — Aviso, vendo-a ficar seria.

Subo de volta para os meus aposentos, com meu filho nos braços. Preciso pensar em outra forma de deixar o castelo. A única solução será conversar com os soldados da minha confiança e convencê-los a aniquilar os homens do rei, que não são mais que meia dúzia, porém estes estarão aqui apenas ao entardecer, para a troca de turno, quando será tarde demais para que eu chegue a Catania antes do anoitecer, quando Annabella poderá estar convencida de que eu mudei de idéia e entregar-se a outro homem por obrigação.

Todavia, não há mais nada a ser feito, preciso confiar nela e esperar que ela confie em mim.

CAPÍTULO XXVII

Annabella.

A noite chega e Ferdinando não aparece. Encontro-me no meu quarto, com minhas coisas arrumadas, a sua espera, pronta para partir, aflita, desesperada com sua demora.

A cada minuto que passa convenço-me mais de que ele não virá e compreendo menos porque me convenceu de que estava disposto a fugir comigo, quando na verdade não está. Porém, por outro lado, preciso cogitar a possibilidade de que algo pode ter acontecido a ele durante o trajeto até o feudo, os perigos são muitos, principalmente sendo ele um homem rico e poderoso. Ainda assim, é mais fácil acreditar que ele mudou de idéia ao se encontrar cercado pelo luxo e pelo poder no castelo.

Estou a beira das lágrimas quando há uma leve batida na porta e a madame Flora entra, carregando uma expressão de piedade nos seus olhos castanhos.

— Não se sinta mau minha querida. Os homens mentem o tempo todo, é um dom natural deles. — Fala, sentando-se na cama ao meu lado. — Nos fazem acreditar nas mais loucas promessas para que nos entreguemos a eles de corpo e alma, no momento em que desejam nos usar para a própria satisfação. Já conheci muitos assim. Ferdinando não é o primeiro, nem será o ultimo.

— Não consigo entender. Ele não precisava ter mentido para me possuir.

— Fez isso para que você lhe entregasse seu coração, pois muitas vezes não se satisfazem com o corpo apenas. — Ela segura minha mão. — Mas vamos deixar essa tristeza de lado. Vista um belo vestido, pinte seu rosto como lhe ensinei, coloque um sorriso e venha ao salão. Há alguém bastante especial que quero que você conheça.

— Não sei se conseguirei.

— Mas é claro que conseguirá, nós mulheres somos feitas para a resistência. — Coloca-se em pé, caminhando até a porta. — Espero você no salão em alguns minutos. — A ultima frase soa com tom de autoridade.

Ela deve estar certa, afinal conhece os homens melhor que eu. Ferdinando certamente mentiu para conseguir também meu coração, portanto não me resta nada a fazer que não seguir minha vida adiante, da forma que esta se revela a mim.

Decidida, troco o vestido simples por outro mais sofisticado: uma vasquinha verde clara, adornada com falsas pedras preciosas, bastante decotada, deixando quase todo o meu colo à mostra; escovo os cabelos, deixando-os cascadeando sobre os ombros e pinto o rosto, da forma que madame me orientou, deixando ao lábios vermelhos. Espalho um pouco de óleo perfumado no pescoço e parto para o salão.

Encontro-o abarrotado de pessoas, homens das mais diferentes idades, credos e classes sociais e as garotas muito jovens para seus acompanhantes.

Ao me ver entrar, a madame vem ao meu encontro, dizendo:

— Que bom vê-la aqui, minha querida. Venha comigo, quero que conheça alguém.

Segura-me a mão, conduzindo-me rumo a um canto reservado do salão, onde um homem apenas ocupa uma das mesas.

— Este é Bartolomeo Forati, duque de Catania, o homem responsável pela nossa linda cidade. — Diz a madame.

Ele coloca-se em pé, a claridade das tochas permitindo-me ver seu rosto. Tem cerca de quarenta anos de idade, pele clara, olhos e cabelos castanhos.

— Estou encantado em conhecê-la, Anna. — Diz, beijando-me a mão. Vira-se para a madame e completa. — Ela é ainda mais linda do que você me falou.

— Eu não disse? Conheço seus gostos exigentes e estamos aqui para servi-lo. — Fala ela. — Anna, querida, sente-se com o duque e lhe faça companhia.

Obediente, sento-me a mesa, diante dos olhos sequiosos do homem, vendo-a afastar-se.

— Então Anna, o que deseja beber? — Ele pergunta, fitando-me profundamente nos olhos.

— Nada meu senhor, obrigada.

— Beba um pouco de vinho, eu insisto. Isso vai ajudar você a relaxar.

É inacreditável constatar que ele já sabe o que acontecerá entre nós a ponto de me preparar para o momento. Sinceramente não consigo compreender como alguém pode encontrar o prazer desta forma.

— Bebo, se essa é a sua vontade.

Ele gesticula para o rapaz que serve as mesas, pedindo-lhe um copo de vinho e outra dose do burbom que bebe, me fazendo lembrar meu amor.

— Então, o que está achando de Catania? — Pergunta, não que esteja realmente interessado em saber, percebo que quer apenas estabelecer o dialogo para parecer mais humano ou matar o tempo enquanto me embebeda, talvez.

— Na verdade conheço pouco da cidade. Fico mais trancada aqui.

Continuamos conversando assuntos irrelevantes, desprovidos de conteúdo útil, enquanto bebo alguns copos de vinho, meu corpo se tornando cada vez mais leve.

Cerca de uma hora depois de ter sentado na sua mesa, ele faz a pergunta que tanto temo:

— Então Anna, pode me levar para conhecer seu quarto?

A reação do meu corpo é mais intensa do que eu esperava, de repente estou suando frio, meu sangue gela nas veias, meu coração encontra dificuldade para bater. Ainda assim, forço meus lábios a se curvarem num sorriso e empurro a frase através do nó que se forma na minha garganta:

— Claro, meu senhor. Venha comigo.

Levanto-me com dificuldade, por causa do tremor que se instala nas minhas pernas e caminho na direção dos fundos do salão, onde ficam os quartos, ciente de que ele me segue de perto.

Chegando ao aposento, tranco a porta por dentro, vendo-o sorrir amplamente, revelando seus dentes manchados pelo tabaco, enquanto senta-se na beirada da cama.

— Tenho certeza que teremos uma noite inesquecível. — Fala, sem deixar de olhar para mim. — Você já pode tirar suas roupas.

Então chegou o momento em que pertencerei a outro homem que não Ferdinando, agora não há mais como adiar, tenho que ser dele. A sensação que me assola não poderia ser pior, um misto de angustia, repulsa e solidão que me faz querer chorar.

Começo a tirar meu vestido, descendo um ombro, imaginando-o me tocando, tomando meus lábios e simplesmente não consigo ir em frente, então ajeito o vestido de volta no lugar.

— Desculpe, não posso. — Murmuro, a beira de um pranto.

— O quê?! — Ele exclama, seu sorriso se desfazendo, seus olhos se arregalando.

— Arranje outra mulher, senhor. Não consigo fazer isso.

Seu semblante se torna carregado, seus olhos faíscam de raiva.

— Arranje outra mulher o escambau! Eu paguei por você e agora exijo que faça seu papel. —

Levanta-se, avançando rapidamente para mim. — Se não quer tirar seu vestido, deixe que eu mesmo tiro.

Agarra-me com brutalidade, aprisionando-me de encontro ao seu corpo, puxando meu vestido para baixo, enquanto me esforço para mantê-lo no lugar.

Neste momento há uma forte batida na porta e a voz de Ferdinando ecoa do outro lado.

— Annabella, você está aí?

— Socorro! — Grito, apavorada.

Segue-se um estrondo violento e a porta vem abaixo, para logo Ferdinando entrar no quarto, altivo, lindo, poderoso, seguido pela madame, que segura o bebê nos seus braços.

Ao perceber o que se passa, ele avança para nós, arrancando-me dos braços do duque, empurrando-o para longe, violentamente.

— Fique longe dela! — Esbraveja.

— Eu paguei por ela. Tenho meus direitos. — O duque retruca.

— Seus direitos acabam aqui. Essa é a minha mulher! — Ferdinando vira-se para mim, colocando-se bem próximo, tocando-me o rosto com as duas mãos. — Você está bem meu amor? Ele não te machucou?

— Estou bem. Não deu tempo de acontecer nada.

Vejo o duque avançar por trás de Ferdinando, com toda a sua fúria.

— Cuidado! — Grito.

Ferdinando vira-se rapidamente, como se agisse por reflexo, acertando-lhe um soco no rosto tão forte que o joga no chão, paralisado.

— Acho melhor a gente sair daqui. — Fala.

— Concordo.

— E quem vai me pagar por todo esse prejuízo? — A madame pergunta, ainda segurando o bebê.

— Não se preocupe, eu pagarei. — Ferdinando declara.

Aproximo-me dela, tirando meu pequenino das suas mãos, só então me dando conta de que senti mais falta dele do que imaginava. Está um pouco maior de quando o vi pela última vez, tem mais cabelos e dorme profundamente, lindo, apaixonante.

— Mandarei expulsar vocês dois da minha cidade. — O duque esbraveja, levantando-se. — E quanto a você, sua bruxa velha, mandarei fechar seu prostíbulo!

— A nós não precisa mandar expulsar, pois já estamos de saída. — Ferdinando fala. — Suas coisas estão prontas, anjo?

— Sim, meu senhor. Mas gostaria de trocar esse vestido antes de irmos.

— Não há tempo pra isso, você o faz durante o trajeto. — Pega minha trouxa de roupas de sobre a arca, pendurando-a no ombro e entrega algumas moedas à madame. — Aí está o pagamento pelo seu prejuízo.

Em seguida deixamos o quarto, atravessando o salão sem olhar para os lados, indo para a rua,

onde dois cavalos selados nos espera.

Ele amarra um pano em torno do tronco, onde pendura o bebê antes de montarmos e partimos numa corrida veloz, rumo à saída da cidade, avançando pela escuridão da noite através das terras desertas da Sicília.

CAPÍTULO XXVIII

Ferdinando.

Cavalgamos por uma noite e um dia até chegarmos a Siracusa, a maior cidade da Sicília depois de Palermo. O porto fica localizado há cerca de cinco quilometro de distancia das muralhas da grande metrópole. Não posso ir diretamente até lá, com meu filho e Annabella, pois certamente a essa altura Daniela já avisou seu pai, duque de Siracusa, de que fugi e no meu navio será o primeiro lugar onde ele vai procurar. Então, deixo-os numa pequena hospedaria nos domínios da cidade, seguindo sozinho para o porto. Chegando lá, percebo a movimentação dos soldados, em maior numero que o de costume. Agindo com discrição, abordo um velho conhecido e sou informado de que meu navio estará em terra firme dentro de dois dias, tempo demais para esperar, para nos expormos ao perigo. Portanto, a única alternativa será alugar outro navio, encontrá-lo no mar e retornar para a Espanha, mesmo que isto comprometa a carga que está trazendo.

Mantenho-me escondido nos fundos de um grande bar localizado no porto, pedindo ao meu velho conhecido, um ex marujo do navio, amigo do meu falecido pai, que procure um barco disponível para o aluguel. Ele retorna poucas horas depois, acompanhado por um homem parrudo, com a barba crescida, capitão de um navio sarraceno. Está certo que os sarracenos não são pessoas de confiança, pois eram os donos das terras antes do domínio de Rogerio II e agora estão revoltados, mas não tenho outra saída que não confiar nele.

Por uma pequena fortuna, concorda em nos levar até meu navio, mas só poderá partir ao amanhecer, quando toda a tripulação estiver a bordo.

Passamos a noite na pequena hospedaria, tensos, sobressaltados, expostos ao risco de sermos encontrados pelo duque a qualquer momento. Não consigo relaxar, tampouco adormecer, passo toda a noite observando meu filho e Annabella dormirem, tranqüilos, ela tão linda, tão minha.

Se conseguirmos escapar desta situação nunca mais desgrudarei dela, afinal apenas depois que comecei a tomar as decisões certas, que me levaram a ficar com ela, minha vida passou a fazer algum sentido.

É madrugada e está muito frio quando deixamos a cidade, nossos cavalos num trote discreto. Ao nos aproximarmos do porto, deixamo-los, seguindo a pés pelo restante do trajeto, para não atrair a atenção dos soldados. Suspiro aliviado quando conseguimos adentrar o navio sarraceno sem sermos descobertos, agora basta esperar o amanhecer e partimos.

Acomodo Annabella e Ferdinando II em uma cabine desconfortável que o capitão nos indica e retorno ao convés, onde permaneço em alerta, esperando as intermináveis horas se passarem.

Quando os primeiros raios de sol surgem no céu, os barulhentos marujos estão de volta da sua noitada de farra na cidade e finalmente podemos partir. Meu alivio é indescritível quando deixamos o porto, partindo para a imensidão do mar, a liberdade à nossa frente.

Não permito que Annabella deixe a cabine durante todo o dia, pois não confio nos sarracenos,

temo que ponham os olhos nela, afinal é a única mulher à bordo.

Navegamos por águas tranquilas, seguindo o percurso que sei que meu navio fará para chegar a Siracusa, de forma que podemos encontrá-lo a qualquer momento. Embora o capitão se mostre simpático e prestativo, não baixo a guarda com ele, pois todo o cuidado com essa gente é pouco.

É fim de tarde quando o avisto ao longe, glorioso, imponente com suas velas brancas içadas, navegando rapidamente na nossa direção. Ali mesmo ancoramos, balançando a bandeira branca sinalizando que pare e logo ele atraca também, meu velho amigo Amaro reconhecendo-me de longe.

— Que surpresa vê-lo novamente tão cedo. — Diz Amaro, quando os navios se juntam.

— A saudade de você estava tão grande que não agüentei. — Brinco. — Jogue a ponte, estou com minha esposa e filho.

Seus olhos expressam surpresa, quando me obedece de imediato.

Vou até a cabine no interior do navio sarraceno, encontrando Annabella com meu filho, prontos para partir. Nem precisei contar a novidade a ela, pois deduziu ao ver o navio atracar.

— Pronta para conhecer seu novo lar? — Pergunto.

— Prontíssima. — Ela responde animada.

Quando deixamos a cabine, atravessando o convés, percebo a forma cobiçosa, indisfarçada, com que os marujos olham para ela e faço questão de manter meus braços em trono do seu corpo, para que não tenham duvida de que pertence a mim.

Antes de sair, entrego a segunda e ultima parte do pagamento em moedas de ouro ao capitão, agradecendo imensamente pelo perigoso serviço prestado. Ele afirma que se é para afrontar o duque de Siracusa, faria tudo de novo.

Atravessamos a estreita ponte estendida entre os dois navios, eu segurando meu filho nos braços, alcançando este que pertence a mim, o maior e mais imponente entre ambos.

Imediatamente Amaro ordena a um dos homens que puxem a ponte.

— Amaro, este é meu filho, Ferdinando II. — Mostro-lhe o bebê, que dorme profundamente. — E esta é minha esposa Annabella.

— Parabéns. Você tem uma linda família. — Fala, deslocando seu olhar do meu rosto para o de Annabella, visivelmente desconfiado. Certamente ouviu algum boato de que eu me casaria com a filha do duque de Siracusa e sabe que o nome dela não é Annabella. Felizmente é discreto e educado demais para perguntar.

Observamos o navio sarraceno afastar-se, retornando por onde veio.

— Então, vamos prosseguir na viagem? — Amaro pergunta.

— Na verdade, queremos retornar para o mais longe possível da Sicília. — Falo. — De onde vocês estão vindo?

— Da França. Estamos carregando moveis. Se não entregarmos na Sicília o prejuízo será quase irreparável. — A desconfiança no olhar dele se intensifica.

— Não se preocupe com isso. Posso repor o valor da carga. Agora vamos, faça o retorno.

Sem esperar resposta, deixo o convés, carregando meu filho, ao lado de Annabella, sob o olhar curioso da tripulação, indo para o interior da grande embarcação que conheço como a palma da minha mão, onde praticamente fui criado.

Como a cabine do capitão, a maior e mais luxuosas de todas, está ocupada por Amaro, nos dirigimos para outra qualquer, onde o bebê pode dormir mais confortavelmente e onde Annabella

esteja protegida dos olhares maliciosos dos marujos.

— Senhor, não conseguirei ficar aqui o tempo todo. — Annabella fala, observando o pequeno espaço a nossa volta, o qual é mobiliado por uma pequena beliche.

Deito Ferdinando II em um dos leitos e viro-me para ela.

— E nem precisará, meu amor. Este navio agora é o nosso lar, você pode ir e vir onde e quando quiser. Mas precisamos ter calma, esperar que os homens se acostumem a ter uma mulher a bordo, afinal nunca tiveram.

Vejo que está incomodada e acaricio sua face rosada com a ponta dos dedos, afim de dissipar a ruga que se forma na sua testa e o simples toque traz uma inesperada explosão de emoções dentro de mim. Não apenas pela certeza de que estamos livres da tirania do rei, que podemos viver nossas vidas em paz daqui em diante, mas por saber que ela é minha, para amar pelo resto das nossas vidas.

Como se contagiada pelo turbilhão de emoções que fluem dentro de mim, ela fixa seu olhar no meu e as palavras se tornam desnecessárias para sabermos o quanto amamos um ao outro.

— Eu te amo tanto. — Por alguma razão as palavras escapam da minha boca.

— Eu também te amo.

Como se seguisse a um instinto, ela umedece os lábios com a língua, num convite ao qual sou incapaz de resistir e levo minha boca até a sua, passando minha língua sobre seu lábio inferior, depois sobre o superior, sem pressa em apossar-me deles, pois agora sei que serão meus pelo resto da vida, tenho a eternidade para saboreá-los.

Agarro-a pela cintura, puxando-a para mim, nossos corpos se unindo, experimentando o calor um do outro, o que me leva a mergulhar naquele mar de luxuria que clama por ser saciado em um contato mais íntimo com ela.

Quando esfrego minha ereção na altura do seu ventre, por sob os tecidos das roupas, ela solta um gemido abafado, afundando os dedos nos meus cabelos, chupando minha língua, avidamente.

A fragilidade do seu corpo estremecendo de encontro ao meu é quase de enlouquecer, preciso possuí-la, agora ou morrerei.

Sem conseguir raciocinar claramente, levo minhas mãos aos cordões que amarram seu vestido nas costas, arrancando-os, descendo a roupa pelos seus ombros e colo, desnudando seus peitos redondos, firmes, pequenos, fechando minha mão em torno de um deles, deliciado com, sua maciez. Levo minha boca até o mamilo rosado, chupando-o com força, sentindo-o endurecer, ao passo em que Annabella sibila, puxando o ar pela boca, seus dedos contornando os músculos dos meus ombros, delicadamente.

Quero amarrá-la, vender seus olhos para que tenha a capacidade apenas de me sentir, mas não temos espaço, então tiro o resto do seu vestido pelos pés, deixando-a completamente nua, linda, sua pele arrepiada, e ajoelho-me diante dela, fazendo-a abrir as pernas, jogando uma delas em cima do meu ombro, de modo que tenho sua boceta pequena, cheirosa, arreganhada diante do meu rosto, úmida, inchada, ansiando por ser tocada. E não a deixo mais esperar, enterro minha língua entre seus lábios vaginais, experimentando seu sabor de fêmea, maravilhado.

Percorro minha língua da entrada da sua vagina até seu clitóris, repetidamente, sentindo-a arquejar de encontro aos meus movimentos, gemendo, dengosamente, puxando meus cabelos, excitando-me um pouco mais.

Enfio um dedo na sua vagina apertada, lambuzada, que lateja quente de encontro à minha carne,

sugando-a, os quadris se movendo ao passo em que meu dedo entra e sai e não resisto a isto. Coloque-me em pé, tirando minha túnica pela cabeça, baixando o saio, tirando meu pau duro como uma pedra.

Sem que eu espere, ela se ajoelha no chão colocando-o na boca, mamando gostoso, levando-o até sua garganta, deliciando-se com meu líquidos que se misturam à sua saliva. Parece uma cadelinha no cio quando coloca minhas bolas na boca, lambendo-a, e minha mão esquentada para dar-lhe umas boas palmadas no traseiro, por ser tão safada, enlouquecedora, despertando toda esta paixão dentro de mim.

Estou quase gozando e por mais que queira encher sua boca, preciso, com urgência, sentir o calor da sua vagina lambuzada me apertando, sugando meu pau como fez com meu dedo, então a detenho, segurando-a pelo queixo, levantando-a. Fito-a diretamente nos olhos, vendo nela a mesma paixão que me alucina e enfio a língua na sua boca, dizendo-lhe, com este gesto, que sou seu macho, que a foderei desta forma. Depois, viro-a de frente para a parede de madeira, segurando seus cabelos firmemente, empinando seu traseiro com a outra mão, meu pau se encaixando na entrada pequena da sua vagina. Começo penetrando-a devagar, já que não temos pressa, experimentando cada centímetro daquele poço de luxúria lubrificado naturalmente. Quando estou todo dentro dela, o desejo fala mais alto que qualquer coisa e meto mais forte, mais depressa, indo fundo no seu interior, ao mesmo tempo em que espalmo minha mão na sua nádega, violentamente, sua carne macia esquentando sob meu tapa.

Ela geme, se contorce, arremete-se contra mim, pedindo mais e dou, estocando com maior brutalidade, batendo na outra nádega, com mais força.

A medida em que acelero os movimentos dentro dela, sua vagina sugando meu pau, deliciosamente, ela passa a chamar meu nome, como se dependesse do meu contato para respirar e isso é a minha perdição, vou gozar, não consigo mais esperar.

Como se sentisse meu pau endurecendo um pouco mais dentro dela, começa a convulsionar, gozando junto comigo, nós dois mergulhando naquele êxtase enlouquecedor que nos faz gritar, pronunciar palavras incompreensíveis, até relaxamos, ao mesmo tempo.

Quando nossos corpos amolecem, saio de dentro dela, virando-a para mim, seu corpo meio mole se apoiando no meu e só consigo sorrir, tomado por uma felicidade jamais antes experimentada, construída pela certeza de que pertencemos um ao outro e que nada pode nos separar. Não mais.

— Qual foi a graça? — Ela pergunta, seu rosto iluminado de satisfação, mostrando que usufrui do mesmo sentimento intenso que me faz sorrir.

— Estou sorrindo de felicidade. — Respondo, ainda lutando contra a respiração ofegante. — Nunca antes fui tão feliz na minha vida, como agora que tenho você só pra mim.

O sorriso dela se alarga antes de colar seu corpo suado no meu, abraçando-me fortemente.

— Sinto o mesmo meu amor. Agora sei que ficaremos juntos de verdade, sem nada nem ninguém no caminho. — Afasta-se, começando a se vestir.

Faço o mesmo, ajeitando meu saio de volta no lugar, colocando minha túnica.

— Já que nem meu casamento nem o seu foram consumados, acho que continuo viúvo e podemos nos casar na Espanha ou na França. O que acha?

— O senhor está pedindo minha opinião? — Subitamente, o rosto dela fica sério.

O que eu fiz de errado? Mas é claro, ela precisa de um pedido mais romântico. Como pude ser tão estúpido e falar desta forma? Preciso aprender a controlar minha arrogância, afinal Annabella

merece apenas o que há de melhor em mim. Por mais que os anos ao lado de Fiorenza tenham me transformado num ogro, um ser cheio de ódio, ainda consigo ser um cavalheiro.

Estando completamente vestido, ajoelho-me diante dela e da sua expressão surpresa. Seguro sua mão delicada e com tom solene, falo:

— Annabella Gallucci, você aceitaria se casar comigo?

Ela sorri, seus olhos refletindo pura emoção. Com a voz ligeiramente tremula, responde:

— Sim, meu amor. É tudo o que mais quero.

Levanto-me a procuro seus lábios com os meus, num beijo lento, sem a mínima pressa.

— Não hesite em me corrigir quando eu estiver errado. Sei que não tenho agido como se deve com você desde que nos conhecemos, mas estou disposto a mudar. Porque te amo. Você é a mulher da minha vida e quero envelhecer ao seu lado.

— Todos nós erramos, meu senhor, não quero que mudes, mas apenas que esqueça as dores do passado que te fizeram agir de forma errada, assim se revelará o ser humano maravilhoso que realmente é.

Gratidão é o que sinto por ela ser capaz de me compreender e me aceitar com todos os meus defeitos. Quero dizer isso a ela, em um beijo mais demorado, mas nesse instante meu unigênito acorda, balbuciando, sem chorar.

Vou até ele, segurando-o nos meus braços, duplamente apaixonado.

— Está vendo Annabella? Ele gosta tanto do mar que sequer chorou ao acordar. Será capitão de um grande navio ao crescer, como foi seu pai e seu avô.

Annabella nos observa sorrindo largamente.

Quando deixo a cabine ainda naquela tarde, subindo para o convés junto com minha família, observando a imensidão do mar a nossa volta, a sensação que me toma é de uma profunda liberdade, aquela que esperei sem saber durante todos os doze longos anos em que vivi infeliz entre as paredes de pedras aprisionadoras do castelo, em meio ao luxo, à riqueza e ao poder que não me trouxeram nada além da amargura. A única coisa boa que encontrei ali foi minha querida Annabella, o resto quero apenas apagar da minha memória.

CAPÍTULO BÔNUS

Um ano depois.

Annabella.

Eu e Ferdinando nos casamos no navio, ancorados em águas espanholas onde não havia um senhor para roubar minha prima noite. Foi uma cerimônia simples, com apenas os marujos e suas esposas como convidados. A parte difícil foi eu compreender o que o padre dizia naquela língua estranha, mas precisávamos que fosse distante da Sicília, onde ninguém tinha o conhecimento de que, perante as leis, já éramos casados.

Nunca mais voltamos ao meu país de origem após nossa fuga.

Desde então vivemos em alto mar, transportando as mais diversas cargas nos países da Europa. Ferdinando voltou a ser o capitão do navio, transformando-o no nosso lar permanente, de modo que a maior e mais luxuosa cabine é nosso ninho de amor.

Lola, a esposa do cozinheiro foi nomeada preceptora de Ferdinando II e, junto com as esposas de alguns outros marujos, nos acompanha em todas as jornadas, me fazendo sentir melhor que nas primeiras viagens, quando era a única mulher a bordo.

Desde o início da minha empreitada de navegante ainda não tinha enjoado com o balanço do mar, porém nos dois últimos dias isto está se tornando um incômodo.

— Senhora, não acha que devemos pedir ao capitão para voltarmos à cidade enquanto ainda não nos afastamos muito? — Sugere Lola, a preceptora baixinha e parruda, enquanto vigia os primeiros e afoitos passos de Ferdinandinho pelo convés, vendo-me debruçada sobre o púlpito da proa, vomitando nas águas salgadas.

— Não quero preocupá-lo com bobagens. Isso aconteceu ontem, mas foi apenas pela manhã, logo melhorarei. — Respondo, meu estomago ainda embrulhando.

— Você sente tonturas quando vomita? — Pergunta Olga, a esposa de outro marujo que acaba de entrar no convés.

Vômito um pouco mais antes de conseguir responder a ela.

— Sim, muitas tonturas.

— Runf! Conheço esses sintomas, já passei por isso três vezes. Você não está doente, está grávida.

Fito-a perplexa, sem saber o que pensar, ou melhor, imaginando como Ferdinando reagirá a um notícia dessas. Já temos o pequeno Ferdinandinho para tomarmos de conta, receio que ele possa não querer outro herdeiro.

— Você acha? — Preciso de uma certeza.

— Tenho certeza. Conheço essa pele pálida, cheia de espinhas. Suas regras estão atrasadas?

Penso nisso e nem me lembro da ultima vez que menstruei. Ela está certa, estou esperando um filho! Sou invadida por uma infinita felicidade que nem mesmo a hipotética rejeição de Ferdinando poderá destruir.

— Vou pedir a Gonçalo que prepare um almoço especial pra você e o capitão na cabine, para que você dê a noticia. — Lola diz animada, correndo atrás do sapequinha que não pára um minuto.

— Acho melhor você ficar sentada. Esses enjôos normalmente ocorrem pela manhã, daqui a pouco passa, mas enquanto isso é melhor não se esforçar muito. — Completa Olga.

Faço o que ela diz, sentando-me em um dos botes ali mesmo na proa, sob o sol fraco daquela manhã de verão, o estomago ainda embrulhado, melhorando aos poucos.

— Fique aqui que vamos arrumar tudo para o almoço especial de vocês. — Lola pega Ferdinandinho no colo, segurando-o com apenas um dos braços, puxando Olga com a outra mão, desaparecendo navio adentro.

Deliciada com o vento que me acaricia e com o sol que me aquece, adormeço ali mesmo, feliz e ao mesmo tempo apreensiva com a reação de Ferdinando ao saber da novidade.

Sinto muita fome quando acordo, felizmente sem aquele enjôo incomodo e parto direto para a cozinha, em busca de algum alimento, deparando-me com Lola durante o trajeto.

— Está tudo pronto Annabella. — Diz ela com aquela sua animação de sempre. — Arrumamos a mesa na cabine de vocês. Agora vá pra lá, se produza um pouco e espere pelo capitão.

— Antes vou à cozinha comer alguma coisa. — Estou quase desesperada.

— Eu sei que agora você precisa comer por dois, mas agüente um pouco mais. Agora vá e arrume-se.

Sei o quanto ela pode ser insistentemente persuasiva, portanto recuso-me a discordar e faço o que ela quer, indo à cabine. Chegando lá surpreendo-me com a arrumação: há uma pequena mesa ao centro do cômodo, forrada com cetim, enfeitada com flores, iluminada por velas, com apenas duas cadeiras uma de cada lado, sobre a qual há um apetitoso frango assado, arroz e frutas. Meu estomago ronca alto ao sentir o cheiro da comida, mas se é uma ocasião especial, vou esperar Ferdinando.

Não compreendo porque Lola me mandou me arrumar tantas vezes, há algo errado com minha aparência? Ao colocar-me diante da placa de metal, observando meu reflexo, compreendo o que ela queria dizer: tenho os cabelos completamente emaranhados pelo vento, o vestido amarrotado e a pele queimada de sol, apesar de que gosto da cor dourada que adquiriu. Rapidamente, solto os cabelos, ajeitando-os, prendendo-os numa única trança atrás da cabeça, ajeito o vestido, tirando a sobreveste e não há tempo para mais nada, pois Ferdinando entra.

Suspiro ao olhar para ele, está lindo como sempre, mostrando-se altivo, imponente na sua túnica marrom, amarrada na cintura, seus cabelos crescidos estão soltos, caindo-lhe sobre o rosto, ressaltando o azul claro dos seus olhos em contraste com o negro. Sua aparência é tão máscula que se torna impossível não amá-lo.

— Alguma comemoração? — Pergunta, erguendo uma sobrancelha, depois de observar a mesa pronta.

Meu estomago revira, não pelo enjôo desta vez, mas pelo receio da sua reação ao saber que será pai pela segunda vez.

— Sim, há algo que preciso lhe dizer. — Observo seus olhos, fixos no meu rosto, tornarem-se curiosos. — Mas gostaria que comêssemos primeiro. — Estou nervosa e morrendo de fome.

Ele fita-me em silêncio por um longo momento, seus olhos curiosos tentando decifrar minha expressão, quando então faço minha melhor cara de paisagem.

— Vamos comer então, embora ache difícil fazer a comida descer pela minha garganta sem saber o que você tem a me dizer.

Sentamo-nos à mesa, diante um do outro, servindo-nos. As meninas pensaram em tudo mesmo, inclusive substituíram o vinho que ele tanto apreciava durante as refeições por suco de laranja, por causa do meu estado.

Um silêncio tenso paira entre nós enquanto comemos.

— Então, como estão as negociações das cargas com os mercadores? — Pergunto, com o objetivo de quebrar o silêncio, além de descontraí-lo um pouco antes de lhe dar a notícia, pois sei o quanto gosta de falar sobre o trabalho.

— Você nunca se interessou pelo trabalho. Por que esse assunto agora?

Droga! Ele não está colaborando pra a redução da minha hesitação.

— Só queria puxar assunto, você está muito calado.

— Já chega! Diga logo o que tem a dizer porque essa curiosidade está me roendo por dentro.

Pronto, agora não há mais como adiar e olha que ainda nem terminamos a refeição.

Mordo mais um pedaço do frango antes de falar:

— Minhas regras estão atrasadas e estou com enjoos. Lola e Olga acham que estou grávida.

Os olhos dele se arregalam, refletindo perplexidade. Ah, meu Deus, estou ferrada. Observa-me assim por um longo tempo, como se processasse minha informação. Quando se move é para deixar seu lugar, circundando a mesa, alcançando-me. Toma-me nos seus braços, seu rosto se iluminando de alegria, lindamente.

— Ah, meu amor, por que toda essa hesitação em me dizer uma coisa maravilhosa dessas? — Aperta-me de encontro ao seu corpo, cuidadosamente.

Meu sorriso é instantâneo, todo o meu corpo relaxando de alívio, estremecendo de puro contentamento.

— Eu não sabia se você ia gostar de ter outro filho.

Ele afasta-se um pouco, o suficiente para fitar-me no rosto. Segura minha face entre suas mãos, dizendo:

— Como assim não ia gostar? Eu amo você e tudo o que vem de você, principalmente amarei o fruto do nosso amor. — Faz uma pausa. — Ah, meu Deus, você louca para comer e eu aqui te atrapalhando. Sente-se, termine sua refeição. — Puxa a cadeira para mim.

Antes quero mostrar-lhe o quanto sua reação me deixou feliz, o quanto o amo por ser o homem maravilhoso, apaixonado que é. Então, circundo meus braços em torno do seu pescoço, levando meus lábios até os seus, contornando-os com a ponta da língua, como ele costuma fazer comigo.

Sua reação é imediata, logo seus braços estão em torno da minha cintura, apertando-me de encontro ao corpo forte, sua língua penetrando minha boca, voluptuosamente.

— Te amo tanto meu senhor. — Sussurro de encontro aos seus lábios.

— Eu também te amo meu anjo. Agora é melhor voltar para a mesa, ou serei obrigado a deixar nosso filho ou filha com fome por mais tempo que gostaria. — Sua voz é um sussurro rouco e, unida ao calor gostoso do seu corpo, me excita irremediavelmente.

— Acho que podemos esperar um pouco mais. — Falo, esfregando meu corpo no seu, deixando a

luxúria falar por mim, mostrando-lhe o quanto o quero, que minha fome por ele é maior que por qualquer alimento.

Esquecendo-nos de tudo o mais, nos entregamos ao desejo ardente que pulsa no nosso interior, amando-nos loucamente, saciando a sede que nos consome. Apesar do meu estado, Ferdinando não se mostra delicado ao me tomar, mas bruto como de costume, do jeito que me leva àquela doce loucura na qual quero estar mergulhada para o resto da vida.

Alguns meses depois dou à luz a uma menina linda, de cabelos dourados, cacheados como os de um anjo e os olhos azuis, a quem chamamos de Gabriela, porque dizem na Espanha que é nome de um anjo. Permanecemos em terra firme durante os primeiros meses de vida dela, quando Amaro volta a comandar o navio. Mas não suportamos a barulhenta cidade por muito tempo e quando Gabriela está forte o suficiente voltamos para nosso verdadeiro lar que é a imensidão dos oceanos.

Agora Ferdinandinho sabe falar. Sua primeira palavra pronunciada foi “papai”, o que deixou meu senhor todo meloso, tão diferente do macho dominante que é quando estamos a sós, nos amando.

Gabriela dá seus primeiros passinhos aos onze meses de vida, no convés do navio e todos os dias agradeço à vida pelo bizarro costume da prima noite, pois foi essa primeira noite ao lado do meu amor que nos uniu, nos permitindo nos darmos conta do amor infinito que sentimos um pelo outro.

FIM